REVISTA DA SEMANA

21 de Março de 1953 Cr$ 4,00 em todo o Brasil

GRANDE CONCURSO
VALIOSOS PRÊMIOS
VEJA CONDIÇÕES NO TEXTO



LIVROS DE BÔLSO

UM GRANDE PRAZER POR POUCO DINHEIRO





VENDAS:
RIO: AV. RIO BRANCO, 25 e OUVIDOR, 150
SÃO PAULO: RUA CONS. CRISPINIANO, 403

INTERIOR: PEÇA PELO REEMBÔLSO POSTAL ENVIANDO TALÃO ABAIXO, SOMENTE PARA O RIO!

- Manual da Vida Sexual — 174 - 20,00
- Enfermidades Sexuais — 160 - 20,00
- Métodos científicos e modernos para limitar os filhos — 87 - 20,00
- Costumes sexuais estranhos — Nº 4 — 15,00
- Guia íntimo da sexualidade — Nº 5 — 15,00
- Vença a timidez sexual — 145 — 20,00
- Problemas sexuais dos solteiros — Nº 66 — 15,00
- Práticas sexuais no matrimônio — Nº 125 — 20,00
- Estimulantes sexuais — Nº 67 — 15,00
- A felicidade sexual no casamento — Nº 3 — 15,00
- Anormalidades sexuais — Nº 95 — 20,00
- Sexo e psicanálise — Nº 1.. — ..,00
- Técnica e prática sexual — Nº 2 — 20,00
- Vigor sexual — Nº 6 — 20,00
- Estudos sôbre o amor e o sexo — Nº 91 — 15,00
- Dicionário moderno de sexo e amor — Nº 7-15,00
- Educação sexual dos filhos — 166 - 20,00
- Hábitos sexuais do homem — Nº 127 — 20,00
- Psico-sexualidade — Nº 126 — 20,00
- Como se fazer amar — Nº 23 — 15,00
- Como evitar a solidão amorosa — Nº 18 — 15,00
- A conquista amorosa — Nº 92 — 15,00
- Que é você? Mais homem ou mais mulher? — 164 — 15,00
- A arte técnica do beijo — Nº 93 — ..,00
- O que todos os homens devem saber para conquistar as mulheres — Nº 124 — 20,00
- O que toda mulher deve saber para conquistar os homens — Nº 136 — 20,00
- A arte de fazer doces — Nº 85 — 15,00
- A cozinha nortista — Nº 88 — 10,00
- Os melhores pratos da cozinha francesa — Nº 79 — 10,00
- Naná — Emile Zola — 180 - 15,00
- Grandes cortesãs I vol. — 178 - 15,00
- Grandes cortesãs II vol. — 217 - 15,00
- O banho — Emile Zola — 65 — 15,00
- A carne — Julio Ribeiro — Nº 140 — 25,00
- Os encantos da mulher nua — Nº 148 - 15,00
- Poesias de Gonçalves Dias — 84 - 10,00
- Aprenda a dirigir sozinho — 141 - 15,00
- Manual do motorista — Nº 36 — 15,00
- Guia do mecânico do automóvel — 188 - 15,00
- Enguiços do automóvel — 138 - 15,00
- Castro Alves — Os escravos — Nº 121 - 10,00
- Espumas flutuantes — Castro Alves — Nº 46 - 10,00
- A cachoeira Paulo Afonso — Castro Alves — Nº 142 — 10,00
- Poesias — Hinos do Equador — Nº 60 — 10,00
- As primaveras — Casimiro de Abreu — 175 - 10,00
- Sensualidade — 131 — 20,00
- Sensualidade — 132 — 20,00
- Sensualidade — 133 — 20,00
- O casamento — Nº 213 - 15,00
- Conquiste amizades — 161 - 15,00
- Personalidade — 183 - 15,00
- Você sabe conversar? — 186 - 15,00
- Regras para vencer na vida — 182 - 15,00
- Regras de etiqueta social — 149 — 15,00
- Aprenda a dançar sem mestre — 170 - 15,00
- Filosofia da vida e do prazer — 167 - 15,00
- Desenvolva a memória — 82 — 10,00
- Assim se emagrece comendo — 156 - 15,00
- Elimine o seu complexo de inferioridade — Nº 139 — 20,00
- Teoria e prática do existencialismo — 172 - 15,00
- Datilografia sem mestre — Nº 96 — 15,00
- Rádio para principiantes — 146 — 15,00
- Fórmulas para ganhar dinheiro — 153 - 15,00
- 1001 informações úteis — 192 - 15,00
- Contos do vigário — 185 - 15,00
- Anedotas — 169 - 15,00
- Testes de inteligência — Nº 78 - 10,00
- Fatos curiosos e inacreditáveis — 151 — 15,00
- Curiosidades e extravagâncias — 150 - 15,00
- Enxertia prática — 50 — 15,00
- Formulário de correspondência social e familiar — 162 - 15,00
- A besta humana — 215 - 10,00
- Regras oficiais do futebol — 190 - 15,00
- Basquetebol — 211 - 15,00
- Natação sem mestre — 135 - 15,00
- Jiu-jitsu sem mestre — 129 — 15,00
- Guia de massagens — 187 - 15,00
- Dicionário de nomes próprios — 193 - 15,00
- Discursos para tôdas as ocasiões — Nº 122 — 15,00
- Modelos de cartas para todos os fins — Nº 90 — 15,00
- Modelos cartas comerciais — Nº 143 — 15,00
- Manoel Macêdo — Cartas de amor — Nº 20 — 15,00
- Manoel Macêdo — Correspondência amorosa — Nº 21 — 15,00
- Declarações de amor — 165 - 15,00
- A ortografia correta — 168 - 15,00
- Erros de português e suas correções — Nº 26 — 15,00
- Fala e escreve corretamente a tua língua — Nº 27 — 15,00
- Certo ou errado? — Nº 69 — 15,00
- Vocabulário ortográfico de bôlso — 89 - 40,00
- Dicionário espanhol-português e português-espanhol — 150 - 30,00
- Yes sir! Inglês sem mestre — Nº 32 — 12,00
- Francês sem mestre — Nº 25 — 12,00
- Horóscopos para todos — 197 - 15,00
- As chaves de Salomão — 198 - 15,00
- O verdadeiro livro de São Cipriano — 194 - 15,00
- A Santa Cruz de Caravaca — Nº 94 — 15,00
- As chaves ocultas do poder — Nº 11 — 15,00
- Hipnotismo prático — Nº 15 — 15,00
- Métodos para hipnotisar — 147 — 15,00
- Como interpretar os sonhos — Nº 12 — 10,00
- Como ler os pensamentos — Nº 13 — 15,00
- Como tirar a sorte — Nº 39 — 15,00
- Quiro: como ler as mãos — Nº 14 — 15,00
- Grafologia prática — Nº 64 — 15,00
- Aprenda a fazer mágicas — 158 - 15,00
- O livro das mágicas — Nº 68 — 10,00
- Jogos de cartas (regras) — 51 - 15,00
- Cock-tail de palavras cruzadas — 157 — 10,00
- Quebra-cabeças, mágicas e passatempos — Nº 22-15,00
- Táticas de xadrez — Nº 123 — 15,00

Av. Rio Branco, 25 - Dep. 3-B
(Não temos catálogo)
Peço enviar pelo REEMBOLSO POSTAL os livros cujos números indico abaixo

... ...

BASTA INDICAR O NÚMERO

(Não mande dinheiro, ou selos, nada adiantado)
Nos pedidos abaixo de CR$ 100,00 há aumento

NOME.....................
RUA.....................
LOCALIDADE.....................
ESTADO.....................



[illegible] de novembro do ano de [illegible] Stalin [illegible]bros do Govêrno da U. R. S. S. [illegible]onam delegações de campones[illegible]

A VIDA DE JOSEPH STALIN

IOSSIF Vissarionovitch Djugashvili, era o nome de batismo e de família de Josef Stálin. Seus pais, quando o mesmo nasceu, a 21 de dezembro de 1879, eram muito pobres. O velho Vissarion, sapateiro remendão, trabalhava numa fábrica de calçados perto de Tiflis, na Geórgia, e sua mulher Ekaterina, filha de camponeses pobres, cuidava da casa, onde muitas vêzes o pão era escasso. Como sucedia em tôdas as famílias da Rússia do Tsar, ter um filho sacerdote era o sonho da casa, e, logo que Josef «Iossif, em russo) chegou aos nove para dez anos, os pais o matricularam no modesto seminário de Gori, para depois concluir os estudos sacerdotais em Tiflis. Josef, desde pequeno, apresentou inclinações para as letras, estudando com dedicação. Os pais faziam sacrifícios para educá-lo e vê-lo ordenado como um pastor de almas para o reino de Deus. No seminário de Gori fêz o primeiro estágio, sendo matriculado no definitivo, em Tiflis, não tinha ainda catorze janeiros. Depois das aulas dos padres, êle passava a discutir com os colegas e os interrogava sôbre o que ouviram. Alguns explicavam segundo as lições, enquanto Josef, dizem os seus biógrafos, discordava e combatia os ensinamentos. Meses depois, às ocultas, estudava economia política, história, ciências naturais, as obras de Darwin, Lamarck, etc. Ouvindo falar no «Capital» de Marx, teve desejos de ler. Foi a uma biblioteca de aluguel e levou os volumes. Mas, o tempo era escasso e êle teria que devolver tudo no vencimento do prazo. Então lançou mão desta providência sòmente conhecida nos tempos dos conventos medievais: copiou a mão, ficando com a papelada, devolvendo os originais. Sem que os diretores soubessem, fundou no seminário um «Círculo de Estudos Científicos», que chegou a ter mais de cem colegas. As aulas eram à noite, no dormitório. Não tardou que fôssem descobertos. Vissarionovitch foi expulso a bem da disciplina. Estava então com catorze anos e ingressou nos meios operários, onde começou a falar de questões sociais em linguagem não ouvida pela maioria do proletariado de sua província. A polícia o persegue e êle não tem mais onde reunir os «alunos». Então recorre a um extremo: vão fazer assembléias

DE SEMINARISTA A AGITADOR ★ PRÊSO NA SIBÉRIA, FUGIU SEIS VÊZES ★ CURADO DE TUBERCULOSE PELO CONGELAMENTO ★ AFINAL NO PODER SUPREMO ATÉ A MORTE



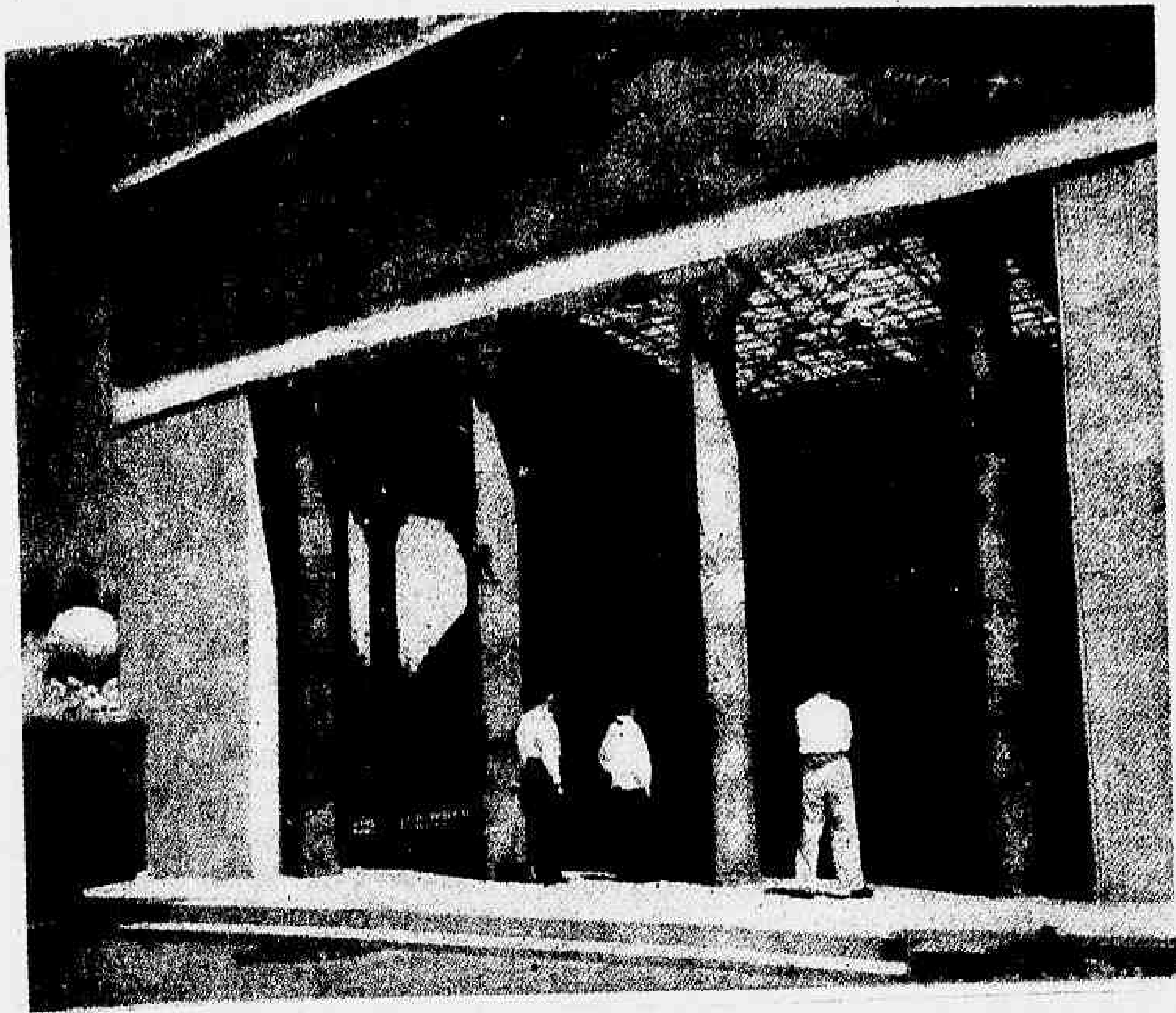


As sêcas em grandes regiões da Rússia eram uma calamidade periódica. Nesta gravura diz o Govêrno russo: «Nós venceremos as sêcas»



O Chefe do Estado russo quando em passeio no jardim do Kremlin.

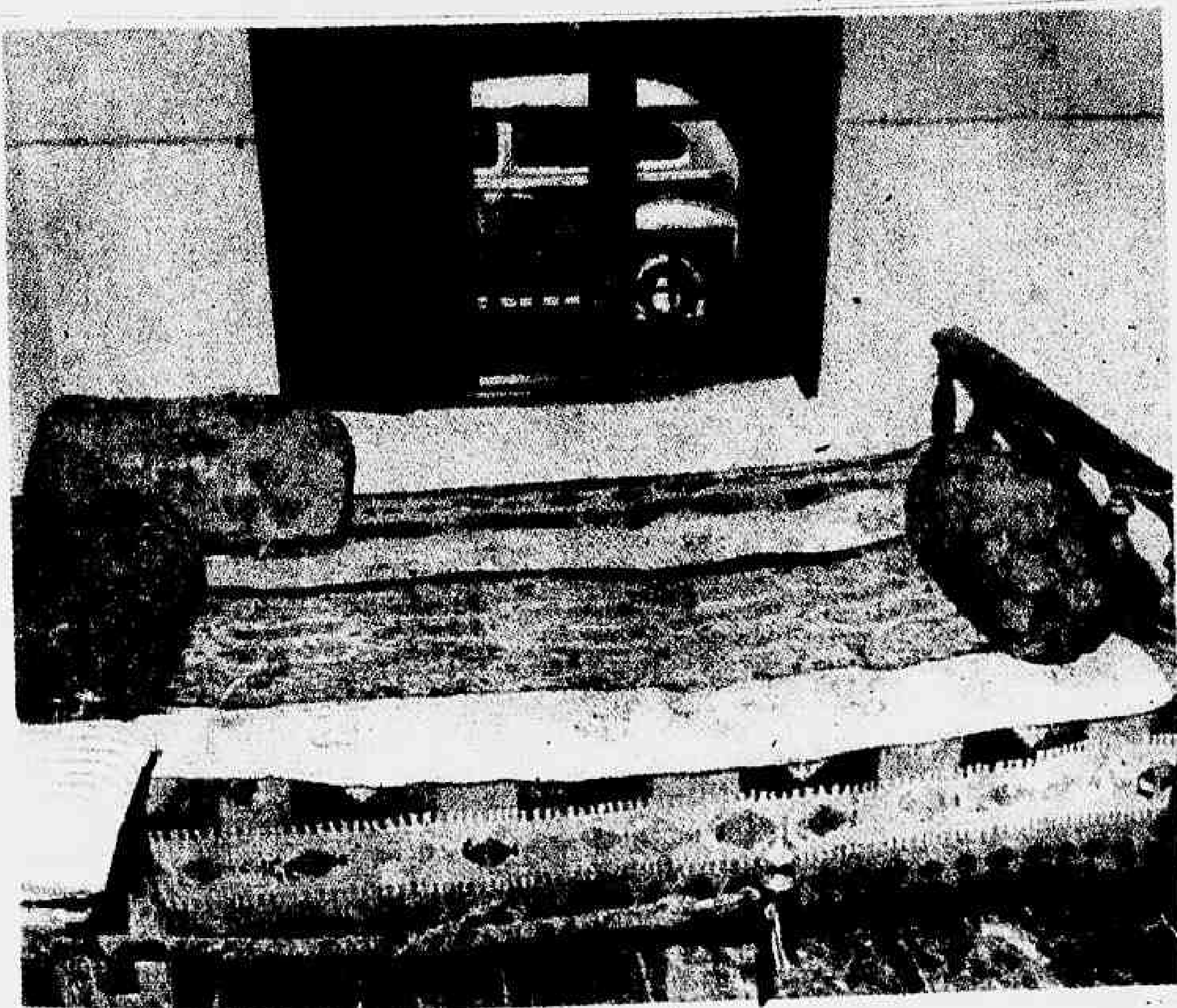
no cemitério de Tiflis, altas horas da noite, fazendo dos túmulos as «bancadas» das sessões. Enquanto êle e outros falam, os vigias olham o caminho para o alarma e debandada. Os policiais da «Okrana» (polícia secreta do Tsar) descobrem as reuniões e há prisões. O perigoso elemento levou, durante anos, uma vida das mais atribuladas. Lançou mão de vários pseudônimos para escapar da polícia: Sosso, Koba, David, Niyeradze, Tschiykov, Ivanovitch, Vassilov e outros. Quando era metido no cárcere, arranjava meios de falar aos outros sentenciados e ia lançando entre êles as idéias revolucionárias contra o govêrno do Tsar. Escrevia cartas aos seus amigos em liberdade, mandava-lhes manifestos, conselhos, orientação, etc. Quando fugia da prisão, ia fomentar greves nas fábricas, enfrentando fôrças policiais com ordem de atirar para matar. A 1º de maio de 1902, chefiava uma greve em Batum, quando a polícia dispersou os manifestantes, matando 15 e ferindo 55. Atuando em Baku, conseguiu o primeiro contrato de trabalho russo entre os trabalhadores. De 1902 a 1913, «visitou» por sete vêzes as prisões da Sibéria, fugindo seis vêzes. Daí começa o seu conhecimento com as idéias de Lênin, que, do exterior, divulgava o marxismo e organizava a revolução socialista. O revolucionário georgiano adoece nos gelados campos do deserto Ienissei e fica tuberculoso. Então os outros presos lhe diziam: «O frio da Sibéria, ou acaba com a doença, ou com o doente». Mas uma tempestade de neve, conhecida pelo nome de «purga» pegou Iossif de jeito e êle foi levado através de um rio gelado até uma cabana onde receberam como um fantasma dentro de um bloco de gêlo. Depois que o retiraram daquele «estôjo» e o reanimaram, dormiu quase vinte horas. E curou-se da tísica. Voltou a conspirar, fundando uma oficina clandestina, numa galeria de esgôto, a «Avlabar», por onde se descia por um poço. A polícia prendeu os revolucionários e êles foram para as grades cantando a «Marselhesa». Daí por diante foi cognominado «Homem de Aço» (Stálin), tendo êle adotado o batismo para o resto da vida. Em 1917 ia Stálin sofrer, mais uma vez, os rigores da prisão na Sibéria, quando saía de um concêrto em benefício do «Pravda», da qual era redator-chefe e Molotov, o secretário. Deportado para a aldeia de Kureika, no Polo Norte, de onde foi libertá-lo a revolução triunfante. A contra-revolução exigiu dêle sacrifícios tremendos, pois, onde houvesse situação difícil para lá o mandavam os chefes da revolução. Stálin, porém, nunca enjeitou missão e delas sempre se saiu vitorioso. Os últimos soldados invasores da



O lugar em que Stálin nasceu, a 21 de dezembro de 1879, é hoje local de peregrinagem de quem vai à Geórgia, espécie de Meca de todos os russos.



Mesa em que Stálin, ainda menino, em Gori, estudava para o seminário onde sua mãe esperava que êle se tornasse um padre de sua religião.



Cama em que sua mãe Ekaterina Svanidze deu à luz seu filho, batizando-o com o nome de Josef, em homenagem ao Natal que se aproximava.



Stálin, meses depois de ser expulso do Seminário de Tiflis, aos 15 anos, torna-se revolucionário.



Em plena campanha revolucionária, era rude com os camaradas para impor-lhes a disciplina.



«É impossível vencer o inimigo sem aprender a odiá-lo com tôda a fôrça de nossa alma», disse.



Já em 1926, Stálin batia palmas àqueles que lutavam para conduzir a URSS para o socialismo.



O chefe do povo russo num flagrante oratório, quando se processava a guerra civil no país.



Não era expansivo; mas falando de suas aventuras de subversor da ordem tsarista, sorria.



Stálin ao lado de Lênin, pouco tempo antes da morte dêste, em 1924, vitimado, como o ditador russo, por uma comoção cerebral mais benigna.



Numa campanha entre trabalhadores da Ford, em Dearborn, Michigan, 600 operários puseram uma fantasia à Stálin, como propaganda anticomunista.



Rússia depois da paz de Brest-Litovski, foram os japonêses, em 1922. Daí por diante, Stálin, como ditador e braço de ferro por sua vez não teve piedade quando era preciso castigar os adversários do regime que estava implantado. Quando Adolfo Hitler lhe ofereceu um tratado de não-agressão, Stálin aceitou; mas, quando, em junho de 1941, o «fuehrer» ordenou a invasão da URSS, Stálin chefiou a resistência para o que contou com a bravura do povo, a organização do país, (na simpática posição de nação invadida) e com a ajuda dos Estados Unidos e da Inglaterra aos quais fêz públicos apelos. A defesa russa foi épica. Quando as tropas germânicas chegavam às portas de Moscou, Stálin assumiu o comando geral das fôrças. Ao findar a guerra, tinha a Rússia perdido 17 500 000 homens, destruídas 1 700 cidades, 70 mil aldeias, 6 milhões de casas, 31 850 emprêsas industriais, 100 000 organizações agrícolas, 65 000 quilômetros de estradas de ferro, 40 mil hospitais, 84 mil escolas, havendo nas regiões arrasadas, 25 milhões de pessoas sem abrigo. Mas tudo indica que é considerável a recuperação de após-guerra. Para uns a obra de Stálin já estava polìticamente concluída com a consolidação do novo regime; para outros o alicerce da atual situação soviética ainda era a pessoa do ditador agora desaparecido. O futuro dirá a última palavra.

Stálin levando nos braços sua filha, então ainda muito jovem, e quando ainda não estava êle seguro da vitória do movimento revolucionário.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 12 ★ 21-3-53

SUMÁRIO:

A vida de Josef Stálin 3/ 6
De bilheteiro a milionário ... 15/17
Carnaval em Salvador 18/19
A galinha dos ovos de ouro . 23/25
Epidemia de tarados 26/27
Comeu água e bebeu peixe .. 31/33
Carnaval em Curitiba e Pôrto Alegre 36/37
O crepúsculo de Mossoró 49/53

★

A lição das sêcas 7
Sofrimento de um louco (conto) 11/42
A Bem-Amada (Romance) 12/13
Um herói (conto) 14/38
Semana Literária 34

★

A semana em revista 8/ 9
A personagem da semana ... 9
Lido... Visto... Ouvido... .... 20/21
Conta-me teus sonhos 22
Êste mundo e o outro 35
Passatempo 38
A Revista há 50 anos 39
Arabelle 41
Último flash 54

★

A saúde do bebê 40
À luz da psicanálise 42
As mais bem vestidas 43
Juvenis e graciosas 44/45
Week-end na cozinha 46
Falando de etiquêta 47
Sugestões para o lar 47

CAPA: Dianna Lyin (Paramount)

Diretor: GRATULIANO BRITO — Assistente: RENATO DE ALENCAR — Reportagens: NA-POLEAO AGUSTIN LOPES — Paginação: VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA — Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

★

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e de Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito. 1818 N. Whitley — Ave. — apto. — 202, Hollywood 28, California. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 52 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .... Cr$ 200,00
Seis meses .... Cr$ 100,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 230,00
Seis meses .... Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 350,00
Seis meses .... Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

EM SAO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino. Rua Capitão Salomão, 59. Telefone: 34-15-69. Publicidade: J. Gomes Bastos. Praça Ramos de Azevedo, 209 — Salas: 704-705.

A LIÇÃO DAS SÊCAS

TODOS ESTAMOS acompanhando com emoção êsse extraordinário movimento nacional de solidariedade, em favor dos flagelados, todos tendo diante dos olhos o mesmo espetáculo de desolação — os campos calcinados, a paisagem deserta, os homens desesperados, as mulheres morrendo de fome e resignação, as crianças sem fôrça nem para chorar, os animais em carniça, a ronda dos urubus no céu metálico, pousados nas árvores nuas, corvejando entre carcassas... Mas, assistindo-a, compartilhando dessa campanha de socorro que mobiliza todo o país, de seus dirigentes ao mais anônimo e ao mais pobre dos brasileiros — aquêle que tira metade de seu pão magro, para mandar às vítimas da sêca, logo nos ocorre uma indagação cruel: como compreender um povo capaz de se mobilizar totalmente, em tôdas as suas classes, ricos, pobres e remediados, marchando ombro a ombro, em tôdas as regiões do Brasil e, ao mesmo tempo verificar que as tristes contingências atuais poderiam não existir, se êsse mesmo povo, em vez desta explosão cívico-filantrópica, em lugar de esquecer o problema da sêca em longa hibernação na indiferença, fizesse esfôrço muito menor, porém metódico, continuado, constante, em favor dos nordestinos?

● Nem nos venham dizer que o povo, agora entregue a essa heróica e benemérita campanha, nada tem a ver com o problema, foi colhido na surprêsa ou na ignorância, pensava que existiam açudes, irrigação, chuvas periódicas no polígono fatal... O povo não pode se desfazer de sua responsabilidade no drama nordestino. E deve ser mais humilde e mais generoso nas suas dádivas, essas que nossos irmãos mártires recebem, sim, porque não têm mesmo outro recurso. Vamos ser justos: o govêrno somos nós os que o fazemos pelas urnas ou pelas armas. O govêrno não cuida do assunto? Que fazemos nós, nossos votos, nossas fôrças armadas, nossos deputados e nossos senadores? Que fazem nossos grandes jornais, nossas potentes estações de rádio, nossos escritores de prestígio, nossos líderes populares, nossos milionários, nossos comendadores? Nós é que temos culpa, nós que, agora, estamos correndo a praticar tôdas as obras de misericórdia, sem que de forma alguma matemos ao irmão nordestino, nem a sêde, nem a fome, nem a dor de coração, a tristeza dos olhos e da alma — diante da paisagem crestada e da certeza de que aquilo é para tôda a vida.

● Nós, os filantropos da undécima hora, sobressaltados repentinamente pela descrição do horror que lavra no Nordeste, não precisamos nos envaidecer dos baldes d'água que carregamos contra o incêndio que lavra, léguas e léguas, num largo trato da terra brasileira, crestada pelo sol implacável: fomos nós que acendemos a fogueira. Nós, que tanto nos estamos comovendo com a tragédia das sêcas podemos nos arrepender, isto sim, de sermos seus co-autores.

● Por muito que nos façamos de irmãos generosos, capazes de tirar a própria camisa, na hora da desgraça, não temos nem desculpa, nem perdão. Uma moça cearense, com os olhos molhados de lágrimas, contando-nos que havia retornado ao Brasil das longes terras em que estava viajando, para ir levar, ao fundo do sertão, um pouco de mantimentos e de carinho para os seus conterrâneos, nos disse da dor com que as vítimas da sêca recebem as esmolas que lhes mandamos: o que queriam era uma assistência permanente, obra que não os humilhasse, que não fizesse violência ao seu senso de dignidade — aquilo que lhes desse o próprio pão, para que não tivessem que comer do alheio, que lhes possibilitasse a vida na terra hostil, porém amada, terra brasileira, de brasileiros que a querem com seus defeitos e sua violência, como os filhos querem às mães, com todos os seus erros... E essa menina, que tem no coração generoso todo o calor de seu rincão cearense e todo o orgulho de sua brava gente, nos contou que tudo o que se faz no Nordeste, contra as sêcas, é transitório, de emergência, cessa logo — obras públicas, assistência, fornecimentos, verbas oficiais — desde que cai uma chuvinha em Fortaleza...

● Aprendamos a lição, que já a aprendemos muito tarde: por mais que mandemos ao Nordeste, durante uma estiagem mais calamitosa, como esta, nunca resolveremos o problema das sêcas, nem nunca seremos dignos da gratidão dos nordestinos.

EDMUNDO LYS



Os estudantes de Arquitetura da Escola de Belas-Artes desfilaram com os calouros pelas ruas centrais da cidade, à semana que passou. Tiveram muito espírito, os rapazes daquele importante e tradicional estabelecimento de ensino superior, organizando-se em «show» de críticas a coisas que o povo compreendeu e aplaudiu. O «trote», uma instituição da mocidade estudiosa do país, sempre que se reveste de criações construtivas, merece louvores. O «trote» da Arquitetura foi assim. Engraçado e construtivo, para mostrar que os estudantes daquela Faculdade sabem edificar, mesmo pilheriando. Grande multidão assistiu ao desfile, tanto na saída, como ao recolher das alegorias e piadas dos rapazes. (Foto «O Globo»)



A SEMANA EM REVISTA



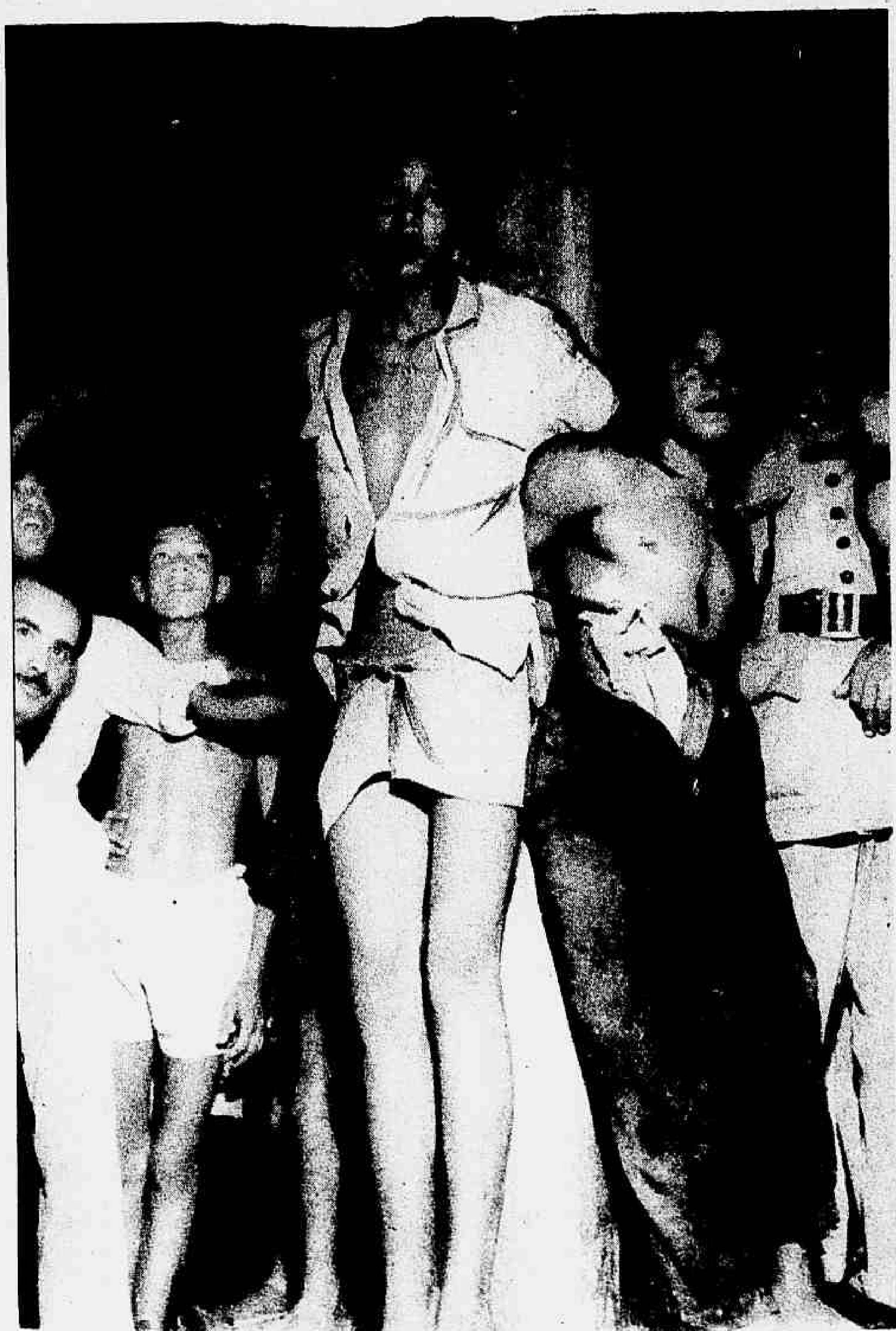


NUM PELOURINHO improvisado na esquina das ruas João Silva e Milton amanheceu esta dupla de menores gatunos, presos por populares na semana passada. O terceiro bandido fugiu. Quem desmanchou o «trabalhinho» dos delinqüentes foi o radiotécnico Almir Moreira da Silva, quando regressava ao lar e desconfiou daqueles visitantes do alheio, alta madrugada, à luz do luar. Recebido a bala, felizmente sem resultado, Almir os perseguiu acompanhado por populares despertados pelos estampidos. Agarraram dois e os amarraram a um poste até que, pela manhã, foram entregues à polícia e, dali, ao Juiz de Menores. O caso constituiu novidade e só não houve linchamento porque o brasileiro é generoso. (Foto «O Globo»)





ATÉ QUE ENFIM, vamos ter a fábrica de barrilha e soda cáustica em Cabo Frio, velho sonho dos industriais brasileiros, sob a responsabilidade da Companhia Nacional de Álcalis. Mas, por diversas circunstâncias a emprêsa não pôde realizar o seu programa, e os trabalhos estiveram paralisados até agora, quando volta o assunto à tona, mediante contrato firmado a 6 de março corrente, entre aquela Companhia e emprêsas francesas, sob garantia dos governos do Brasil e da França. O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico financiará o empreendimento com cento e oitenta milhões de cruzeiros. Na foto, o Presidente Getúlio Vargas assina os contratos, tendo discursado, além de Sua Excelência, o Ministro da Fazenda e o Embaixador da França.



A PERSONAGEM da SEMANA



GEORGE MALÊNKOV, sucessor de Stálin, nasceu a 8 de janeiro de 1902, na antiga cidade de Orenburg, hoje Chkálov, na região dos Urais, filho de trabalhadores. Tinha 17 anos quando ingressou no Exército Vermelho, em plena guerra civil. Sua dedicação ao Partido Comunista e energia no trabalho e execução dos programas nacionais, fi-
Até 1922 ocupou muitos cargos políticos de grande responsabilidade.
zeram dêle últimamente a segunda personagem depois de Stálin.
fazendo o Curso da Escola de Altos Estudos Técnicos até 1925, tendo sido secretário particular de Stálin, até 1930, e considerado como um dos grandes da política interna da URSS, em fevereiro de 1941, com um discurso sensacional, criticando a burocracia de alguns departamentos de Estado. Ao ser a Rússia invadida pelos alemães, em junho de 1941, foi êle incluído no Comitê de Defesa do Estado, destacando-se o seu trabalho na produção militar soviética. Em 1949, estava êle colocado nos mais altos píncaros da política do país, partilhando de todos os problemas e figurando como pessoa da confiança de Stálin. O atual Chefe do Govêrno russo é um apaixonado do marxismo e é tido pelo noticiário a seu respeito como um homem frio e culto. As atenções do mundo ocidental se voltam agora para o sucessor do georgiano, pesando em seus ombros a mais séria das responsabilidades. Sua nomeação como a dos demais novos membros do Govêrno fica sujeita à aprovação do Soviet Supremo. Mas, dada a natureza do regime vigorante na Rússia, será isto apenas uma formalidade. Malênkov é o novo ditador soviético.



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais ràpidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povôa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade, o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em bôas condições a mocinha deve ser preparada física e psicològicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador* Gesteira é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dôres durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador* Gesteira.

A acção que o *Regulador* Gesteira exerce sôbre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador* Gesteira o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos út[illegible]arianos.

Sempre a seu serviço

...atendendo a mais de mil cidades brasileiras que, através das ligações telefônicas, podem comunicar-se entre si e com as principais cidades de todo o mundo.



Servimos à região onde se encontra o maior parque industrial da América Latina e orgulhamo-nos de estar cooperando para o seu extraordinario progresso, proporcionando as comunicações necessarias aos negocios e às transações que resultam no enorme surto comercial, industrial, financeiro e social dessa região.

Mais de 32 milhões de chamadas interurbanas são completadas anualmente e, nos últimos 5 anos, mais de 140 mil novos telefones foram instalados.

Dificuldades de monta, muitas das quais fora de nosso controle, afetam, no momento, a expansão de todos os serviços de utilidade pública. Não estamos, porém, de braços cruzados — envidamos todos os nossos esforços para executar os planos de expansão que foram traçados com antecedencia.



Procuramos serví-lo sempre melhor!

Companhia Telephonica Brasileira

CTB-2

Sofrimento de Louco

O aparecimento do Lili no lugarejo em que eu residia constituiu interessante novidade para os moradores. Ninguém sabia o seu verdadeiro nome e nem de onde viera; porém, o que se percebia ràpidamente era o seu estado de loucura. Com efeito, o pobre Lili era doido. Entretanto, o seu aspecto não infundia receio; ao contrário, inspirava simpatia. Em pouco tempo, habituou-se em nosso meio e, de vez em quando, batia à porta de qualquer um de nós, solicitando almôço ou café. E o modo pelo qual expressava as palavras de agradecimento, revelando educação e maneiras distintas, causava admiração. Estivesse trajado com apuro e ninguém discordaria que fôsse um nobre orgulhoso de sua estirpe. De fato, nunca vi louco de andar tão elegante ou de porte tão altivo! Em seus momentos de lucidez, discorria, às vêzes, sôbre assuntos fora da alçada de muita gente de cérebro perfeito.

Dada a sua aparência mansa e alegre Lili tornou-se o ídolo da garotada e, não raro, viam-se os meninos, à sua volta, pedindo-lhe que cantasse ou dançasse, lá ao seu modo. As crianças batiam palmas e soltavam estrondosas gargalhadas vendo as palhaçadas do louco. E suas brincadeiras eram tão espontâneas e se enfeitava de tal modo, que qualquer pessoa que o visse, naqueles momentos, seria tomada de riso. Assim é que numa dessas ocasiões, preparou uma grande coroa de flores e, colocando-a ao pescoço, requebrava-se, em meio à criançada, perguntando: «Você conhece o Nicolau?» Aquilo foi uma festa. «E' um doido alegre mesmo aquêle Lili», exclamavam.

Conto de
RUTH TOLEDO VALADÃO

Ilustração de
JERONYMO RIBEIRO

Entretanto, o Lili, muitas vêzes, perdia aquêle natural entusiasmo e se tornava incomunicável. Então, andava de um lado para outro, fazendo gestos e conversando alto como se dirigisse a palavra a alguém que estivesse a seu lado, porém, invisível. Costumava também passar as noites falando, contínua e garbosamente, como se pronunciasse um discurso em praça pública. E não se poderia dizer de onde provinha aquela torrente de palavras estranhas e incompreensíveis... Depois de dois ou três dias voltava o Lili a ser novamente alegre e comunicativo.

Provocou surprêsa a notícia de que êle consertava máquinas de costura, relógios, etc. Não era para menos. Como poderia um louco entender daquilo? Por isso, muitas vêzes, êle trazia dinheiro das imediações por onde andava. Era a recompensa do seu trabalho. Mesmo assim, estávamos duvidosos da sua capacidade. Foi quando ocorreu o seguinte: uma senhora, minha vizinha, de nome Rosa, se viu em dificuldades com a sua máquina de costura, a qual havia apresentado um defeito. E, por mais que se esforçasse, não conseguia descobri-lo. Enquanto empregava a sua inteligência e boa-vontade na resolução daquele intrincado problema, apareceu o Lili, à sua porta, pedindo-lhe a «fineza», como sempre se expressava, de lhe arranjar uma xícara de café. E, em seguida, notando o embaraço de d. Rosa, já desiludida com o bom êxito da sua técnica, propôs-lhe, muito delicadamente, aceitasse os seus serviços. Minha vizinha, assim como os demais, não acreditava ser o Lili capaz de realizar qualquer trabalho; mas, com um pouco de relutância e apreensão, concedeu-lhe o que solicitava.

Naquele dia, o Lili dava a impressão de uma criatura perfeitamente normal. Estava num de seus «bons dias» e, depois de saborear o café que d. Rosa lhe trouxera, pôs-se a trabalhar. E, como tive ocasião de presenciar, o doido fixava a atenção

(Cont. na pág. 42)





Pierston parou um momento, enquanto sua atenção era atraída para umas senhoras que acabavam de chegar em seus carros e se encaminhavam para a entrada do palacete. Iam muito bem vestidas e usavam abrigos caros e brancos. Não lhes viu Pierston o rosto. Apenas as formas femininas. Imediatamente sentiu como que um aviso de que, naquela noite, voltaria a encontrar sua Bem-Amada, a qual, depois de estar oculta durante tanto tempo, surgiria para seduzi-lo. Apesar de múltiplas transformações externas, conhecia êle muito bem aquêle fluídico feitiço de seu olhar, a música daquela voz, aquêle movimento de cabeça, e êle sem nenhum esfôrço a reconheceria sob qualquer vestido, maneira de falar ou porte, qualquer que fôsse o disfarce de que lançasse mão para despistá-lo.

A outra conjectura de Pierston, de que, naquela noite, teria de atuar como se fôsse político militante, confirmou-se, mal êle chegava ao vestíbulo, onde se notava um fervedouro de gente a encher tôda a extensão da escada, através de cujas palestras êle verificara que o assunto principal era sôbre política, com seus casos sensacionais.

Logo que a condêssa anfitriã deu com os olhos de Jocelyn, foi-lhe ao encontro:

— Em que deserto se meteu você, durante tanto tempo, jovem Pierston!

O escultor apertou-lhe a mão, sem muito entusiasmo.

— Ah! sim... tem razão — volveu ela recordando que Pierston havia perdido o pai.

A condêssa era uma mulher muito fina, de hábitos muito naturais, atraente e de veia jocosa, sempre bem-humorada. Era dotada de muita simpatia pessoal e vivacidade feminina.

Depois passou a narrar-lhe o escândalo verificado no partido político a que ela pertencia, escândalo êsse resultante da crise política do govêrno de então. Quanto a ela, havia jurado abandonar para sempre a política em conseqüência dêsse escândalo, pelo que êle iria ver nela uma pessoa mais neutra do que em qualquer outra época. A essa altura acabavam de chegar vários outros convidados, e Pierston resolveu dar umas voltas pelos salões.

Vendo-o a andar de um lado para outro, perguntou-lhe a condêssa, com tôda a amabilidade:

— Parece-me que você está a procurar alguém, não é verdade?

— Sim, a uma senhora — respondeu Pierston.

— Diga-me como se chama e verei se está aqui.

— Não posso dizer-lhe o nome, porque eu ignoro.

— Assim? E como é ela?

— Não posso descrevê-la, nem quanto ao seu porte, nem mesmo quanto ao seu traje.

A condêssa fêz um gesto de descrença, como se compreendesse que Pierston estava a pilheriar com ela. E o escultor se misturou com outros convidados. O certo é que Pierston, por um instante, imaginou ter feito o sensacional descobrimento de que a Bem-Amada em cuja busca estava, não era outra que não a própria dona da casa com quem acabava de falar, a qual se era sempre tão encantadora, muito mais estava naquela noite. Pressentia a consternadora burla de sua Bem-Amada, que já uma outra vez encarnara na pessoa de uma mulher casada, felizmente sem maiores conseqüências. Não obstante, compreendeu que se havia equivocado(e que seu estado de perturbação tinha origem na alta tensão nervosa de que estava possuído em virtude do seu recente isolamento.

Os salões regorgitavam de convivas, sendo a conversação geral sôbre o momento político. Os maiorais dos partidos se achavam presentes com os seus anjos batalhadores. Porém a forma e maneira de tratar as questões políticas, não era tão assinalada como a escassez de idéias originais. Nenhum princípio de sábio govêrno tinha assento em qualquer daqueles cérebros, tomando conta de tudo o mais frívolo de interêsses pessoais, comprendido naquela forma «larga o osso que eu quero roê-lo agora». Mas o interêsse de Jocelyn não estava na discussão de coisas políticas. Estava como pedra assentada no fundo de corrente de murmurante arroio, à espera de que algum objeto que passasse a flutuar se dirigisse para êle e encalhasse na sua superfície.

Esperando assim a próxima versão de sua formosa entidade, não considerou então, como o fizera outras vêzes antes, que o pressentimento de encontrá-la era, de todos os pressentimentos, precisamente o que, por si mesmo, havia de cumprir-se.

Buscou-a num grupo de pessoas que rodeavam um ex-primeiro Ministro, o qual estava no centro do principal salão a palestrar festiva e quase jovialmente, como era de hábito seu por aquêles tempos. Às duas ou três senhoras que o ouviam veio juntar-se uma terceira, vestida de branco e negro, para a qual convergiu a atenção de Pierston, o que também sucedeu com o insigne estadista que perorava, cujos olhos se fixaram nela de tal maneira que pareciam estar a dizer: — «Quem é essa deusa.»

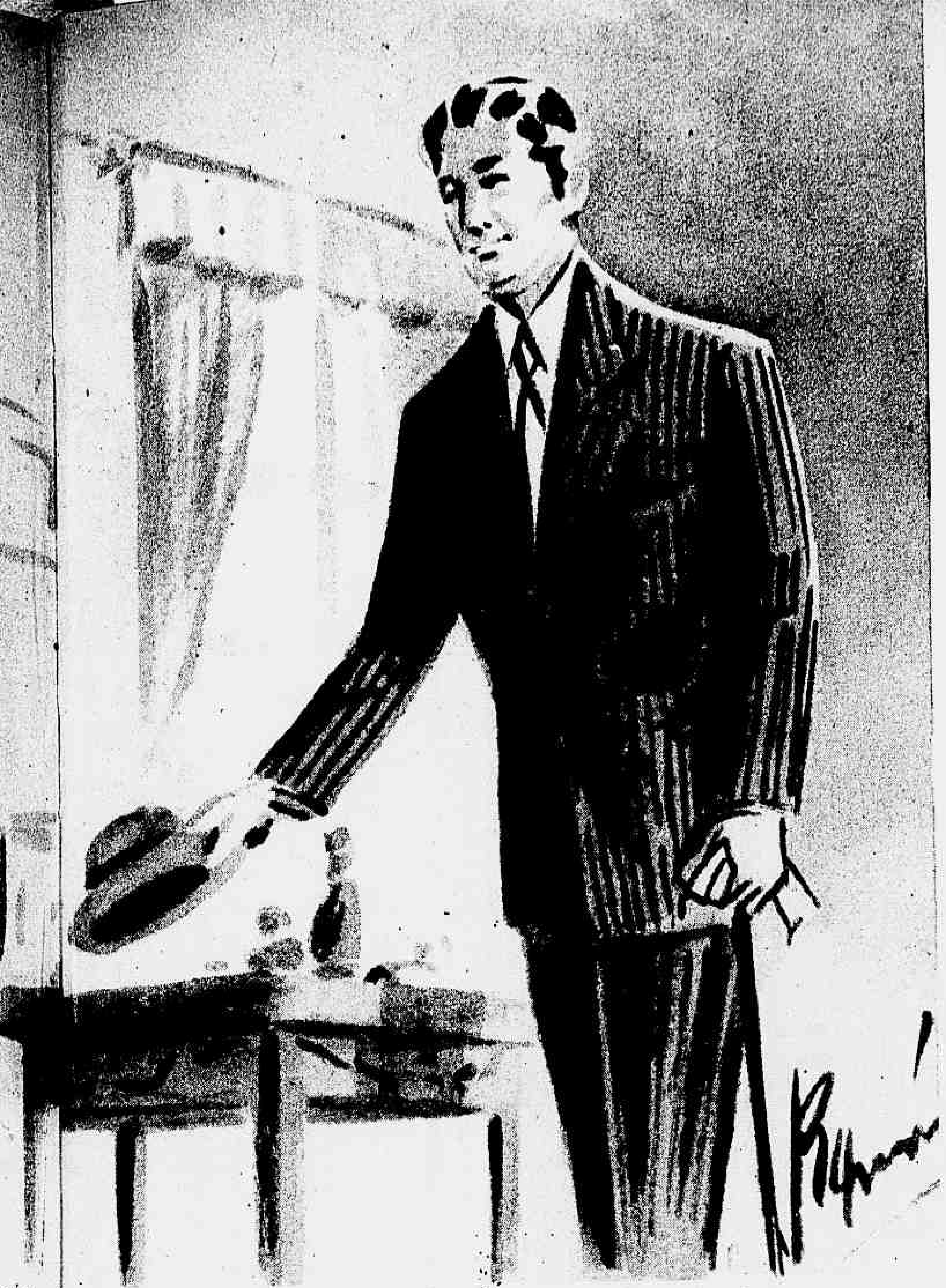
Quando a recém-chegada ao grupo tomou parte também na palestra, todos lhes prestaram atenção, pois suas palavras não concordavam com muitas expedidas pelo ex-ministro, o qual tinha o especialíssimo cuidado de não in-

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:

Jocelyn Pierston, ao ir visitar seu pai na povoação natal numa ilha das costas da Inglaterra, apaixonou-se por Avícia, companheira de infância; mas, Pierston, que era escultor, vivia atormentado por uma idéia de imaginária Bem-Amada, e desfez o noivado, apaixonando-se por Márcia, filha de um inimigo de seu pai. Não sendo possível realizar o casamento, manteve-se solteirão. Márcia seguiu com os pais em viagem pela América, e Avícia casou-se. Certa vez, já depois de seu pai ter falecido, Pierston comparecera numa festa elegante da condêssa de Channelcliffe, onde vê êle uma mulher de rara beleza e pede que lhe apresentem. A nova deusa era viúva.

A BEM AMADA

Romance de THOMAS HARDY



terromper a qualquer tímido interlocutor, e deixava que a sua opositora ficasse com a palavra. Para êles a gente tem sempre a aprender com outrem, e assim agia como homem modesto que se apodera fàcilmente de uma idéia, mesmo que fôsse incapaz de tê-las próprias.

Em dado momento da palestra animada, a senhora de branco e negro disse ao ex-ministro algo que Jocelyn não pôde perceber, soltando o estadista uma gargalhada gostosa.

A senhora se ruborizou. Jocelyn, sumamente excitado pelo já aludido pressentimento de que sua Bem-Amada estava a ponto de manifestar-se novamente, mal olhava para as outras mulheres, ansioso por ver no todo aquela que havia atraído tôda a sua atenção.

A dama, porém, se colocara em relação a Jocelyn, de maneira que as outras a ocultavam parcialmente. Quando a condêssa se acercou com um novo convidado que chegara, a fim de apresentá-lo ao ex-ministro, as mulheres mudaram de posição, misturandose naquele grupo, o que fêz Jocelyn perder de vista aquela que já lhe fazia suspeitar ser a malvada e fugidia visão de seus sonhos.

Depois pareceu que a via na pessoa de uma jovem da família, parenta da condêssa, que naquela noite estava muito mais linda que nunca com o seu vestido azul-celeste mostrando o decote um colo de fina epiderme, que lhe dava estranho e belo aspecto de sílfide.

Ela o viu e ambos se aproximaram. Olhou-o como se dissesse: «Que pensas agora de mim?» — Êle assim julgou porque, da última vez que a vira, ia ela vestida de luto, num dia chuvoso, e numa casa de campo onde todo mundo estava de mau-humor.

— Tenho algumas fotografias e quero que o senhor me diga se estão boas — disse a jovem. — Mas me seja franco, sem nenhuma lisonja.

Dizendo isto retirou ela as fotos de uma caixa e foram sentar-se ambos em um sofá, a fim de examiná-las. Os retratos, feitos por um profissional que estava em moda, eram muito bons, e isso mesmo disse-lhe Pierston; mas, enquanto os olhava e comparava, sua mente estava fixa em algo diferente daquele assunto. Pierston perguntava a si mesmo se a imagem de sua Bem-Amada não estaria representada agora na pessoa daquela mocinha.

Êle a olhou de frente, tendo notado, com surprêsa, que ela também estava a pensar em coisa diferente dos retratos. Seus olhos se dirigiam, de quando em quando, para o salão, como se tivesse a intenção de observar o efeito que aquela animada palestra com Pierston estava produzindo nos circunstantes, especialmente em certo cavalheiro de uns trinta anos, de aspecto marcial, a quem Jocelyn não conhecia. Completamente convencido de que o fantasma de sua Bem-Amada não havia encarnado naquela jovem, pôde observá-la serenamente através do que iam conversando. Ambos procediam da mesma maneira, pois cada qual simulava escutar com vivíssimo interêsse o que o outro dizia, enquanto a atenção de ambos voejava por todos os ângulos do salão, mesmo quando estavam no melhor dos diálogos.

Não. Com certeza não havia êle visto sua Bem-Amada naquela noite nem tão pouco a descobriria ali. De certo que a intimidava aquêle ingrato ambiente político. Mas, mesmo assim, continuava êle a explorar o meio, penosamente, prestando atenção a algumas figuras espectrais, distintas das afrodisíacas, que sempre freqüentavam aquêles lugares. Tais pessoas indicavam burlescamente, que, sob os cabelos brancos dessa ou daquela bem «enfardada» velhota com suas faces enrugadas por uma vida de prazeres e festas que haviam comprometido grandes fortunas da Europa, e com sua voz que era ouvida até pelos monarcas, podia haver um coração bem formado, ou um pulmão que pudesse manter em pé a sua dona até ao dia das bodas.

Naquele instante encontrou-se Pierston com o amável dono da casa, e, quase simultâneamente viu a dama que, de início lhe atraíra as atenções e que fugira de sua vista. Seus olhares se cruzaram, embora estivessem um tanto distantes um do outro. Pierston sorriu consigo mesmo. Mas sua excitação não foi muito intensa, como se aquilo fôsse apenas um acaso, sem sentir impulsos de regozijo, pois, quando estava sob a influência de suas visões, propendia a tremores como ovelha com frio.

Nessa situação, teve que entabolar palestra com o dono da casa, lord Channelcliffe, e, logo de início perguntou-lhe o aristocrata:

— Quem é essa linda mulher de vestido negro e branco, com um colar de pérolas?

— Não sei — respondeu Jocelyn, com incontido ciúme. — Eu ia, justamente, perguntar-lhe quem era.

— Oh! Saberemos dentro em pouco. Certamente minha espôsa a conhece.

Instantes depois de ambos se separarem, sentiu Pierston que alguém lhe punha a mão no ombro. Era lord Channelcliffe, que havia voltado de suas indagações e lhe disse:

— Soube que é neta de um antigo amigo de meu pai, o falecido lord Hengistburg. Chama-se Mrs... Mrs... Pine-Avon, e faz dois ou três anos que perdeu o marido, pouco depois de casada.

Logo depois o anfitrião passou a conversar com um dignitário eclesiástico que estava ali perto, enquanto Pierston passou a pesquisar sòzinho. O remoinho do salão trouxe casualmente para o lado de Pierston uma antiga amiga dêle, a senhorita Mabella Buttermead, que, envôlta em uma nuvem de musselina se dispunha a dançar. Lady Mabella era jovem e sensível, ardente coração, muito contente com a vida. Perguntando a Pierston por quem se interessava êle, naquela festa, respondeu-lhe o escultor:

— Por aquela deusa de negro e branco. Conhece-a?

— Oh! sim; conheço-a muito bem — respondeu com entusiasmo lady Mabella. — E ela me disse um dia que tinha particular desejo de entrevistar-se com o senhor. Pobrezinha! — Ajuntou tristemente. — Conservou-se viúva. Mas, em verdade, já faz isso muito tempo. As mulheres não deviam casar-se a fim de não se exporem a tais catástrofes, não acha sr. Pierston? Eu nunca me casarei. Estou resolvida a não correr jamais semelhante risco. Mas, diga-me agora: crê que devo casar?

— Casar-se? Oh! não. Nunca. — Respondeu êle gravemente.

— E' uma opinião muito agradável.

Mas Mabella não pareceu ter ficado muito satisfeita com a resposta de Pierston, e ajuntou jocosamente:

— Entretanto, às vêzes penso que devo casar-me, apenas por entretenimento... Bem, agora vamos até ela e eu o apresentarei.

Pierston estava como que indeciso, sem dispor-se a andar. Sua amiga o advertiu afàvelmente:

— Mas, nesse passo não a encontraremos nunca.

— Nunca... A não ser que apelemos para os grosseiros empurrões como sucede com os da **City**, quando vão ver a exibição do lord Mayor.

Os dois seguiram conversando até onde estava a nova tentação de Pierston, a qual, palestrando com uma dama vizinha parecia uma daquelas

Femininas formas cujos gestos
Resplandecem de gênio,

no imaginar do poeta em sua visão da Áurea Cidade do Islã.

Continuamente tinham que deter o passo. Pierston estava, como lhe parecia estar em sonhos, às vêzes, impossibilitado de avançar até ao objeto de sua busca, mal podendo levantar os pés do chão. Após uns dez minutos de olhadelas a ombros e espaldas esculturais ou não, a cabeleiras sôltas, penteados esplendentes, gargantas e colos, braços nus e jóias reluzentes, chegaram até onde estava Mrs. Pine-Avon, a saborear uma taça de chá numa saleta confidencial.

(Continua no próximo número)

Tradução de **RENATO DE ALENCAR**

Ilustração de **RAMON**

UM MÁRTIR

A retirada alemã de 1917. Sim! Talvez um dia se venha a saber a sua verdadeira causa. Quanto ao que vos vou contar podeis rir à vontade. Sôbre certas coisas, tenho a minha opinião formada, e é-me completamente indiferente que ela não concorde com a vossa. Porque agora... agora tudo me é indiferente!

Branche Armand foi ferido, nos primeiros dias de março, por três balas de metralhadora; uma atravessou-lhe o peito, outra partiu-lhe a coxa direita, e a terceira furou-lhe a garganta, mesmo abaixo do pomo-de-adão.

Foi levado para a ambulância de Ressons-sur-Matz e deitado na barraca II, que era a minha barraca. Primeiro, não lhe prestei grande atenção porque andava a distribuir sopa. Quando chega a hora é preciso que os homens comam, não é verdade? Eu corria de cama em cama, com a marmita de caldo. Quando passei pelo seu leite, Branche Armand agarrou-me por uma perna e começou a tossir. «Venho já» — disse-lhe eu; e apressei-me a encher as tijelas, porque, se se perde muito tempo, a sopa esfria, e ela já não é muito boa, mesmo quente.

Entre a sopa e a carne tinha um minuto livre. Fui ver o que queria o recém-chegado. Branche Armand fêz tais esforços para falar que se lhe encheu a bôca e o nariz de sangue empastado. Recomendei-lhe que não falasse e dei-lhe um bocado de papel e um lápis. Branche Armand escreveu com dificuldade: «Água!»

Já compreendia o estribilho. Respondi: Não! Hoje não! S amanhã! — e afastei-me. E foi o que se passou nesse dia.

Branche era um homem muito corajoso. Durante tôda a noite não pediu mais nada. Eu dormia vagamente ao fundo da barraca, e ouvia a respiração de Branche semelhante a um gorgolejo, ou ainda ao terrível vento de março que assaltava a nossa maltadada barraca. De vez em quando, eu próprio apurava a garganta, convencido de que isso o ajudava um pouco a aliviar o peito. Concorde que era ridículo.

No dia seguinte, de manhã, tive que varrer a sala, despejar os baldes, distribuir o café, como de costume. Entretanto, chegou o dia ou, pelo menos, a espécie de dia que se filtra através das lonas oleadas, ensopadas pela chuva e comidas pelo bolor. Bem ou mal, o dia chegou dentro da tenda, e fêz-me descobrir Branche. Tenho golpe de vista, à fôrça de observar as pessoas, e devo dizer que senti uma grande estima por Branche; uma grande estima, nada mais.

Era um homem sêco, de cabelo ruivo, e com uns olhos imensos que o sofrimento tornava maiores e que lhe devastavam o rosto. Havia nas pregas de sua bôca qualquer coisa de terno, de humilde e de alucinado. Esta expressão era tão dolorosa, interessava tão profundamente o caráter do seu rosto, que me pareceu ainda mais antiga que o sofrimento atual de Branche. Tive imediatamente a impressão de que êle devia ter nascido com aquêle triste rosto iluminado, e — repito — senti por êle uma grande estima.

Dei-lhe de beber. Foi um trabalhão: tomou um gole de limonada que quase o sufocou e que lhe saiu imediatamente pelo nariz e pela ferida do pescoço, fazendo tôda a espécie de ruidos. O seu rosto tornara-se arroxeado, e logo que pôde, escreveu no bocado de papel: «Isto não é nada».

Durante todo o dia estêve deitado de costas, a divagar. Parecia escutar qualquer coisa, e — é curioso — estava tão imóvel dentro das ligaduras que pareciam ser os olhos que escutavam, interrogando as profundidades do espaço invisível.

Nesta noite houve forte canhoneio. O vento soprava; a barraca parecia sacudida por crise de nervos. Branche, que estêve calmo até aí, ergueu-se o mais que pôde. Apoiado sôbre o cotovêlo, parecia escutar com extrema atenção. As suas mãos arrepanhavam as roupas do leito; um fio de saliva escura escorria no seu lábio inferior.

Cheguei ao pé dêle e murmurei para o sossegar: «Não tenha mêdo!» Branche Armand sacudiu a cabeça com impaciência e, pegando no lápis, escreveu: «Não é o ataque?» Não sabia que responder. Tínhamos conhecimento do grande ataque que se preparava na nossa frente, mas não tinha nenhum dado preciso sôbre as circunstâncias dessa ofensiva. Julguei prudente responder:

— Não! Não é o ataque.

Como para me dar razão o conhoneio parou bruscamente. Acrescentei:

— E' fogo de barragem.

Branche, no entanto, parecia atormentado. Dormiu mal. De Ressons, ouvíamos muito bem as metralhadoras, na calma tenebrosa da noite. Cada vez que o seu ruído rasgava o ar como um tecido novo, eu via Branche soerguer-se no leito — o que devia ser horrìvelmente doloroso — e perscrutar a imensidade.

Não prestei mais atenção; estava habituado às maneiras dos feridos e à espécie de angústia incoerente que êles sentem quando deixam o campo de batalha. Apesar disso, chocaram-se os seus modos e fiquei a pensar. Branche parecia esperar, recear mesmo alguma coisa de preciso, algum sinal sòmente inteligível para êle.

No dia seguinte, pegou no jornal que eu tinha trazido; percorrendo-o àvidamente num golpe de vista, e depois deixou cair a fôlha com indiferença.

O seu estado não era animador. Branche parecia não se dar conta disso; inquietava-se mediocremente com a sua saúde. Como tudo que engolia, quando lhe passava pela ferida da garganta, lhe provocava um terrível ataque de tosse, começaram a sustentá-lo com uma sonda que lhe metiam pela bôca e lhe entrava até ao estômago. Era uma manobra dolorosa à qual êle se prestava com paciência. As vêzes, com a testa escorrendo suor, o rosto arroxeado pela asfixia, fazia um gesto para deter o operador e punha-se a estudar. Escutava não sei o quê. Escutava todos os ruídos da batalha. Escutava como se receasse ouvir, de súbito, um sinal convencionado, e era só nesses momentos que lhe acontecia mostrar um pouco de nervosismo.

A estima que eu sentia por êle fundia-se docemente em afeição. Era sobretudo curiosidade o que êle me inspirava então, uma curiosidade que eu não tinha maneira de satisfazer: a ferida de Branche tornara-o mudo; além disso, eu adivinhava que, mesmo se êle pudesse falar, não se mostraria mais loquaz.

O mês de março avançava docemente e o estado de Branche tornou-se grave. Todos os dias, êle lançava ao jornal um olhar ardente, logo apagado, logo descolorido. Depois, encerrava-se o resto da tarde, de olhar fixo, numa solidão de que só os ruídos da linha conseguiam tirá-lo.

Tornara-se ràpidamente de uma magreza excessiva; o seu rosto, de esqueleto visível, tinha qualquer coisa de macabro. Mas os olhos iluminavam tudo isto com uma chama cândida e vigilante — aquêles olhos que nos queriam dizer o que os inquietava.

Muitas vêzes ia ao pé de Branche e perguntava-lhe. «Queres alguma coisa?». Branche deixava-me, em geral, fazer várias perguntas sem manifestar a menor veleidade de responder. As vêzes, quando insistia com cordialidade, Branche procurava, tateando, o jornal, e escrevia na margem branca: «Onde é o ataque? Estão a atacar?». Era sempre isto ou qualquer coisa semelhante. Eu não respondia, porque não sabia nada. Outras vêzes referia-lhe vagas notícias. Dizia-lhe então:

— Vai-se decidir o ataque. Não te apoquentes; tudo correrá bem. Já chegaram os tanques e os canhões de grande calibre.

Branche ouvia, com ar abatido ou desesperado, o que me era incompreensível. Uma vez, quando eu lhe falava nas grandes quantidades de munições acumuladas no setor, agitou-se, procurou o papel e, como o não encontrasse, tossiu, lançando tôda a espécie de perdigotos sanguíneos e articulou, num

(Cont. na pág. 38)



Conto de GEORGES DUHAMEL

Ilustração de SEME MATAR

A HISTÓRIA EMOCIONANTE DO CAMBISTA-MIRIM DE BELO HORIZONTE ★ TODOS, AGORA, SE DIZEM AMIGOS DE SUA FAMILIA, QUE ANTES VIVIA NA MISÉRIA ★ QUATRO NÚMEROS MODIFICAM O DESTINO DE HUMILDES CRIATURAS ★ OS LANCES QUE PRECEDERAM A SORTE GRANDE, QUE ESTAVA NO BILHETE ENCALHADO ★ APARECE UM SÓCIO ★ OS PLANOS DO MENINO EDSON FERREIRA LIMA E O SONHO COM UM LINDO ANJO DE LONGAS ASAS ★ ASSEDIADO PELAS MOCINHAS E PELOS ADVOGADOS.

Texto e fotos de JOSÉ MARIA NEVES

QUATRO números impressos num pedaço de papel foi o suficiente para que o destino de uma humilde família mineira tomasse novos rumos. E o mais curioso é que tudo se passou de uma hora para outra, sem uma preparação prévia e em circunstâncias verdadeiramente dramáticas. Sim, porque quando alguém adquire um bilhete de loteria, antes escolhe o número de sua preferência e fica na expectativa de que o sorteio lhe seja favorável. Com o menino Edson Ferreira Lima, que não tem mais que 14 anos de idade, mas que a realidade da vida o ensinou a encarar os problemas atuais como se fôra um adulto, pela necessidade de ganhar o pão de cada dia para o sustento de sua velha mãe e dos outros quatro irmãos, tudo se passou de modo diferente, robustecendo a filosofia de que cada qual tem o seu destino traçado. Vendendo bilhetes da Loteria Federal, desde os 12 anos de idade, muito embora soubesse que o Juizado de Menores de sua terra natal proíbe tal prática para as crianças, jamais Edson pensou em acertar uma sorte grande. Êle que sempre oferecera os milhões aos transeuntes apressados das ruas da capital mineira, pulando de um bonde para outro, importunando velhos cidadãos e interrompendo palestras entre amigos, não estava em condições de comprar um «gasparino» sequer. Se não havia dinheiro para outras coisas, como, por exemplo, para uma refeição melhor, como poderia pensar nisso? Mas, quis o destino que tudo mudasse em sua vida e na de sua família também.

O BILHETE ENCALHADO 3030

Há, ainda, um pormenor curioso em tudo isso. Edson, no dia em que se tornou milionário, saíra com três bilhetes inteiros para vender. Conseguira colocar, em frações, dois dêles. Justamente o 3030, talvez pela repetição de zeros e do número três, foi ficando. As horas passavam rápidas e ninguém se aventurava a ficar com um «pedacinho». Tudo indicava que o encalhe seria coisa inevitável. Finalmente, já por volta das 10 horas, depois de muito implorar, Edson conseguiu vender dois «gasparinos». As pessoas que os adquiriram o fizeram mais por piedade do garôto que pelo desejo de ficar rico.

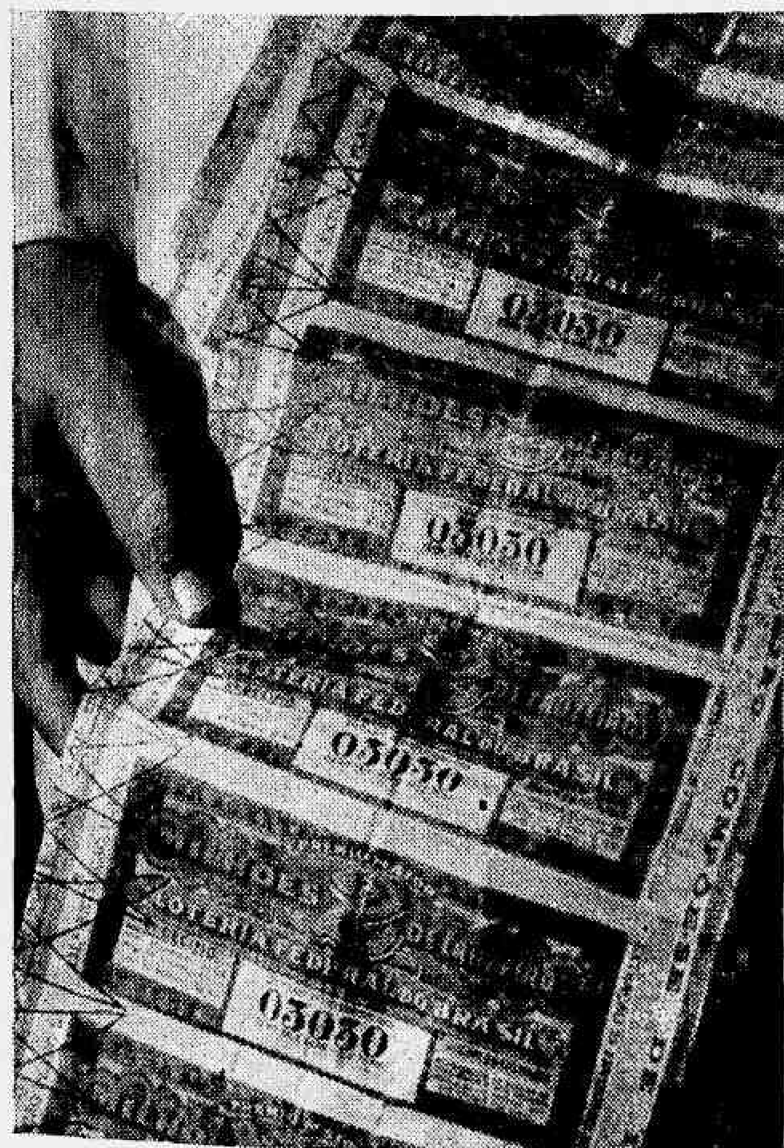
— Vá lá, me dá um «pedacinho» e não me amole mais!

Esta frase foi pronunciada por um dos felizardos. O homem estava lendo um jornal, talvez um artigo de grande importância para êle, quando o abordou o pequeno cambista. O menino ficou «aperreando» o freguês até cansá-lo. Foi uma satisfação quando viu que pelo menos a metade do 3030 seria vendida.



Edson Ferreira Lima, tal qual como se apresentava nas ruas da capital mineira. Tem 14 anos de idade, mas já pensa como adulto. A realidade da vida, tirou o encanto da mocidade de Edson.

O bilhete número 3030, premiado com um milhão e seiscentos mil cruzeiros. O cambista-mirim só conseguiu vender dois «gasparinos».



DE BILHETEIRO A MILIONÁRIO







A vida de Edson transformou-se da noite para o dia. Todos se dizem seus amigos e da família. Logo apareceu o padrinho, que nunca o ligou, e vestiu-o decentemente. Já está aprendendo dactilografia, freqüentando reuniões sociais e familiarizando-se com um belo «rabo-de-peixe».

A SORTE NO CHÃO

Os detalhes dêste caso verdadeiramente sensacional por certo já são do conhecimento dos leitores, através os jornais diários. Todavia, não será demais repetir que quando o cambista-mirim se viu perseguido pelo policial que o surpreendeu desrespeitando as ordens do Juiz de Menores, correra para fugir à detenção. Na pressa, Edson deixara cair o já famoso bilhete, com oito frações. O relógio marcava 14,30 horas e, no Rio de Janeiro, o 3030 fôra premiado no sorteio realizado na Loteria Federal. Assim, os mil e seiscentos contos rolaram, por alguns momentos, pelo chão, até ser apanhado pelo investigador Agenor Miguel Botelho, que o levou para a Delegacia de Menores.

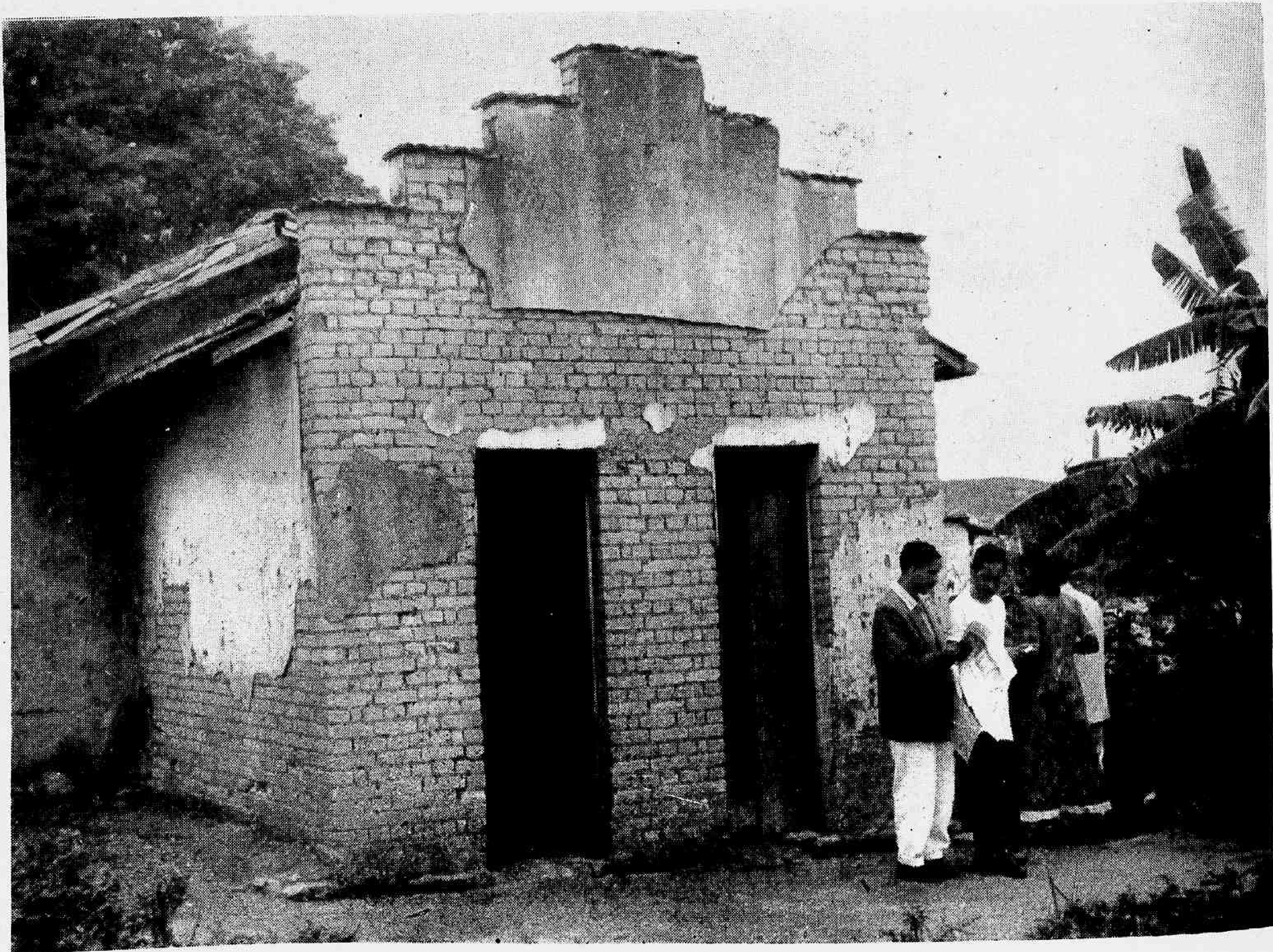
SURGE UM SÓCIO

Edson trabalhava para o bilheteiro Luís Ferreira Glória, que fôra informado do sucedido, isto é, da apreensão do bilhete pelo investigador. Teria dito, na ocasião, que nada tinha com o caso, pois não podia perder o dinheiro que empatara.

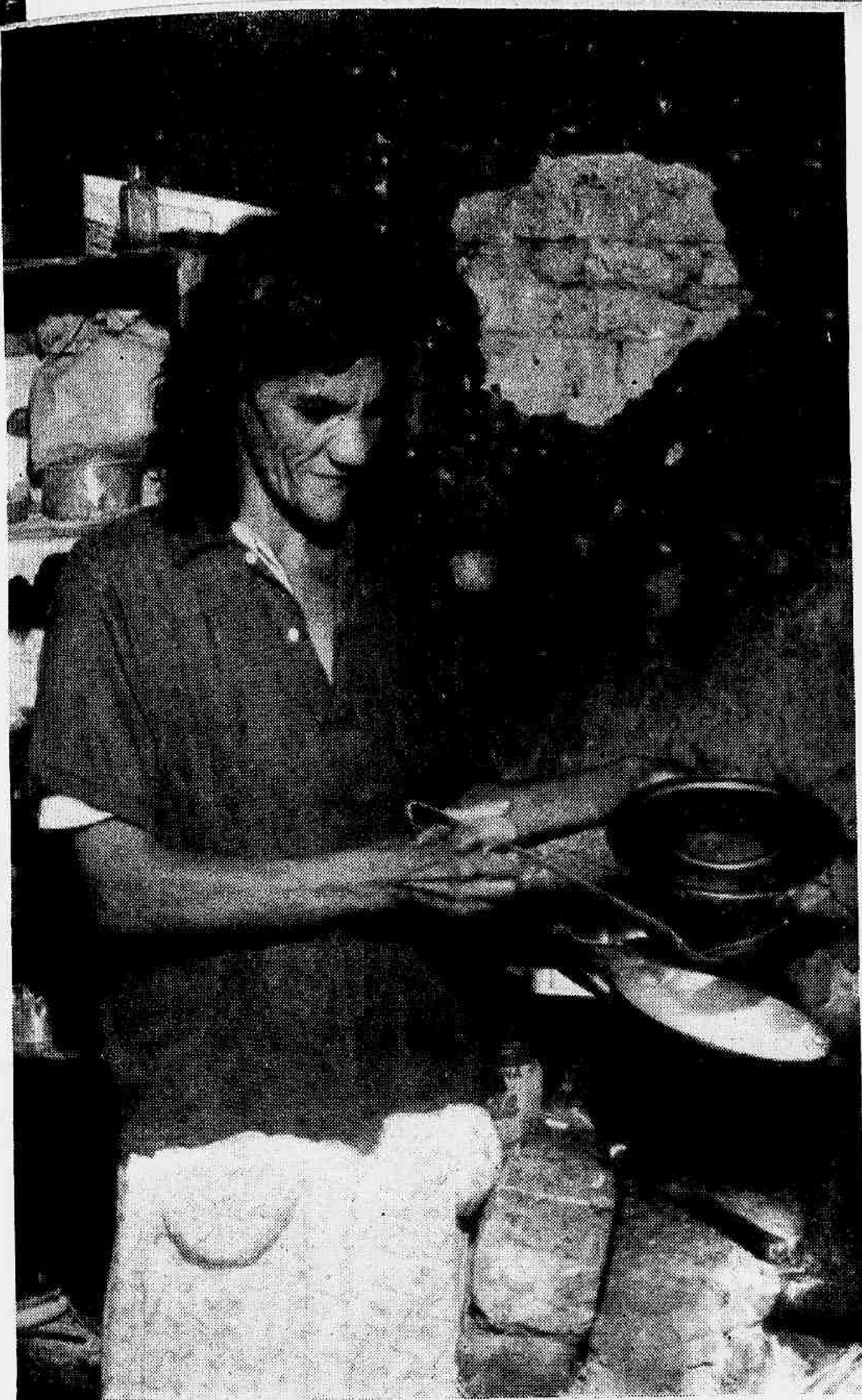
— Você agora tem que trabalhar para me pagar nas semanas seguintes.

O menino saiu cabisbaixo, chorando, reclamando da triste vida que levava. Pouco depois via afixado num quadro negro de uma casa lotérica o resultado da Loteria Federal. O bilhete encalhado 3030 fôra premiado. De um salto, rumou para a sua casa e tudo narrou ao seu pai, Rouxinol Ferreira Lima, que, como êle, também se dedicava à venda de sorte grande. Rumaram para a Delegacia de Menores e lá já encontraram o cambista Luís Ferreira Glória, que tudo fazia para persuadir a autoridade a entregar o bilhete premiado. Diga-se que o delegado de Menores, dr. Catapreta, ignorava o detalhe. Quando se inteirou da notícia, então levou o caso ao Juiz de Menores, que mandou fôsse o bilhete recolhido ao Banco do Brasil em nome do garôto, até posterior decisão da Justiça, que provàvelmente seria chamada a opinar.

O caso, de sensacional, passou para o domínio público e logo se dividiram as opiniões. Uns acham que o bilhete é do menino, enquanto que outros preferem dar a razão ao cambista, alegando que o mesmo era o seu real proprietário pelo fato de o ter adquirido e pago na casa lotérica. Os advogados de Belo Horizonte, numa atitude que em muito compromete o bom nome da honrada classe, empreenderam uma corrida louca à residência do menor, por ser justamente a parte mais simpática no caso. Todos desejavam defendê-lo ao mesmo tempo, tendo sido feitas as mais fantásticas propostas a amigos da família para persuadir o bilheteiro Rouxinol Ferreira Lima, pai do garôto milionário, a assinar a procuração respectiva. Houve, por causa disso, sérios aborrecimentos



A modesta casinha, em Parada da Abadia, na capital do Estado de Minas Gerais, onde reside a família de Edson, na mais completa miséria



D. Maria Amélia Ferreira Lima, mãe do cambista-milionário, aproveitará a fortuna ganha pelo filho para tratar-se de uma grave enfermidade.



O pai também é cambista. Da venda de bilhetes tirava o sustento dos seus. Ei-lo, pensativo, junto ao armário de mantimentos, que só tem latas vazias.

TODOS, AGORA, SE DIZEM AMIGOS DA FAMÍLIA DE EDSON

Mas, a estranheza do gesto dos advogados, na questão, não ficou sem imitações. De repente a família, que até então passara despercebida por todos, foi cercada de gente de tôdas as classes sociais. Todos se dizem, agora, amigos. Reivindicam o direito de vizinhos mais antigos, amigos mais dedicados e até benfeitores. Dentre êstes encontra-se o contador Laurentino Gomes, padrinho de dois filhos de Rouxinol Ferreira Lima. Logo que tomou conhecimento de que seu afilhado havia ficado milionário, tratou de demonstrar tôda a sua amizade à família. Chegou ao ponto de trazer o menino para a sua confortável residência para conviver com os seus filhos, além de comprar boas roupas de casimira, sapatos e camisas para Edson. Êsse cidadão presenteou o afilhado, inclusive, com uma bicicleta.

OS PLANOS DE EDSON

Um detalhe que não fugiu à observação do repórter: aquêle que antes não passava de um moleque maltrapilho, iguais aos muitos meninos que andam pelas ruas da cidade vendendo bilhetes da Loteria Federal, agora é cortejado pelas mocinhas de sua idade e até algumas mais idosas. Fazem-lhe carinho e procuram sempre estar em sua presença.

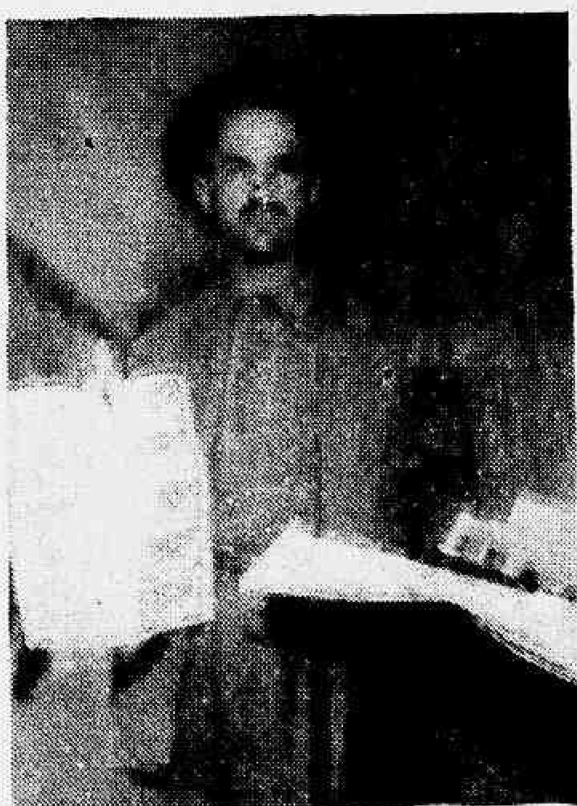
Edson falou de seus planos. Comprará uma casa para os pais, providenciará sôbre o tratamento de sua velha mãe, que sofre de uma enfermidade grave, financiará um negócio para o pai e cuidará da educação dos irmãos. Quer ser médico e deseja possuir um automóvel, que sempre constituiu o seu maior ideal.

A irmãzinha de Edson, de 8 anos, falando ao repórter, disse que na véspera de correr a sorte grande que premiou seu irmão, sonhara com um anjo muito lindo, de longas asas, que, penalizado da situação de miséria de sua família, enchera as suas mãos de dinheiro.

Quando deixamos Belo Horizonte, a última informação que tivemos, a respeito do caso, dizia que o cambista Luís Ferreira Glória, por seu advogado Francisco Alves da Silva Dollabella, concordara em dividir o prêmio com Edson. Por sua vez, o causídico Lincoln A. Horta, que defende o garôto, declarou-nos que não aceitará a proposta. Reivindicará para o seu constituinte tôda a fortuna. O caso continua apaixonando a opinião pública belo-rizontina.









O padrinho de Edson, contador Laurentino Gomes, o investigador que o prendeu, Agenor Botelho Marques, o cambista que se diz sócio na fortuna, Luís Ferreira Glória, e a menina Edna, que teve o sonho com o anjo justamente na véspera do irmão ganhar a sorte grande.



Nada de muita fantasia complicada. O folião baiano quer é pouca roupa e espaço para se espalhar na farra, aproveitando a mocidade.



E agora, abram alas que êles querem passar para novas farras.

CARNAVAL EM

COMO SUCEDE em tôdas as grandes cidades brasileiras, o Carnaval da Cidade do Salvador, a bela capital baiana, é também animado e cheio de curiosidades momescas. Da cidade baixa à cidade alta, os baianos se entregam à folia com uma intensidade igual à do Rio e Recife. Mas, pelo que parece, também na terra do Senhor do Bonfim, o povo procura divertir-se mais em clubes e associações, ao abrigo do mau tempo e do tráfego de veículos, justamente como sucede com as demais cidades do país. Que marcha, que samba predominariam no Carnaval de Salvador? No Recife dominam as notas dos «frevos»; no Rio



«Você pensa que cachaça é água»... E assim passou o derradeiro dia.



Um «cordão» executando seu programa. Todos têm um crucifixo ao pescoço para garantir o perdão na Quarta-Feira de... saudosas Cinzas.

SALVADOR

venceu a marcha «Cachaça», e «Eu Errei», no samba. A Bahia está de permeio. Não é nordeste, nem é sul. Está como a virtude dos romanos: **in medio**. Povo religioso por excelência, o baiano não deixa passar em branca nuvem o tríduo carnavalesco e cai também na farra, cantando, mexendo, dançando, numa alegria esfusiante e contagiosa. Naturalmente que, na quarta-feira de cinzas vai prostrar-se aos pés do Senhor do Bonfim e pedir perdão pelos pecadinhos cometidos por culpa de tanta morena bonita aí pelas ruas..." E são perdoados.



Diz isso na orelhinha de cá. Tudo em família. Ninguém pode desconfiar.



Com uma morena assim, até os velhos da porta da Colombo ressurgem.



LIDO... VISTO...

O INCORRIGÍVEL NEY

● Quando no Rio havia a boêmia poética, filosófica e zombeteira, um dos mais admirados boêmios se chamava Paula Ney. Francisco de Paula Ney era seu nome por inteiro. Nascido no Ceará, em 1858, desde cedo se transportou para o Rio, onde morreu em 1897. Jornalista de grande talento e recursos mentais, poeta dos mais inspirados, dono de uma veia espirituosa que fêz época e ainda hoje é comentada, Paula Ney era o terror dos ignorantes, dos abrutalhados, dos sovinas e de outros espécimes muito comuns no Rio do seu tempo. Certa vez foi o boêmio convidado, com outros literatos, a tomar parte num «chá que às quintas-feiras oferecia à sociedade, um casal ricaço e com algumas filhas solteironas, com o intuito, naturalmente, de descobrir marido para as «galantes» meninas... já no «barricão». Paula Ney se preparou e foi. Muito bem recebidos pelos anfitriões, todos se mostravam contentes com aquêle ambiente fidalgo, enquanto Paula Ney se expandia com as suas brincadeiras bem humoradas, arrancando gargalhadas de todos e de tôdas. À hora das comidas, foram os literatos e poetas para a mesa muito bem ornamentada, servida por copeiras uniformizadas, tudo muito bonito e alinhado. Servido o chá, muito ralo e clorótico, Paula estêve para dizer uma das suas, mas, a um sinal de outros amigos, se deteve. Mas quando viu como eram as fatias de torradas, quase sem manteiga pegou numa, colocou-a diante da luz, virou, revirou, mirou, remirou curiosamente. Ia «haver» alguma inconveniência. Aquilo não era uma fatia. Era uma hóstia de comunhão. E Paula Ney exclamou à meia voz:

— Ah! Que saudade! Que saudade!

— Do Ceará, Sr. Paula Ney? — Perguntou, querendo também fazer espírito, a dona da casa.

— Da manteiga, minha senhora...

QUEM DISSE ISSO?

1 *Êste homem é a organização dramática mais notável que tenho visto em minha vida. E' pena que fale tão mal o português.*

2 *Não haverá façanha para ninguém em vencer-me, fraco que sou. Ainda não nasceu, porém, aquêle que consiga humilhar-me.*

3 *O espírito que estuda não é inquieto.*

4 *Não abras os teus ouvidos senão às coisas perfeitas, e que a tua inteligência se aplique constantemente à procura da Pureza.*

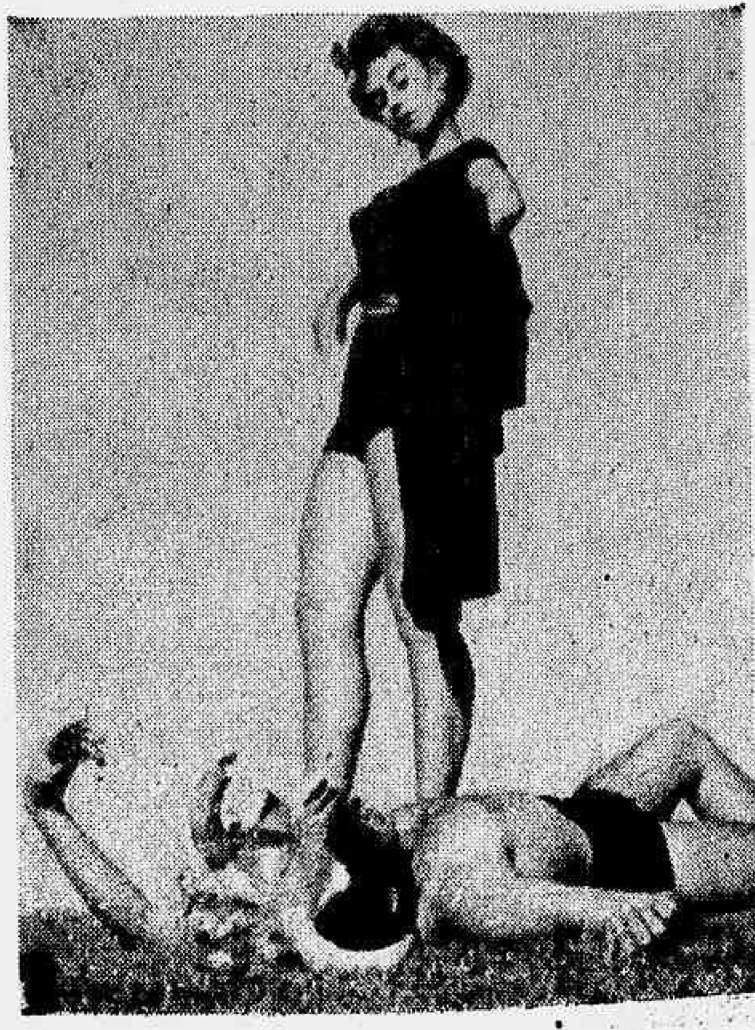
5 *Não se aflija. Jesus Cristo agora é meu genro; nós nos acomodaremos em família.*

(Respostas na pág. 40)



NEM SANGUE NEM AREIA

QUATRO fases de uma tourada simbólica e de grande efeito cênico, criação artística dos bailarinos americanos John Stevens e Barbara Frikson, levada em Nova York. E' um «ballet» exótico, inspirado na tauromaquia espanhola das arenas Andaluzas. Apesar da simulação, há nessa tourada sem «sangre ni arena», grandes atos de violência entre touro e toureira, com o «animal» a arremeter raivosamente e ela a livrar-se dêle como uma nova Ariadne nos domínios do Minòtauro. E executam os mais variados números de «ballet» sob aplausos dos espectadores, até que o Minotauro cai vencido ao chão, com a «caveira» ao sol, que é uma maneira figurada de dizer. Se vier para o Rio, todo mundo quer ser touro. Mesmo de graça...



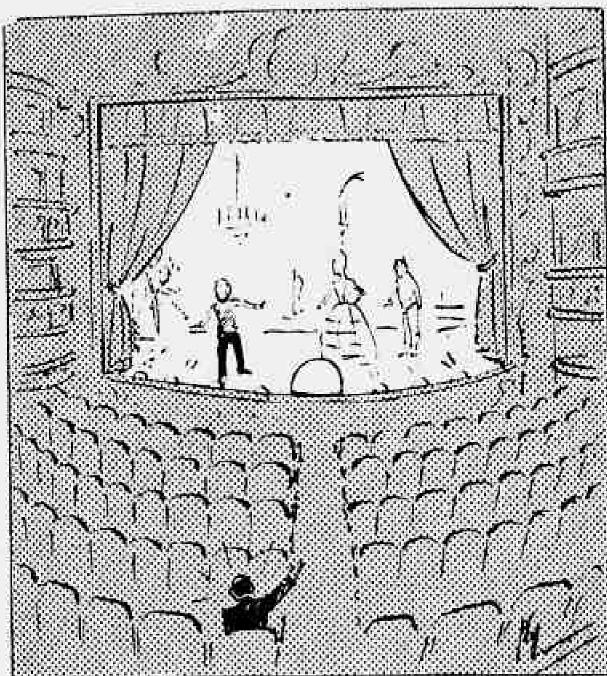




OUVIDO... ONTEM, HOJE, AMANHÃ...

A ANEDOTA ILUSTRADA

O QUE RELEMBRA ESTA GRAVURA?



RECORDA um espetáculo que a Companhia Teatral de João Caetano teve que representar no último dia de um mês, em Niterói, sob pena de perder a subvenção do Estado. Chovia intensamente, as ruas estavam alagadas, e sòmente um espectador (um só!) estava na platéia ao subir o pano. Por êsse motivo os artistas, para acabar o espetáculo o mais cedo possível, uma vez que os mesmos eram todos residentes no Rio, consultavam o único espectador se êle lhes permitia suprimir certas cenas, no que eram atendidos. E' interessante saber que o assistente, pelo que parece, não entrara ali para ver o drama, e sim para esperar que a chuva passasse...

UM HOMEM TEMÍVEL

● Dizem os cronistas dos tempos da mencoridade de Luís XV, que havia então, dominando tôda a populosa Paris, um bandido que, ainda hoje, é considerado o mais terrível salteador e ladrão de tôda a humanidade. Lampeão, Antônio Silvino, Jesuíno Brilhante, os «gangsters» de Chicago, nada se pode comparar ao famoso Cartouche. Tipo rocambolesco, quase lendário, Cartouche se celebrizou pela audácia de seus assaltos e desassombro de suas ações criminais. Para êle nada mais fácil do que entrar nas mais aristocráticas residências parisienses, levar o que bem entendia, servir-se de suculentos jantares, bebendo do melhor vinho, e, depois do banquete, ainda escrevia umas linhas aos «visitados» comunicando que voltaria brevemente. Outras vêzes reclamava a má qualidade das iguarias, ou achava pouco o que encontrara nos armários... Cartouche se tornou uma calamidade pública. Ninguém na capital da França se julgava seguro. Era um ladrão de uma audácia fenomenal. Um dia, em plena Praça da Concórdia (que então era da Greve), um arauto real, com uma escolta de carabineiros e dois tambores, leu um édito assinado por Felipe de Orleans, no qual se prometia um prêmio elevadíssimo a quem pudesse levar-lhe Cartouche, morto ou vivo. Ao toque dos tambores e diante daquele aparato oficial, afluiu muita gente à praça, para saber do que se tratava. Depois que o arauto leu a ordem real, e quando ainda os populares comentavam a recompensa, apareceu diante do arauto um cidadão de baixa estatura, magro, que lhe disse com a maior calma dêste mundo:

— Quer mesmo ganhar a «bolada»? Pois eu sou Cartouche!

O arauto desabalou na carreira seguido dos tambores e da guarda de carabineiros. Espalhando-se a notícia, o povo fugiu também, muita gente indo cair às águas do Sena. E Cartouche continuou a reinar...

RESPOSTA DE MME. DE STAEL

● Se havia uma coisa que irritava Napoleão, era o ouvir uma mulher a discutir política. Certa vez estava Mme. de Stael numa roda de grandes personagens do Estado, onde se discutiam vivamente assuntos políticos. Mme. de Stael, com a palavra, criticava muitos partidos que haviam governado o país, e sua opinião era aplaudida por todos os presentes. Todos compartilhavam de sua opinião, não sòmente pelo conteúdo da tese, como pelo brilho de sua exposição. Napoleão, que estava também na roda, mas a um lado, conservara-se calado. Mme. de Stael, percebendo seu mutismo, e como o julgasse um dos mais autorizados a concordar ou discordar dela, interpelou-o com amável sorriso:

— Então, general, não é o senhor de minha opinião?

— Madame, eu nada ouvi, porque entendo que política não deve ser assunto para mulheres.

— Tem razão, general, concordou ela amàvelmente; mas num país em que se corta a cabeça das mulheres, nada mais justo do que terem elas vontade de saber porquê...



CÃO CICERONE — Êste cão da direita pertence ao hoteleiro Hayward Heath, do condado de Sussex, Inglaterra. Chama-se Gunner; mas, apesar do nome é pacífico e jamais deu ao gatilho de qualquer arma de fogo. Sua função é do perfeito «gentleman»: — todos os dias o seu patrão o prepara e lá se vai êle a passear conduzindo «clientes» pela cidade. Gunner é excelente guia turístico, amável, paciente e obsequioso. Nesta gravura o vemos com um pequeno escocês um tanto assustado com o fotógrafo. Muitas vêzes, porém, êle conduz grandes «bull-dogs», majestosos «São Bernardos», e lhes mostra a cidade com o mesmo «aplomb», a mesma distinção canina, sem qualquer sombra de servilismo. Gunner é um exemplo de dignidade e de educação.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

1 — QUANTOS SÃO OS CASOS DE DECLINAÇÃO LATINA:
— Quatro?
— Cinco?
— Seis?

2 — O DIZER-SE "INIMIGO", EM LUGAR DE "INAMIGO", E' UMA:
— Apofonia?
— Silepse?
— Crase?

3 — EM QUAL DÊSTES POVOS ANTIGOS, SE INSTITUIU O SERVIÇO INTERNACIONAL DE DIPLOMACIA COM EMBAIXADORES:
— Veneza?
— Nápoles?
— Secília?

4 — DE ONDE SE EXTRAI O "ÁLCOOL AMÍLICO":
— De cana de açúcar?
— Das batatas?
— Do espírito de vinho?

5 — EM QUE ANO SE VERIFICOU O PRIMEIRO CASAMENTO NO BRASIL:
— 1580?
— 1632?
— 1534?

6 — DE QUE ANO DATA O PRIMEIRO PRÍNCIPE DE GALES:
— 1307?
— 1450?
— 1583?

7 — COMO SE CHAMAVA O PRIMEIRO VAPOR QUE SUBIU O AMAZONAS ATÉ MANAUS:
— "Mar Dulce"?
— "Guapiaçu"?
— "Belém"?

8 — QUANTO TEMPO DUROU A GUERRA MAIS RÁPIDA DO MUNDO:
— Um mês?
— Cinco horas?
— Trinta e sete minutos?

9 — COMO SE CHAMA A MEDIDA DA "DÉCIMA MILIONÉSIMA PARTE DO QUARTO DO MERIDIANO TERRESTRE:
— Côvado?
— Vara?
— Metro?

10 — DE ONDE VEIO A FLOR DE NOME LILÁS:
— Da Pérsia?
— Da Suécia?
— Da Suiça?

11 — PORQUE SE TORNOU FAMOSA ARTEMISA:
— Por causa do Labirinto de Creta?
— Por ter construido o Mausoléu?
— Pelo templo que ergueu em Tebas?

12 — QUAL FOI A ORIGEM DA CIDADE DE MANAUS:
— A fortaleza de S. José do Rio Negro?
— Uma feitoria espanhola do século XVI?
— Um aldeiamento de índios?

13 — DE QUE NACIONALIDADE ERA BENJAMIN FRANKLIN, INVENTOR DO PARA-RAIOS:
— Inglêsa?
— Portuguêsa?
— Norte-Americana?

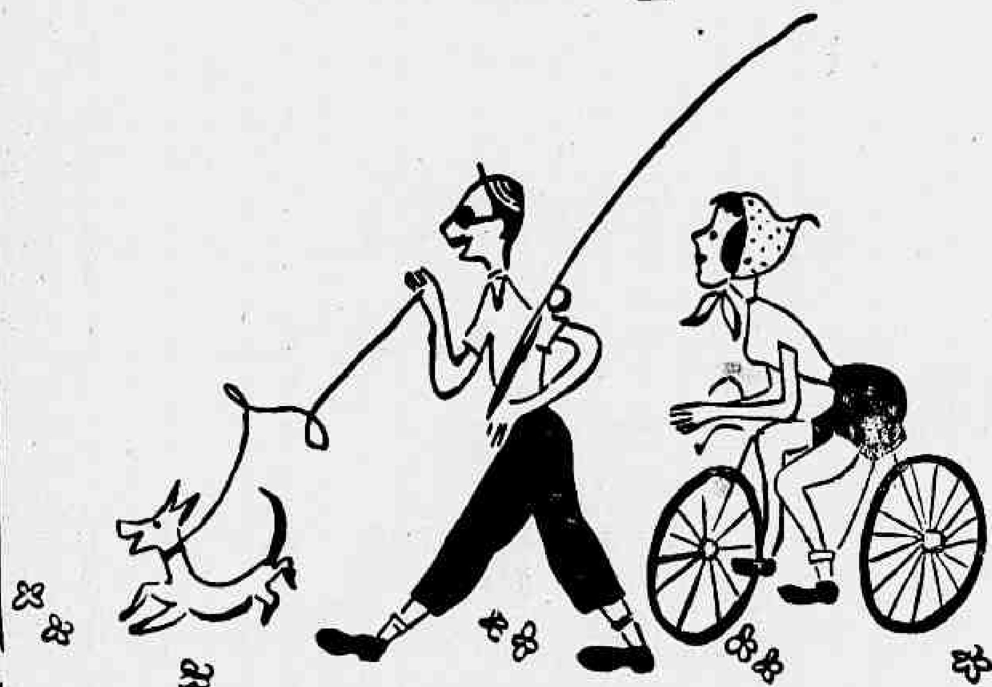
14 — QUE NOS RECORDA A DATA DE 20-7-1873:
— Morte de D. Pedro I?
— O fim da guerra russo-japonêsa?
— O nascimento de Santos Dumont?

15 — QUE SIGNIFICAM OS DOIS TRAÇOS VERTICAIS USADOS NO CIFRÃO:
— As colunas de Hércules?
— Um símbolo de Felipe II?
— Um "ex-libris" de Carlos Magno?

Resposta 0 .. Estado primitivo — Homem-macaco
de 1 a 3 .. cultura inferior — Selvagem
de 4 a 6 .. cultura média — Estudante ginasial
de 7 a 11 .. cultura superior — Universitário
de 12 a 14 .... — Um sábio
Tôdas as 15 .... — O gênio em pessoa

(Respostas na página 40)

S. Lourenço
Caxambú
Araxá
Lambarí
Cambuquira



Toda a familia terá horas de sobra para passeio ou repouso nas estâncias balneárias, viajando de avião. Os nossos aviões sobrevoam panoramas encantadores e oferecem o máximo de confôrto em viagem aérea.

NACIONAL
TRANSPORTES AÉREOS

Rua Santa Luzia, 686 - B - Tels. 32-7397, 32-7398 • 32-7399

"AMARALINA"

(O famoso tônico capilar descoberto e industrializado na Bahia)

JÁ SE ENCONTRA À VENDA EM TÔDAS AS FARMACIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS. SE, ENTRETANTO, NÃO EXISTE NA CIDADE, NÃO PERCA TEMPO PEDINDO IMEDIATAMENTE PELO REEMBÔLSO POSTAL — O PREÇO DE *"AMARALINA"* É, EM QUALQUER PARTE DO BRASIL, DE CR$ 35,00 E PELO REEMBÔLSO POSTAL CUSTA CR$ 45,00, LIVRE DE PORTE.

"AMARALINA", CERTEZA ABSOLUTA DE QUE OS CABELOS TORNARÃO A NASCER. NA PARALISAÇÃO DA QUEDA DE CABELOS É FRANCAMENTE EXTRAORDINÁRIO ÊSTE PRODUTO DESCOBERTO POR BRASILEIRO E FABRICADO COM ERVA NACIONAL. CENTENAS DE PESSOAS ATESTAM SUAS NUNCA IGUALADAS QULIDADES.

Pedidos a M. M. BURLE & CIA. LTDA.
AVENIDA RIO BRANCO, 137 — SALA 616

OS PEDIDOS PARA O DISTRITO FEDERAL DEVERÃO SER DADOS PELOS TELEFONES: 32-9415 e 32-9309

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● **SELMA (Bauru)**

SONHO: Via, num lugar indeterminado, muitos candeeiros antigos de diversos tamanhos. Pensava em comprar um para nossa casa, mas os vendedores se recusavam a vendê-los. Novos candeeiros apareciam, eu renovava minhas ofertas, mas não consegui comprar nenhum.

INTERPRETAÇÃO: Você acredita que em tempos passados sua vida foi mais clara e mais feliz (candeeiros antigos). Entretanto, não sabe julgar qual a melhor fase do seu passado (lugar indeterminado). A todo custo, gostaria de reencontrar alguma espécie de felicidade e de paz (desejo de comprar os candeeiros), porém, vê, com tristeza, que as circunstâncias se opõem aos seus desejos (recusa dos vendedores). Você envida esforços, conjuga fôrças, renova o ânimo (novas ofertas) mas tem encontrado sempre obstáculos, a amargura dos dias em que se vê só, sem ter alguém em que possa repousar o seu fardo. A felicidade não se compra, Selma. Conquista-se. E acredito que você a conquistará com ânimo forte e fé inabalável.

● **MAG (Rio)**

SONHO: Eu convidava um rapaz que, no sonho, era meu amor, para ir a minha casa. Êle se recusava e eu insistia, dizendo-lhe que precisava ir ver como o apartamento estava bonito. Quando chegamos na porta, êle me disse: — A chave está no mesmo lugar. — Ao procurá-la, vi, com espanto, que estava guardada na reentrância de um mausoléu.

INTERPRETAÇÃO: A chave do seu sonho se resume em seu modo de pensar e encarar sua vida afetiva considerando-a «morta» (mausoléu). Ou, melhor, sem possibilidade de desfrutar de um verdadeiro amor, fixo e estável (chave que estava no mesmo lugar). Embora se saiba possuidora de encantos pessoais (apartamento bonito), capazes de despertarem corações adormecidos, acredita que tem necessidade de chamar-lhes a atenção usando algum artifício, dêsses que só as mulheres conhecem (convite que fêz a seu suposto amado).

● **COQUITA — Rio**

SONHO: Eu ia a uma casa para trocar de vestido. Achei-o entretanto, feio demais, motivo por que resolvi ficar com o que estava.

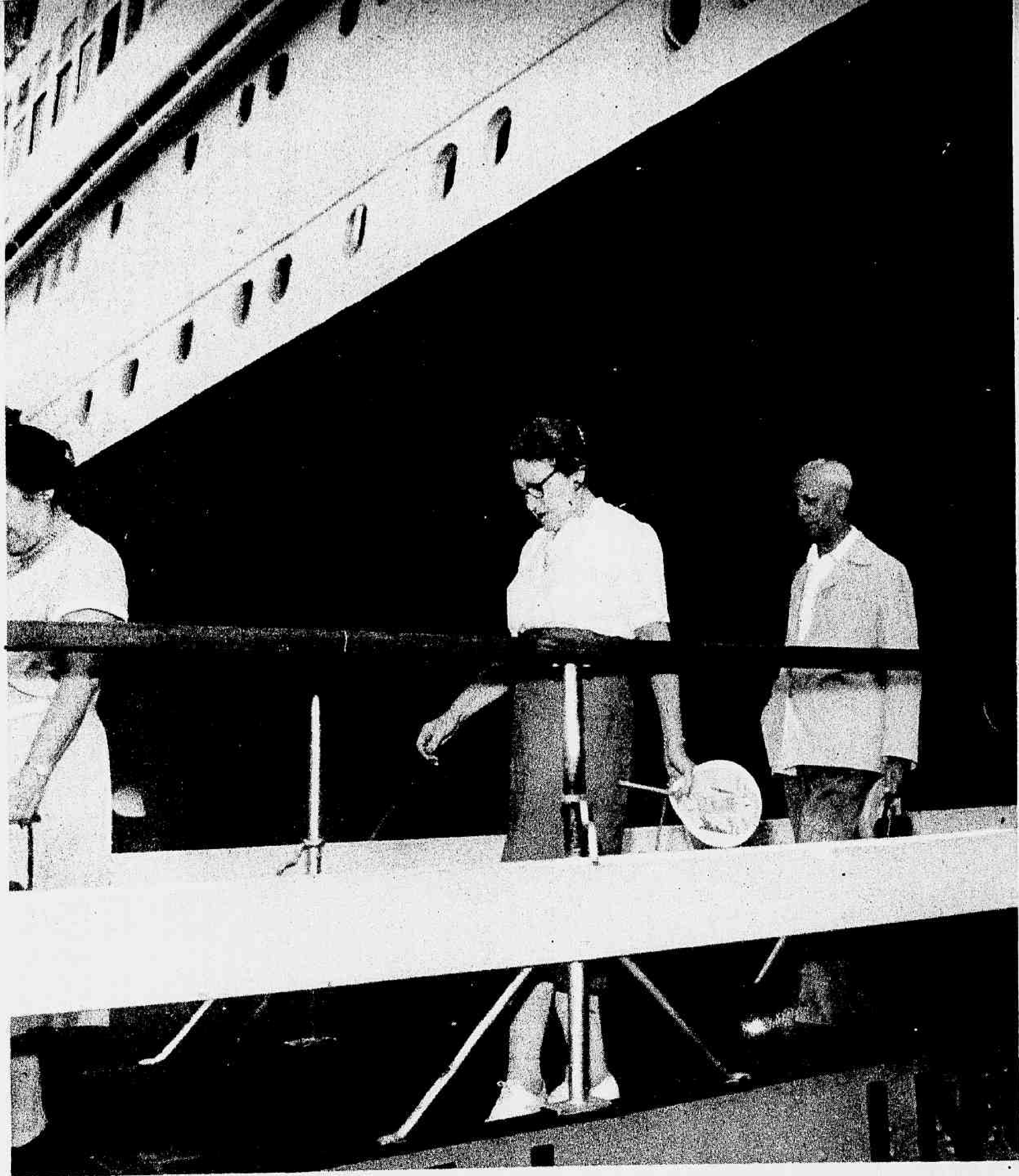
INTERPRETAÇÃO — Dizem os livrinhos populares que, sonhar que se muda de roupa significa trocar esta existência por outra, ou, mais claramente, que se vai morrer. Não dou maior crédito a essa interpretação. Entretanto, a julgar pelo que nos ensina a Metafísica, com relação ao nosso corpo denso, não é totalmente descabida essa simbologia. A Metafísica diz que o envólucro do espírito — o corpo — é, apenas, a vestimenta grosseira e que a trocamos por outra, mais etérea, ao passar pelo plano terráqueo para outro, ainda de nós desconhecido. Mas, não podemos interpretar os sonhos seguindo uma diretriz retilínea. Temos que abranger vários pontos e ângulos, visto que, para se dar o fenômeno, temos que conhecer infinitas cousas e oferecer ao sub-consciente, ao mesmo tempo, uma idéia-estímulo que o desperte, fermentando as que nêle jazem adormecidas. Assim, acredito que você não se aprecie muito e viva subestimando-se, talvez sem outra razão além do desejo de superar-se (mudar de roupa). Mas, é evidente que não soube escolher a fiandeira do seu tweed e que ela lhe deu um padrão sem originalidade (vestido feio que rejeitou), e você preferiu ficar com o que Deus lhe deu. Não dê importância a essas banalidades, Coquita, pois, como já disse, o sonho é feito de mil cousas que entretecemos com nossos sentidos externos. E somos nós mesmos que damos ao inconsciente o material com que êle trabalha enquanto dormimos.

● **LOLA (Rio)**

SONHO — Uma amiga entrava em minha casa e me dizia rindo: — Não consegui falar com você pelo telefone. Por isso vim procurá-la para dizer que, num baile de carnaval, namorei com um «gostosão» e desejava saber se êle «presta»... Fato interessante: no dia seguinte fui procurada pelo telefone por aquela amiga, que me relatou exatamente o que me havia dito no sonho.

INTERPRETAÇÃO — Êsses fenômenos são conhecidos pelos psicanalistas como «sonhos premunitórios» — uma espécie de mensagem ao subconsciente, ou mensagem etérea que recebemos enquanto dormimos. São os chamados «sonhos proféticos», tão conhecidos na História Antiga pelas religiões e pelos adivinhos. Êles fogem às nossas concepções humana e só poderão ser interpretados sob outro prisma...

● **ARGENTINA (Rio) — Muito obrigado pelas expressões gentis com que se referiu a esta seção. E' com grande prazer que satisfaço a todos os pedidos.**



Nosso país, apesar de tantos atrativos naturais e construídos pela inteligência humana, ainda não é um país de turismo; entretanto, vamos recebendo grupos de pessoas de várias nações do mundo, interessadas em coisas do Brasil. A fotografia que publicamos nos mostra algumas dessas pessoas descendo de um transatlântico.

TURISMO

A GALINHA DOS OVOS DE OURO

O REI DA CERVEJA E O REI DO NYLON EMBASBACADOS COM O RIO • NEM SÓ DE PAISAGEM VIVE O TURISTA • OS SOBRINHOS DE TIO SAM SÃO FILHOS PRÓDIGOS: ÁGUAS-MARINHAS, DUZENTOS E DEZ MIL CRUZEIROS EM DEZ MINUTOS • PETRÓPOLIS, PÃO DE AÇÚCAR E CORCOVADO NÃO PERDEM O SEU GRANDE PRESTÍGIO • MILHÕES PARA O BRASIL, MAS QUE VÃO PARA O URUGUAI.

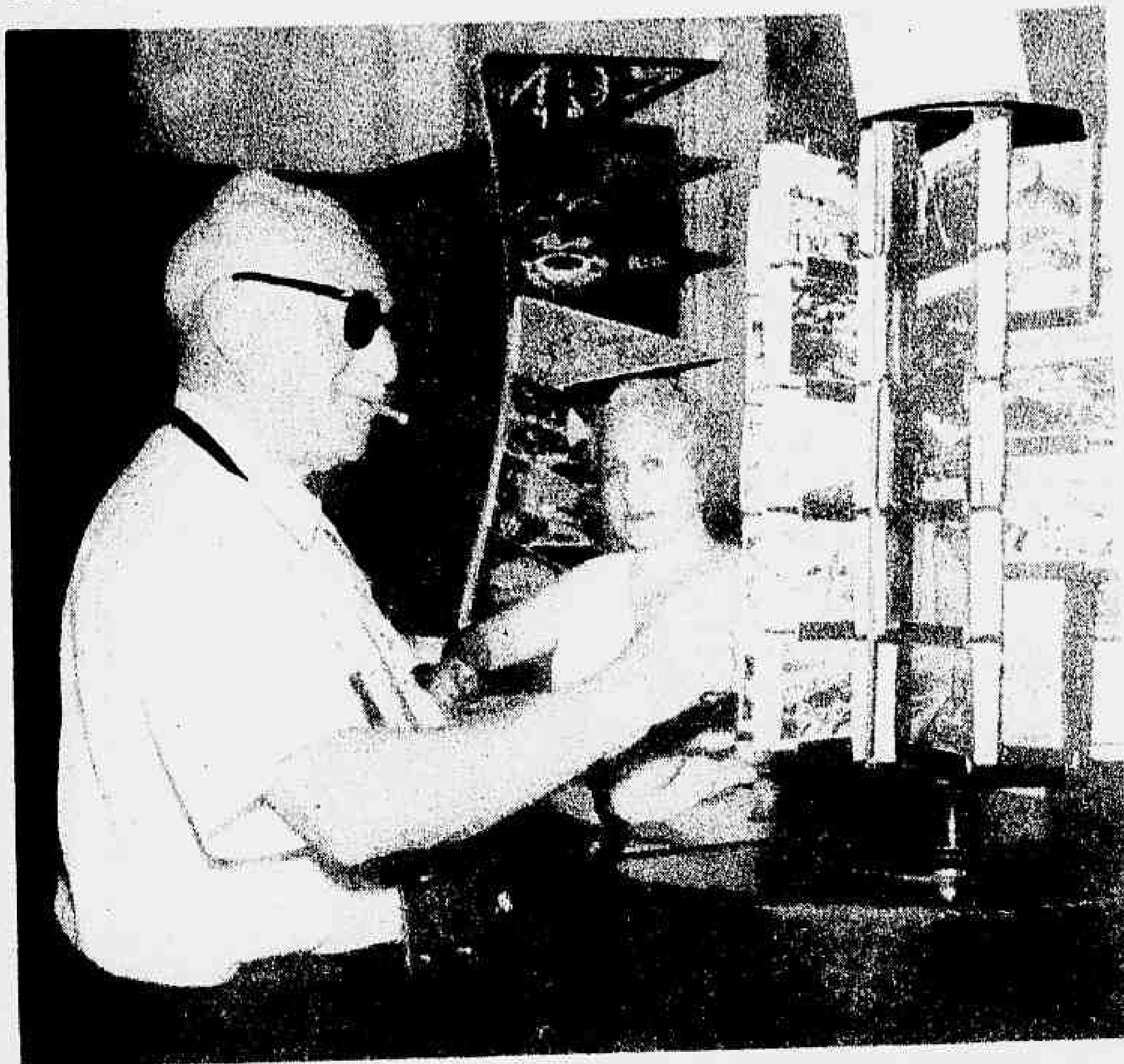
Reportagem de RICARDO FREI

Fotos de ALBERTO FERREIRA LIMA

ESTA cidade maravilhosa, capital do país do futuro, no presente, deixa que tudo aconteça ao sabor da deusa Fortuna, que tem os olhos vendados e se equilibra sôbre uma roda mitológica. Acontece que como somos afortunados, de vez em quando nos cai nas mãos um ôvo de ouro que ninguém sabe de onde vem. Mas costuma chegar pelos arredores do cais do pôrto, ali pela praça do Touring Club. São alguns milhares de dólares, preciosa divisa pela qual lutam os



Êste é Mr. F. H. Irr, o Rei da Cerveja dos EE. UU., e que agora nos visita pela primeira vez.



A primeira coisa que um turista faz, ao saltar na Praça Mauá, é ir a um dos bares dali, tomar qualquer coisa e comprar postais da cidade.



Muitos se deixam ficar a bordo durante a estada do transatlântico no pôrto, uma vez que os nossos hotéis são caros e ainda insuficientes.

mercados contemporâneos. Essas redondas e douradas moedas saltam do bôlso dos turistas, personagens risonhos, bem-humorados, que deixaram suas confortáveis residências nos Estados Unidos ou no Canadá e vêm até aqui ver como é que vivem e morrem os latino-americanos.

São inconfundíveis: camisas com estamparia estapafúrdia, senhoras de cabelos nevados e chapéus superfloridos, meias avermelhadas, sapatos avantajados e geralmente de camurça alvíssima de alvaiade. Têm à tiracolo uma excelente máquina fotográfica ou então uma pequena câmara de filmar. Olham vivamente para as nossas vitrinas e compram sem regatear o que êles chamam os nossos «cúrios» (curiós, não) «cúrios», isto é, curiosidades, bôlsas e cintos de crocodilo, bonecas baianas, caixinhas de madeira trabalhada no Paraná, asas de borboleta. E o que não deixam de levar são as nossas águas-marinhas. Ah! é um encantamento para os turistas essas pedras límpidas que parecem pedaços de mar cristalizado. E com isso e mais alguns passeios cobrados a pêso de dólar, as divisas vão ficando por aqui, aumentando o valor do meio circulante.

Mas como dissemos tudo isso apenas acontece. Como se fôsse um bilhete de loteria premiado, encosta um transatlântico e, aberta a estranha colmeia, lá vem descendo aos milhares os nórdicos e corados visitantes. Nenhum plano, nenhuma assistência, nenhuma indicação que os oriente. Se não fôsse a índole naturalmente gentil (que ainda resta, sem dúvida) do carioca, o turista não saberia como ir adiante da praça Mauá, sem se perder entre a rua Larga e a Avenida. Então aparece uma multidão de sábios, de falsos guias, que tudo o que querem é tirar uma casquinha do dólar, de qualquer maneira. Começam pelo câmbio-negro. Trocam o dólar pelo que podem. Pedem muito alto e logo regateiam. Sua linguagem é a do «yes» e do «no» mas no fim levam o dinheiro dos mais afobados, que andando meio quarteirão encontrariam bancos capazes de fazer a operação legal. Mas êles, entre outras coisas, não adivinham.

OS PASSEIOS

Quando acontece que chegam em grupos e pagaram no pôrto de embarque por uma excursão completa a alguma emprêsa especializada, uma vez em terra logo os levam ao Pão de Açúcar, ao Corcovado e a Petrópolis. E cobram (somos testemunhas) a bagatela de Cr$ 840,00 por cabeça para levá-los até Quitandinha e ali servir um almôço que, no dizer de Mrs. Edward F.



Outros, porém, sòzinhos ou com suas famílias, conseguem cômodos em hotéis de praia e vão gozar das delícias de Copacabana deslumbrante.



A temperatura não estava muito amiga dos homens que vêm de países frios, por isso êste turista canadense conversava e se abanava todo.



Depois de excelente banho em hotel de luxo, o casal com seus petrechos de fotógrafos amadores, saem para a rua, cheios de curiosidade

Russick é intragável, com carne de perfume suspeitíssimo.

Mas quem pergunte como o fizemos a Mr. F. H. Irr (O Rei da Cerveja dos Estados Unidos) que tal o Rio? Êle logo se desmancha em elogios:

— It is beatifull! Wonderfull! etc.

Mr. Irr, de ascendência alemã, conseguiu dar à sua cerveja «Diebold» fama mundial e depois de viajar em redor do mundo lhe faltava conhecer o Rio que um amigo elogiara como sendo a cidade mais linda do mundo. Mas também queixou-se: «Acredito que haja muitas coisas preciosas que não vi porque não me indicaram nem me deram o tempo necessário.»

Entre outros industriais de renome veio também a bordo do «New Amsterdam» o Rei do Nylon, Mr. Philip Lipton, e sra., que apesar do calor disseram que valeu a pena vir de Cleveland (Ohio) para poder contemplar a mais linda baía do mundo. As montanhas e as praias tudo os encantou.

Em Petrópolis, em menos de dez minutos, vimos um comerciante receber 210 mil cruzeiros de pedras semipreciosas vendidas a dois casais. Ora, não é o caso de se fazer uso e proveito das dádivas que a natureza nos concedeu, organizando oficialmente a assistência aos visitantes estrangeiros que fazem ao vivo a política de boa-vizinhança, alegrando o espírito com a nossa beleza e aumentando o nosso nível de vida comercial?

NÃO BASTA A PAISAGEM

Depois de duas ou três voltas pela avenida Beira-Mar, o Pão de Açúcar fica visto; depois de subir ao Corcovado ninguém faz uma segunda escalada. Mas o turista não se dá por satisfeito. Êle pressente que há outras coisas para ver. Vê as matas da Tijuca e pergunta: — Há estradas, por entre aquelas montanhas? E há mesmo, e datam de nosso Imperador Dom Pedro I, que muitas delas as traçou pessoalmente. Mas turista algum, pelo menos desta leva que entrevistamos, conheceu ou sequer ouviu falar dêsse passeio maravilhoso. Jardim Botânico? Nem notícia. Resultado: voltam para o navio e sentam-se nos salões e começam a jogar canastra e pif-paf. E os dólares começam a correr entre êles em forma de fichas de matéria plástica.

Muitos perguntam: «Onde fica a Urca, o Cassino da Urca, o Icaraí?» E' que amigos que estiveram aqui há alguns anos disseram que o jôgo aqui é muito mais interessante que em Monte Carlo. Mas quando sabem que não há jôgo no país, ficam tristes e não sabem se conformar. Muitos se consolam. «Bem, no Uruguai teremos a nossa oportunidade».

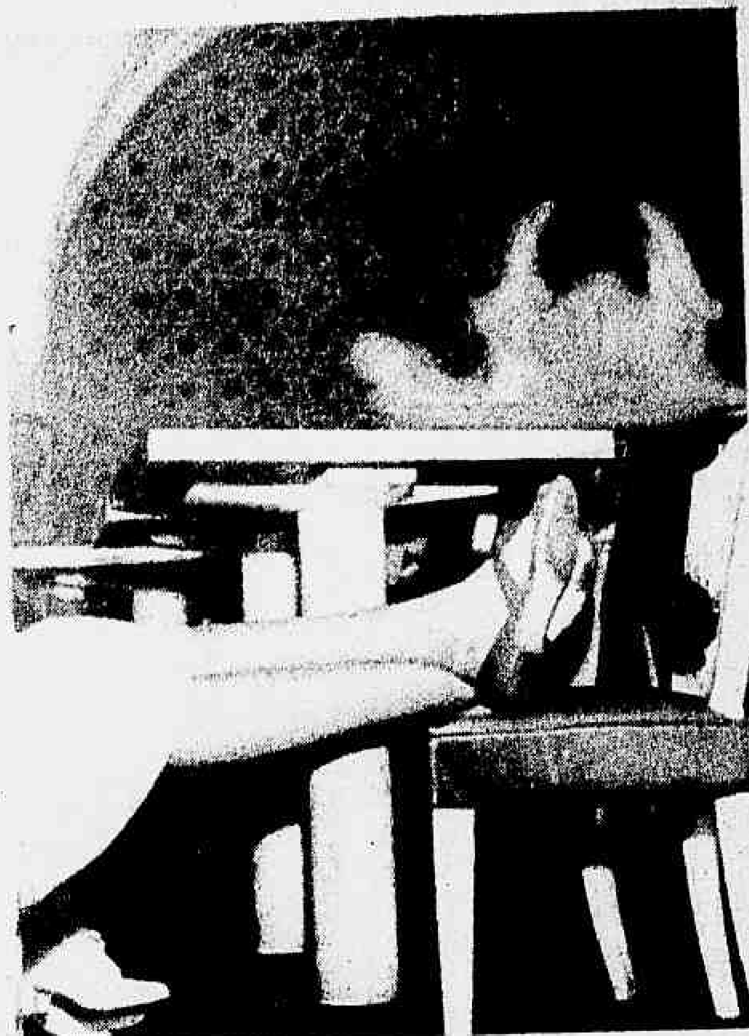
ESTAMOS COM TUDO

A natureza está indubitàvelmente a serviço do Brasil. Temos de fato um cenário para a melhor cidade do mundo. Temos melhorado nosso calçamento, nosso ajardinamento, o clima, em certa parte do ano é admirável. Por outro lado a boa-vontade dos turistas está comprovada. Vêm, alguns dêles, pela segunda vez ao Rio. Têm bom-humor a tôda prova. Mas se sentem muito

(Cont. na pág. 38)



Uma turista dorme em pleno «dolce far niente», sob a agradável temperatura do apartamento refrigerado e sonho com o país maravilhoso.



Em Quitandinha os nossos turistas ficam muito bem hospedados e descansam as pernas numa posição pouco civilizada, mas muito cômoda.



O ambiente de Quitandinha é um convite à felicidade, não há dúvida. Os excursionistas que vêm ao Rio, fazem dali sua Meca obrigatória.



Esta senhora americana acaba de chegar ao Rio e vai ao balcão dar os informes necessários para o empregado do hotel em que se hospedou.



Rei da Cerveja, Rei do Nylon dos EE. UU., ou qualquer outro Rei com suas coroas de dólares, êles gostam de conhecer o nosso país.



E vão escrevendo para suas famílias e conhecidos, em cartas e postais da Cidade Maravilhosa, as maravilhas que viram por estas plagias.

EPIDEMIA DE TARADOS

Texto de **NAPOLEÃO AGUSTIN LOPES**

Desenho de **RAMON**

DE quando em vez a imprensa trata, com realismo uns, com fantasia outros, de uns tipos endemoniados que não se ajustando à vida normal de casados e chefes de família nem tampouco ao celibato religioso, fazem de sua existência um centro de crimes, via de regra com fundamento em desvios sexuais. Não há muito a polícia e a justiça se viram às voltas com um monstro que tinha a singular preferência pelas jovens japonêsas adolescentes. As atraía, arrastava para lugares ermos e depois de violentá-las, as estrangulava. Repetiu a façanha inúmeras vêzes e quando prêso já tinha em mãos uma lista de suas futuras vítimas, entre as quais também figuravam meninos.

Agora está no cartaz dos monstros, outro. Desta feita — já que ainda não se lhe conhece o nome, o chamam «tarado de Queimados». Êste engenhou-se e usou da imprensa e de «algumas bem traçadas linhas» para levar mocinhas à desonra, ameaçando-as de morte, depois de escandalizá-las.

O DE QUEIMADOS ESTÁ NO CARTAZ • A ISCA FOI UMA CARTA LITERÀRIAMENTE PERFEITA • DE FACA EM PUNHO RENDIA PREITO A VÊNUS • A MILIONÁRIA DE SUA IMAGINAÇÃO • UM POUCO DE LOMBROSO, OUTRO POUCO DE SARTRE E DECÓR DE «ARROZ AMARGO» • MONSTROS VERSUS POLÍCIA.

O ANÚNCIO

Na coluna de precisa-se, publicou num matutino o seguinte anúncio:

«DAMA DE COMPANHIA — Moça de recursos e sòzinha procura outra de 18 a 25 anos, independente e de ótima aparência para acompanhá-la. E' necessário que possa viajar. Ordenado Cr$ 2 000,00. Pedem-se detalhes e onde deve ser procurada, para 12952, na portaria.»

Esta redação para um leitor arguto daria um pouco que pensar, mas para quem se destinava — uma jovem de 18 a 25 anos — nada parecia anormal. E o resultado é que sempre fazia efeito, apesar do magro ordenado prometido.

SEGUNDO EPISÓDIO

Quando a resposta chegava com o endereço da candidata à caixa do jornal, seguia-se uma visita do tarado, desta feita fantasiado de secretário da milionária que êle mesmo inventou. A desculpa vinha por escrito, explicando porque não podia atendê-la no Rio e sim no seu sítio de Queimados (que como veremos mais adiante foi herdado dos pais). E, segundo a descrição de Maria Nazareth, o portador da carta-convite era um «homem magro de faces encovadas, cabelos pretos, lisos, vestindo um surrado terno marrom claro e tendo à mão uma velha pasta.»

Bateu na campainha e atendido entrou, e expôs a situação de sua «patroa», que estava acamada. A carta de que era portador merece ser transcrita para que se sinta todo o sabor que a ficção pode ter quando incide na realidade; vejamo-la:

«Estado do Rio, 20-2-953

Jovem N., bom-dia. Acusando a sua amável cartinha que no momento tenho diante dos olhos, digo-lhe, fiquei bastante interessada em tê-la por minha dama de companhia, dependendo exclusivamente de você. Sabe por quê? Pelo seguinte: não sou daqui do Rio, sou de São Paulo; lá é que tenho residência fixa. Aqui sòmente venho a passeio ou diretamente a negócios, pois tenho um sítio em Queimados, herança dos meus pais. Compreende agora por que depende de você? Talvez você não queira ausentar-se da cidade maravilhosa, não é verdade? Mas se eu estiver enganada o emprêgo é seu e tenho certeza de que ficarei bem servida. Quanto à entrevista, também depende de você, pois estou ligeiramente acamada, o que quer dizer que você é quem deve vir. O portador é meu empregado de inteira confiança. Portanto, se verdadeiramente você aceita o cargo, combine com êle o dia em que você pode vir e eu a mandarei buscar. Está bem assim? Mas tem que ser com urgência porque espero viajar tão logo me seja possível. Entendeu? Ainda êle dará maiores detalhes da minha pessoa. Penso ser boazinha agora não sei se os outros acham. Quanto à minha vida restrinjo-a ao seguinte: passeios, diversões, esportes, enfim tudo aquilo que faz bem ao espírito. Não sei se agrada a você. De que vale o dinheiro amontoado num banco e a gente passar por vontades? Sou herdeira de uma fortuna de oito milhões de cruzeiros. Metade está em bancos, a juros, e metade em imóveis, portanto nada de tristezas. Nunca tive dama de companhia. Você é ou será a primeira e, independentemente do ordenado, muita coisa posso fazer por você. Mudemos de assunto. O meu sítio aqui em Queimados fica bem distante da estação, calculo uns trinta minutos a pé e por desgraça é a única condução do momento, pois o meu carro está na oficina para regulagem da máquina. Dêsse modo, a nossa entrevista depende de um sacrifício de você. Está disposta a isso? Se está mando o portador buscá-la amanhã. Êle, como já disse, é pessoa de inteira confiança. E, certa de que posso contar com você amanhã, despeço-me, mas antes pergunto, não é por nada, simplesmente por querer saber: é casada, solteira, enfim moça ou mulher? — (as.) Mademoiselle Hortênsia Fleury. Sítio Fleury. Queimados. Estado do Rio.

Em tempo: Qualquer decisão mande por escrito, incluindo a última pergunta.»

LIÇÃO DE FICÇÃO

Não são numerosos entre nós os romancistas e contistas capazes de uma obra — letra e fato — igual a que acabamos de expor. O poder de convencer, a simulação do sexo, os tiques femininos das frases interpoladas, a familiaridade do trato, as indicações de lugares, coisas e pessoas inexistentes, transformam o tarado num excelente candidato às fileiras do existencialismo. A preocupação do estado nupcial ou pré-nupcial da futura dama de companhia dão a pista psicológica para a galeria dos lombrosianos, que de Freud em Freud enchem as penitenciárias. Mas o fato é que juntando engenho e arte o tarado de Queimados foi fazendo das suas.

O CENÁRIO DO TERCEIRO EPISÓDIO

Por ingenuidade ou levada pela necessidade de emprêgo, que obriga as jovens a fazer muitos sacrifícios (tal como nos conta Marques Rebello em «A estrêla sobe») a nossa pobre heroína de novela tragicômica foi à Praça Mauá e dali, em falta do automóvel suposto, embarcou com o «magro cidadão de faces encovadas, terno marrom claro e pasta na mão». Não se amedrontou com a distância da Estação até a casa da Mademoiselle Fleury, e caminhou a pé ao cair da noite por entre os ínvios caminhos que vão da estação de Queimados até ao cenário onde o cinema italiano da escola neo-realista filmaria uma variante do «Arroz Amargo» trocando o galã pelo tarado e a varinha de Silvana Mangano por um punhal ponteagudo.

Prostrada pelo estranho e doentio indivíduo viu-se com as vestes rasgadas e com o corpo machucado, atordoada pelas fortes doses de aguardente, e o dia amanhecendo. Procurou recompor-se e voltou para casa.

DOIS TELEFONEMAS

O sujeito é como todos os criminosos arrastado por instintos primários que refletem na consciência em forma de remorso e de estímulo para a repetição da façanha. Telefonou duas vêzes para sua vítima sob o pretexto de devolver-lhe os óculos. Marcou o lugar onde os deixaria — na estação de Barão de Mauá. Ora, segundo a velha lei conhecida de qualquer criminalista principiante, o criminoso sempre volta ao local do crime. Ou pelo menos, se a vítima é viva, a vê-la, mesmo de longe. E' pois certo que se a jovem fôsse à Estação Barão de Mauá por lá veria, escondido por trás de alguma coluna, o mesmo terno marrom claro, as mesmas faces encovadas, o mesmo cabelo prêto e liso e provàvelmente o imbecil levaria nas mãos a decantada pasta.

EPIDEMIA

A nossa Polícia, que deveria ler mais os contos de Conan Doyle e sobretudo os contos policiais de G. K. Chesterton, poderia ter o prazer de cumprir suas funções com acertos formidáveis. Mas para isso é preciso usar a mesma arma dos que procura: a imaginação, pois nisso até agora vem perdendo o páreo, longe. Primeiro, o tarado de São Paulo, depois o ermitão de Marília, mais adiante o avô do próprio filho, agora o de Queimados, fora outros tantos profetas das selvas que andam soltos por aí procurando fazer escola nas ilhas naturalistas que semeiam a nossa linda Guanabara. E' uma questão de concorrência. Quem tiver mais audácia ganhará. O jôgo é no Brasil: Tarados versus Polícia.



MAIS DE DUZENTOS MIL CRUZEIROS DE PRÊMIOS

UM aparelho de televisão, máquinas de costura e de escrever, terreno, bicicleta motorizada, enceradeira, além de uma centena de objetos de utilidade doméstica!

★

O ÁLBUM-REVISTA DA SEMANA não oferece apenas grande número de prêmios de grande utilidade para as famílias, desde aparelho de televisão a uma centena de objetos imprescindíveis a qualquer lar.

O ÁLBUM-REVISTA DA SEMANA se recomenda como publicação que vem mostrar o que o nosso país possui de mais belo e digno de ser visto, robustecendo a confiança que devemos ter em nosso futuro, para que continuemos a obra construtiva dos antepassados; é o maior repositório de informações turísticas até hoje oferecidas ao nosso povo, proporcionando a todos, homens, mulheres e crianças, viagens pelo Brasil sem o menor esfôrço.

O ÁLBUM-REVISTA DA SEMANA encontra-se em tôdas as bancas do Rio, capitais dos Estados e cidades do interior do país, levando ao nosso povo a mais eficiente contribuição para sua cultura, seu progresso espiritual e patriotismo; é o companheiro agradável dos estudantes de tôdas as classes, a distração de todos, o guia que ENSINA, EDUCA, INSTRUI, DIVERTTE, E DÁ BELÍSSIMOS PRÊMIOS! LEIAM AS INSTRUÇÕES E ESCLARECIMENTOS CONTIDOS NO MESMO.

★

O maravilhoso ÁLBUM-REVISTA DA SEMANA é uma enciclopédia de viagens pelo Brasil, indispensável a todos que desejam aumentar a cultura geral e conhecer as belezas de nossa terra, seus grandes homens, obras de arte, folclore, sua geografia e história. Na página 30 dêste número encontrará o leitor **os postais coloridos** que, depois de recortados, deverão ser colados nos espaços do ÁLBUM com numeração idêntica.

Leiam as instruções contidas no ÁLBUM, coloquem os postais e completem a primeira VIAGEM TURÍSTICA até junho, habilitando-se ao primeiro sorteio.

★

Planejado e lançado pela

BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A.

Rua Visconde de Inhaúma, 134 — Rio de Janeiro





155

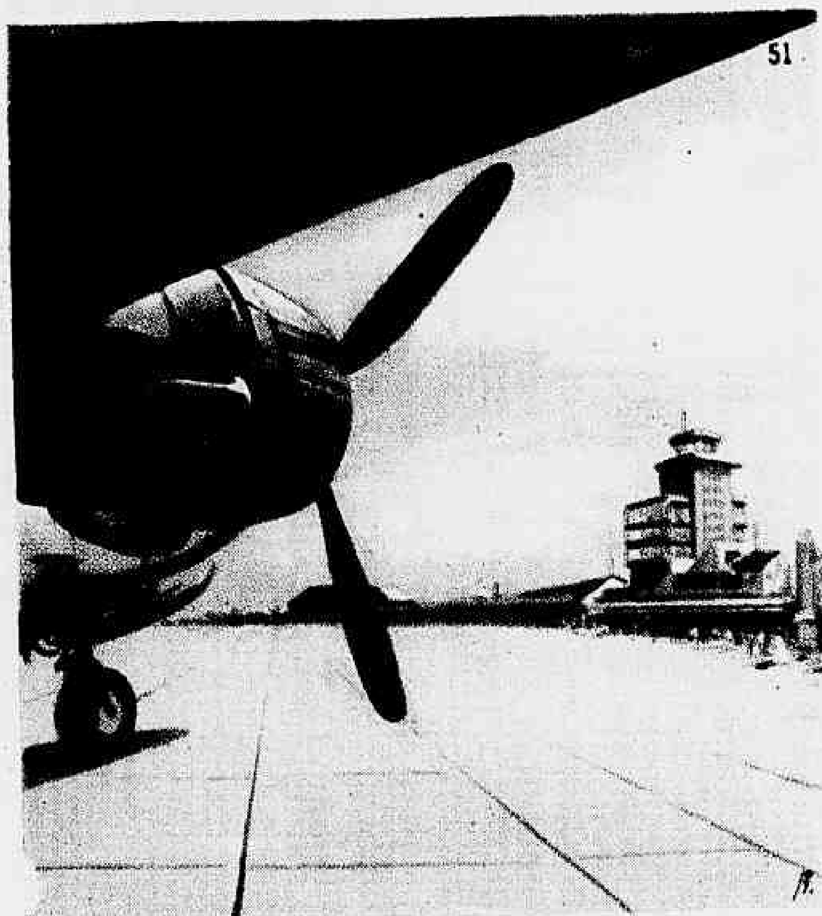




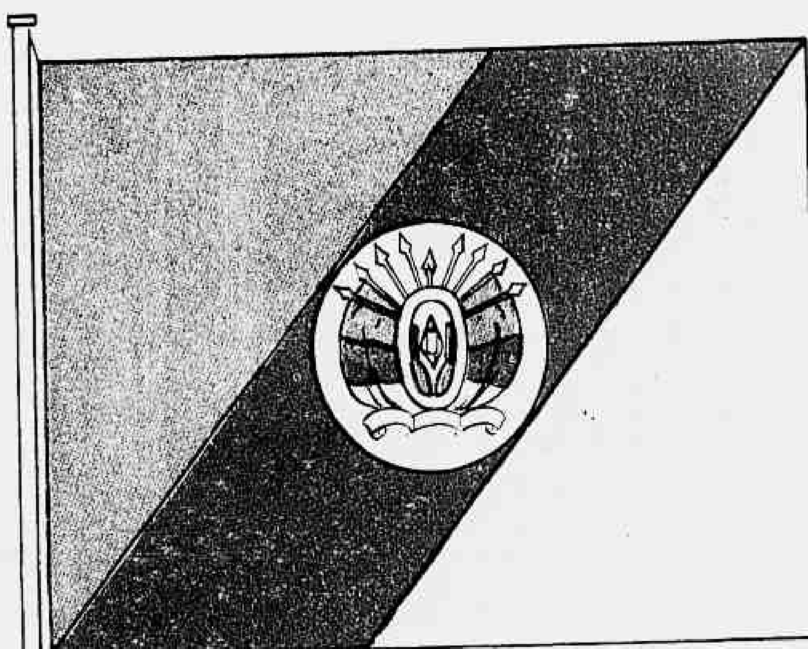
76



51



102



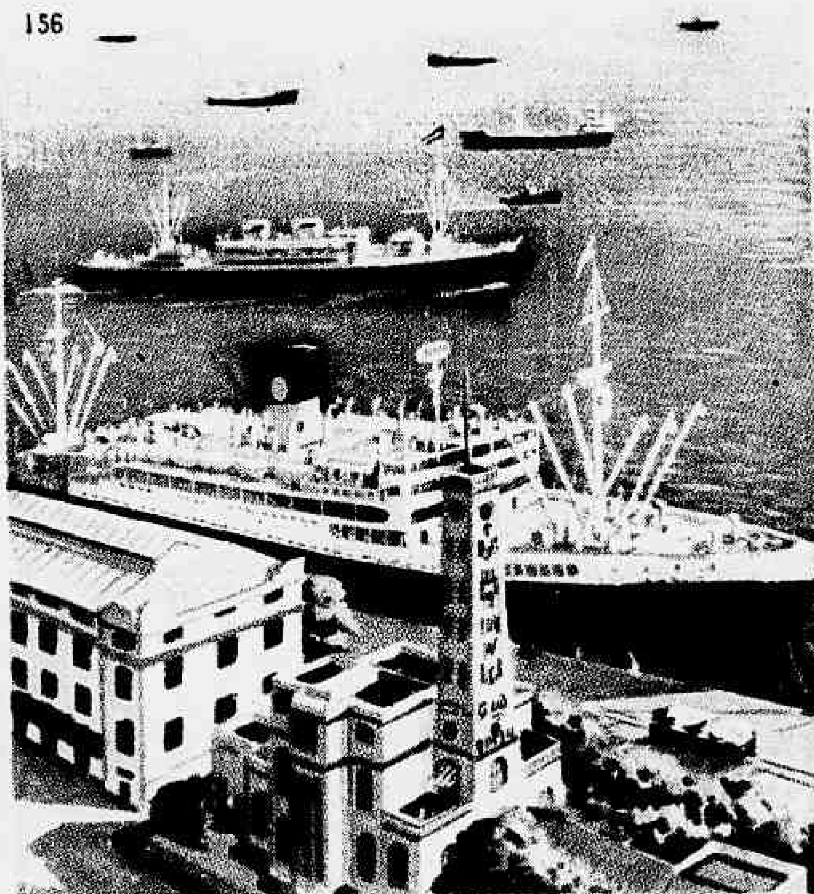
140



57



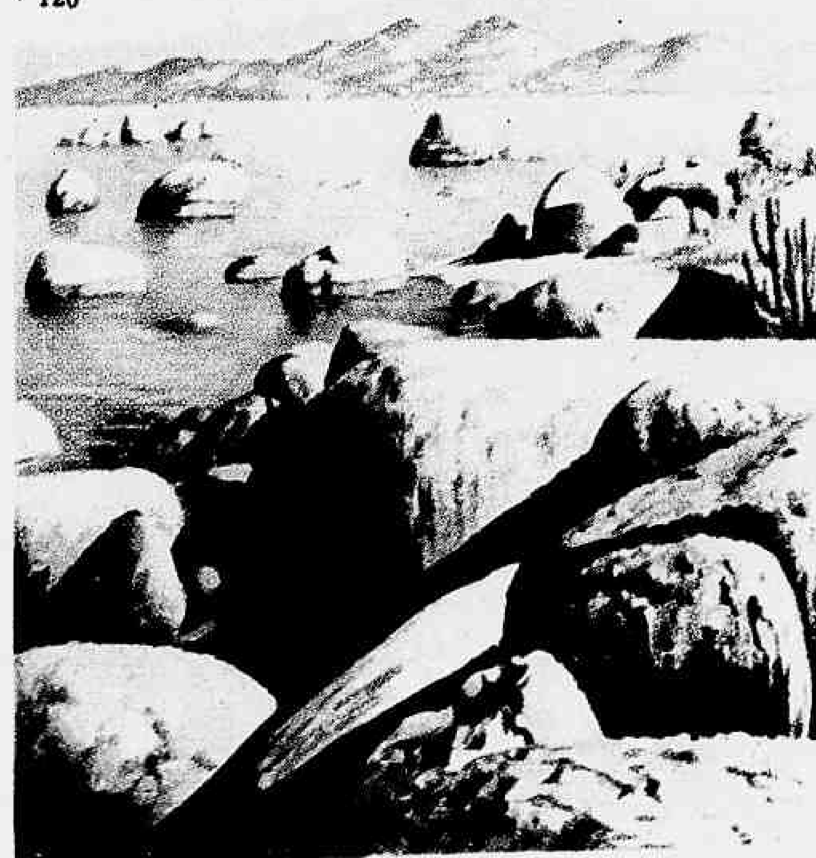
156



7



120



15



39

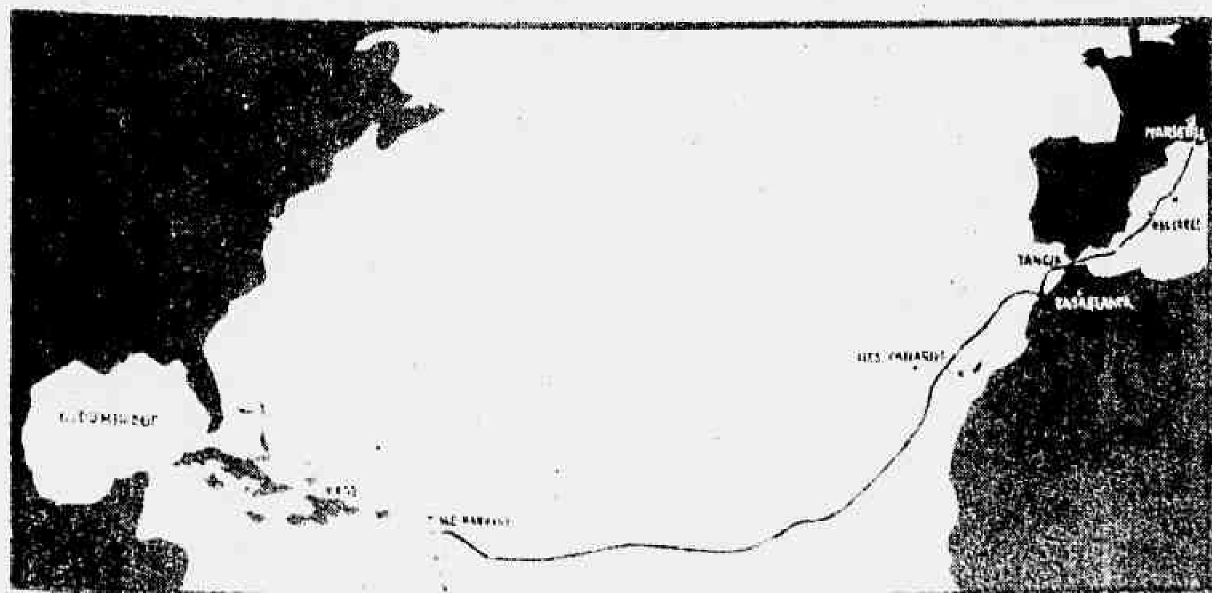


O NAUFRAGO VOLUNTÁRIO



O dr. Alain Bombard, o «náufrago voluntário», ao chegar ao aeroporto de Orly, é abraçado e beijado por sua espôsa Gianette. Êle sorri triunfalmente e feliz, após a maior aventura de que há memór ia nos anais da experiência humana, em favor da humanidade.

"COMEU" ÁGUA E "BEBEU" PEIXE



Mapa que fala por si mesmo: desde a par[illegible] de Marselha, até chegar à ilha de Barbados, o «navegador solitá[illegible]» percorreu mais de 500 [illegible]ms.

A AVENTURA DO MÉDICO ALAIN BOMBARD ★ SESSENTA E DOIS DIAS VIVENDO NO MAR E DO MAR ★ CIÊNCIA E NÃO ESPORTE ★ TRÊS VÊZES TEVE SEU BARCO VARADO PELOS ESPADARTES DAS ANTILHAS ★ PERDEU MUITOS QUILOS, MAS VENCEU A PROVA SENSACIONAL

O NÁUFRAGO VOLUNTÁRIO



Interno de hospitais, Alain preparou sua expedição muito antes de se lançar ao léu da sorte sôbre as águas revôltas do Atlântico.



Cercado de crianças êle contou os mais culminantes episódios de sua grande aventura e lhes disse que ainda voltaria a repeti-las.



De um peixe cru poderá o homem tirar elementos para comer e beber. Era isto que êle procurava provar e o conseguiu, é claro.

A verdade só se prova pela experiência, é uma sentença filosófica aceita por todo mundo. Dizer e não provar, não é dizer, já afirmavam os romanos. Pois há um homem neste mundo que, por diletantismo, quis provar esta coisa assombrosa: a de que um náufrago pode sobreviver pelos próprios recursos que o mar lhe dá, se vier a ficar boiando sôbre destroços ao léu da sorte. E' o dr. Alain Bombard, interno dos hospitais de Paris e que, desde muito se vinha preparando para esta prova inédita e sensacional. Êle sabia que, em 1889, o príncipe Albert de Monaco afirmara que «um náufrago munido de material de pesca, pode sobreviver tirando sua alimentação do mar». Primeiramente o dr. Bombard passou a estudar afincadamente a composição dos peixes. Encontrou nêles gorduras, proteínas, vitaminas A e B. E água e açúcar, para evitar o escorbuto? Começou a estudar o caso da água do mar e chegou a esta conclusão surpreendente: um náufrago pode beber água salgada em quantidade suficiente para não morrer de sêde nem enlouquecer. Isso vinha contrariar teorias oficiais...

Mas êsse experimentador vai mais longe. Sabendo que os filhos da Polinésia conseguiam «beber» nos peixes, procura executar o mesmo processo e alcança o mais absoluto êxito: fazendo em certa espécie de peixe uma incisão em forma de V, prova o líquido saído dali, examina-o e constata que se trata de uma mistura que pode ser bebida sofrível em matéria de água potável. Para ir mais adiante e inventa um aparelho para extrair água dos peixes, dando-lhe o nome de «presse a poisson». Mas, o açúcar? Não é possível retirar do mar qualquer quantidade de açúcar necessária ao corpo humano. Mas Bombard conclui que, o próprio organismo humano, pode chegar a fazer a síntese do açúcar por intermédio de gorduras e proteínas, se se beber suficientemente água. O problema do açúcar está ligado, pois, muito intimamente, ao da água. Faltava ainda lutar contra o escorbuto. Veio em socorro de Bombard o «plancton», matéria composta de algas e animais microscópicos que se acha em grandes extensões no alto mar de tôdas as partes do mundo. O «plancton» contém a vitamina C, que é anti-escorbútica. Os meios de obtê-lo, já os sabia o médico, e também que, para evitar o escorbuto, bastava a ingestão diária de umas cem gramas por dia.

Os três problemas estavam resolvidos. Teòricamente, pelo menos. Construiu uma curiosa e extravagante embarcação em forma de ferradura fechada nas pontas. Um bote estranho, mas muito sólido. Com o seu inventor vão mais dois homens, mas êstes o deixam sòzinho e, a 19 de outubro êle sai para a sua aventura científica a bordo de «L'Hérétique». E declarou aos que lhe foram desejar êxito: «Sei que um homem solitário no meio do mar, é uma pessoa de moral abatida; mas eu penso provar minha teoria. Aportarei às costas americanas dentro de cinqüenta ou sessenta dias».

A bordo levava um transmissor de rádio e um aparelho receptor. E o mais era com o oceano. Por isso, alguns marujos que o viram partir de Marselha, disseram: «Bombard é um homem morto». E sua espôsa? Sim, o louco cientista é casado e sua mulher estava para dar à luz... Mme. Bombard não aprovara a aventura do marido; mas, como não queria que êle a tomasse como incapaz de compreender o alcance humano e científico daquela prova sensacional, corcordou com sua tentativa.

E lá se foi êle com seu barco exótico de mar a dentro, para o desconhecido. Sua mulher ficou atenta ao rádio, bem como todo mundo



Mme. Bombard vivia feliz com seu marido. Ela desaprovou a tentativa; mas o médico era tenaz e, nem ela, pôde demovê-lo da idéia.



Nathalie, a primogênita do navegador solitário, está risonha e parece que já sabe que seu destemido pai fêz experiências com peixes.



Durante os angustiosos dias de silêncio do espôso, ia ela, várias vêzes, saber se havia no telégrafo alguma notícia a seu respeito.



Êste foi o barco de que se serviu o audaz médico que nunca foi marinheiro em sua vida. Todo mundo julgava que êle ia «suicidar-se»...



Chega o dia da partida! Bombard embarca com seu amigo Palmer; mas êste não agüenta e, ainda no Mar Mediterrâneo, dá o fora.



Alain Bombard, abandonado pelo companheiro, prossegue e chega ao fim. Aqui vemos sua «jangada» na praia da ilha de Barbados.

que soube a loucura. Durante cinqüenta dias nenhuma notícia do singular navegador. Morrera? Estaria nalguma ilha deserta? Vítima de tempestade? Silêncio...

Mas, inesperadamente, é sua existência anunciada por um navio. Achava-se a 1.300 quilômetros a oeste das Antilhas. Sua senhora respirou mais consolada. Que pesadelo, Senhor Deus! Depois, novamente o silêncio. Muitos diziam que êle sucumbira. Outras pessoas achavam que êle devia estar vivo. Depois, nova notícia: estava êle a 150 milhas de Barbados, segundo rádio de bordo do navio «Arakaka». Houve outro suspiro de alívio e se aguardou que uma notícia definitiva marcasse o final da mais extraordinária aventura de um náufrago voluntário...

E então, depois de 62 dias de travessia, a 23 de dezembro, chega a Barbados e expede de Bridgetown um telegrama à sua espôsa: «Tudo perfeito. Durma tranqüila. Beijos Alain». E' interessante esclarecer que sua espôsa, embora tivesse ficado à escuta junto ao aparelho de rádio, deixou de saber por êsse intermédio, justamente porque, nesse dia, o mesmo sofrera um desarranjo. Puro amigo da onça...

Há também um parêntese a esclarecer aqui. Quando o navegador solitário chegou a Las Palmas, nas Canárias, deu um «pulinho» à França a fim de abraçar a espôsa que acabava de dar à luz uma menina, Nathalie. Depois de cumprir êsse grande desejo, que era o de beijar a espôsa e a filhinha, êle regressa e retoma a aventura.

Quando volta definitivamente à França, coberto de glória, com uma experiência que só êle tem hoje, falou à reportagem, narrou os riscos por que passara, e sua absoluta convicção de que qualquer náufrago poderá salvar-se da fome, da sêde e do escorbuto, se seguir os meios que a ciência e experiência ora encontradas lhe mostram.

Sempre que era descoberto por navios, êstes lhe ofereciam víveres e água. Êle estava louco para comer e beber como gente; mas, acima de tudo estava a teoria que estava provando pela experiência. E agradecia os socorros, continuando a rota para o desconhecido.

Muita fome, muita sêde, muito mêdo passou na amplidão imensa do Atlântico. Mas venceu. «Durante vinte e sete dias, declarou êle, não tive sol para me aquecer, nem vento para empurrar-me para a frente. Por várias vêzes perdi a direção. Por umas seis vêzes meu barco virou. O peixe-espada foi sempre o meu maior inimigo. E' uma fera marinha de muito mau caráter, tendo golpeado por três vêzes o casco do meu bote, furando-o. Confesso que tive grande mêdo. Mas aqui estou. Nem morto, nem esgotado completamente. E consegui provar o que desejava: que um náufrago pode sobreviver».

O mundo inteiro acompanhou esta aventura que é maior do que a de Robinson Crusoe. E' a maior prova prático-científica de todos os tempos, e êsse abnegado e louco dr. Alain Bombard é um herói universal, um cidadão que passa a pertencer à humanidade. Êle arriscou sua vida, a felicidade de sua espôsa, o futuro de sua filha recém-nascida, para proporcionar ao mundo uma teoria já comprovada, de que se pode «comer» água e «beber» peixe. Tudo foi feito mediante um plano científico, e não atabalhoadamente. Com êle iam dois amigos; mas, em face da razão, desistiram. Sòmente êle persistiu. Estava obsedado pela idéia. Ninguém lhe tiraria isso do crânio. Sua espôsa, quando um repórter lhe levou a notícia que ela não tivera a felicidade

(Cont. na pág. 38)



Por fim, uma noite, o rádio anunciava que o espôso chegara são e salvo a uma praia das Antilhas. Ginette respirou aliviada. Já era tempo.



No dia seguinte ela recebia do intimorato médico um telegrama que dizia: «Tudo perfeito. Durma tranqüila». Mas nessa noite não pôde dormir.

UM AUTOR:

HERMAN LIMA



NA série dos Cadernos de Cultura, do Ministério da Educação e Saúde, vem de aparecer êste excelente ensaio de Herman Lima, onde o nosso escritor, colocando-se à frente de quantos trataram do asunto, pela abundância, pelo método da exposição, pela agudeza da penetração e pelo tratamento literário, realmente exgota o que se pode dizer, hoje, dêsse gênero literário, cuja importância parece ainda discutida pelos críticos e pelos ficcionistas, situado sempre em plano inferior ao romance, quando na verdade deve estar ao lado dêle. As aparências de facilidade, a extensão reduzida que o conto se impõe, a abundância de sua produção — tem levado a êsse falso conceito. Herman Lima prova abundantemente neste ensaio, êle que é um de nossos maiores e mais seguros cultores do conto, a importância do gênero. Outro ponto de sua análise muito interessante é a diferenciação feita entre conto e «história». Mais aguda ainda nos parece sua classificação, como uma zona à parte, no território do conto, da «short story», criação particular do jornalismo americano e por si mesma um «gênero», tantas suas particularidades.

● Outro detalhe curioso do ensaio é o lugar que faz à definição de conto de Araripe Júnior, válida e atual, realmente antecipando os mais recentes conceitos a respeito do conto, com uma extraordinária penetração. Cumpre ainda citar nesta obra de Herman Lima o destaque justíssimo que concede a Machado de Assis, no gênero, localizando-o como um verdadeiro precursor do conto moderno, a par dos mais notáveis contistas mundiais.

● Herman Lima, cuja atividade intelectual tem sido das mais fecundas, quer quando nos deu seus excelentes livros de viagens, suas obras de ficção — ainda recentemente re-editadas, para alegria dos que não leram «Garimpo» e «Tigipió», ao seu aparecimento, quer quando nos deu seus belos estudos sôbre a arte da caricatura, aparece neste ensaio luminoso, como um de nossos autores mais recomendáveis, pelo espírito crítico, pela abundância informativa e pelo sentido artístico da obra.

Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

POR ÊSSE MUNDO DAS LETRAS

CLAUDEL deve ter se consolado da perda do Prêmio Nobel para Mauriac: o Vaticano declarou que prefere o seu ao catolicismo de Mauriac.

★

JOÃO GUIMARÃES, apaixonado de Castro Alves, entregou às Edições Melhoramentos sua pequena biografia do vate baiano, para a série daquela editôra destinada à infância e onde já apareceram Tobias Barreto, Euclides, Olavo Bilac, Coelho Neto e Graça Aranha.

★

A VERA CRUZ vai filmar «Floradas na Serra», de Diná Silveira de Queiroz. A propósito, a autora declarou recentemente que há um senador apaixonado pela heroína, Lucila, não podendo acreditar que ela não existe e até pretendendo ir a Campos do Jordão para conhecê-la. De certo é a melhor crítica já feita sôbre a obra que o cinema vai aproveitar, Deus o ajude.

★

ANDEI ADOENTADO e procurei Jorge de Lima. Difícil foi encontrar o poeta para suas funções de médico. Jorge está cuidando da organização do terceiro Congresso Brasileiro de Escritores, a ser efetuado êste ano aqui no Rio e no qual se tratará do quarto, a realizar-se em São Paulo, como parte das festas do centenário.

CONCURSO DE POESIA

Conforme noticiamos sucintamente, o grande diário paulista, "A Gazeta", cuja "Página Feminina" obedece à orientação da escritora Maria Antônia, instituiu um concurso de poesia feminina que tem despertado o mais largo interêsse.

Agora, podemos anunciar que o prazo para remessa de livros para êsse concurso foi prorrogado até o dia 10 de março. Haverá dois prêmios em dinheiro para os livros colocados em primeiro e segundo lugar, constando ainda uma menção honrosa, tantas são as boas obras apresentadas. Os livros premiados serão editados pela "A Gazeta", com ilustrações de Darcy Penteado.

FORA DO PRELO

● **A MANSÃO RENOIR** — Depois dos acontecimentos que deram notoriedade aos trabalhos mediúnicos de Chico Xavier, parece que Dolores Bacelar se destaca como a mais favorecida intérprete dessas mensagens literárias do Além.

«A Mansão Renoir», obra atribuída ao espírito iluminado de «Alfredo, servo de Deus», encerra uma tal messe de ensinamentos morais nas suas 328 páginas, que a sua leitura contribui poderosamente para o desenvolvimento espiritual das criaturas humanas.

A história da opulenta família Renoir, embora não se lhe precise a época, apaixona o leitor e leva-o a seguir àvidamente a transformação moral dos seus componentes. Fatos graves e extraordinários desenrolam-se, então, marcando o início de uma renovação espiritual salvadora. E entre a velha mansão e o casebre do Ermitão da Floresta, vai diminuindo gradativamente a distância. Mas são os poderosos que vão ao encontro do Ermitão, principiando a ver naquela alma pura uma paz de consciência que todo o ouro das suas arcas não consegue comprar.

Admiràvelmente bem concebido, cresce o romance de interêsse a cada novo capítulo que lemos, elevando-se tècnicamente ao nível dos melhores que a boa literatura já apresentou.

Merece louvores o trabalho da médium Dolores Bacelar, criatura completamente afastada de qualquer atividade literária que pudesse justificar uma fraude, permitindo que viesse à luz dos nossos dias tão precioso livro.

UM LIVRO:

A VIDA DE CARLITOS

POUCO antes de receber êste livro, editado pela Livraria da Casa do Estudante, líamos recente artigo de André Maurois, no qual, falando aos jovens escritores, dizia êle, entre outras coisas, que o Balzac de nosso tempo poderá ser um rapaz manejando uma camera de cinema. E, do passo, aconselhava que não se desprezassem as novas técnicas. Vem isso a propósito do fato de ser o cinema, entre nós menos considerado nas suas possibilidades artísticas. Poucos escritores temos que se interessem pelo cinema, entre os quais devemos desde logo citar, com mestre Roquette-Pinto, Otávio de Faria e Vinicius de Morais. Entretanto, mesmo êsses escritores, tão compreensivos diante do cinema, pouco têm escrito sôbre a «sétima arte». E' que os editores não estimulam obras que tratem de cinema. E quem quiser saber, se informar do mundo do celuloide, tem que recorrer à bibliografia estrangeira. Assim, bem haja a Livraria — Editôra da Casa do Estudante, sempre tão bem orientada, e que vem se dedicando a apresentar obras das mais representativas entre o que se tem escrito a respeito de filmes. Agora, ela nos dá, num recorde editorial dos mais apreciáveis, êste livro de Georges Sadoul que mal acaba de aparecer em Paris.

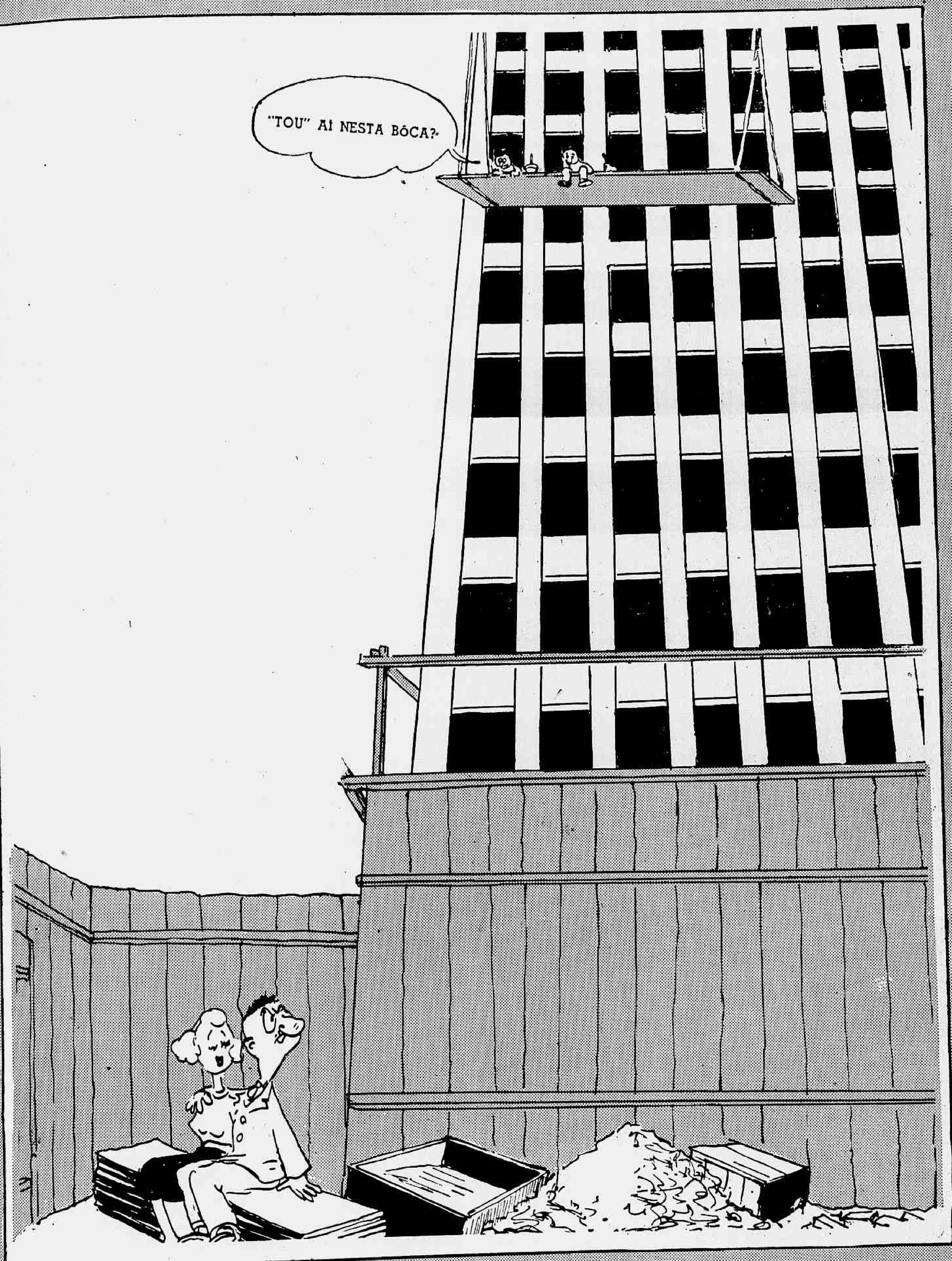
● Entre os muitos livros que se escreveram sôbre Carlitos, êste de Sadoul, dos numerosos que conhecemos, nos parece o mais interessante. Seja por uma condição pessoal de leitor, mas familiarizado com os livros franceses, seja porque o espírito francês esteja mais apto a compreender e penetrar o gênio e a obra chapliniana, na verdade vemos que nesta obra Sadoul foi mais fundo no problema Carlitos e aproximou mais da gente êsse criador extraordinário. E' claro que tôdas as obras dedicadas à arte e à vida de Chaplin revelam simpatia pelo artista incomum. Entretanto, através dêste livro de Sadoul, percebemos algo mais, qual seja uma comovida ternura, uma íntima solidariedade, mais além da pura emoção estética que o autor tenha tido diante da obra admirável. Por êsses títulos, «A Vida de Carlitos», agora aparecida em português, se recomenda aos leitores, por certo representando uma das maiores contribuições para a compreensão dêsse artista de meios tão simples, tão poéticos e tão humanos e que, entretanto, tantas vêzes tem sido mal interpretado, embora o muito que se tenha escrito sôbre êle e o muito que tenha obrado no seu campo cheio de limitações e preconceitos — o cinema.

Esta tradução do livro de Sadoul está muito bem feita por Mário Mendes de Moura, enriquecida por uma cronologia da vida de Chaplin e uma completa relação dos filmes de Carlitos, com os títulos originais e os que tiveram em suas apresentações entre nós, o que é realmente utilíssimo. Soma-se ainda, nesta edição, notas do tradutor, muito esclarecedoras, e boas ilustrações, superiores mesmo às que enriquecem a obra no original.

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

EXPRESSÕES DO POVO II

CRIAÇÃO DE DARCY





Nilse Pinto foi eleita, depois de intenso trabalho eleitoral, a «Rainha do Carnaval do Clube Curitibano». Nós também daríamos nossos votos.



No Clube Concórdia não houve discórdia: todos estavam concordes com as festanças carnavalescas e cantavam alegremente, às vêzes, em trio.

CARNAVAL EM CURITIBA

CURITIBA, A «CIDADE SORRISO», alteada sôbre o planalto da Serra do Mar, vis a vis ao imponente Marumbi, também é louquinha pelos folguedos de Momo, e não perde para nenhuma outra cidade brasileira de **longa metragem**. Possuindo uma população altamente culta e civilizada, construiu o mais opulento e aristocrático clube que existe em nosso país, o Curitibano Clube, onde os bailes são deslumbrantes e atraem os mais lindos rostos do Brasil. Damos nesta página ligeira amostra do que foi o Carnaval de 1953 na capital da terra dos grandes pinheirais. (Fotos LIFE)







No «Graciosa Country Clube» e noutros centros de diversões, reinou o maior entusiasmo. Ao centro vemos a senhorita Nina Seiler, uma «Princesa» concorrente ao lugar de «Rainha do Curitibano». Na última foto, uma fantasia que foi o terror das moscas e mosquitos do grande Carnaval.



No «Petrópolis Clube» os gaúchos cantavam e dançavam a se esbaldar: «Você pensa que cachaça é água»... Mas tudo acabou em paz e em ordem.



CARNAVAL EM PÔRTO ALEGRE

EM PÔRTO ALEGRE O CARNAVAL atingiu grande culminância e a população gaúcha soube aproveitar os três dias de Momo, esquecendo suas mágoas e a carestia da vida. Povo alegre por excelência, sempre disposto a mostrar seu bom-humor, os gaúchos brincaram a valer às margens do Guaíba, espalhando por todos os recantos de sua grande e bela capital os estrépitos do reinado de Momo. Nesta página apresentamos aos leitores da REVISTA DA SEMANA pequena amostra do que foi o Carnaval de 1953 nas gloriosas terras de Bento Gonçalves.



No desfile dos préstitos houve esta delicada homenagem a Francisco Alves. No outro carro, um grupo de «piratas» com todos os seus petrechos.







Desfile da Rainha (S. Paulo Futebol Clube, ao centro) e de outras soberanas do Carnaval de Pôrto Alegre, rodeadas das respectivas princesas, em seus tronos e coroas simbólicas. Em Pôrto Alegre o Carnaval é animado, tanto nos clubes como nas ruas e praças da bela capital.

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 46

A — Sugarão (o leite ou qualquer coisa) →	12	59	128	101	4	44	145	■
B — Soltemos; libertemos →	131	91	139	53	8	40	129	66
C — Impedimento; partido político contrário ao govêrno →	11	115	1	43	52	126	25	148
D — Procurem; catem, tratem de encontrar →	69	49	9	32	80	17	42	■
E — O mesmo que abortamento (pl.) →	41	122	23	71	94	150	2	■
F — Permuteis; altereis →	104	92	26	48	33	13	61	75
G — Produto de edição do ozônio a outras substâncias →	29	119	138	6	93	16	142	■
H — Povos que vagueiam sem residência fixa →	14	30	55	110	147	18	89	■
I — Padecimentos habituais →	82	76	63	123	79	114	135	27
J — Insignes; notáveis; que têm fama →	70	85	125	60	99	22	38	102
K — Falta de vocação; ato de negar →	62	97	3	84	73	28	45	■
L — Seduzidos; atraídos →	51	111	24	144	72	96	46	106
M — Estiquem; estendam →	86	112	90	105	58	10	120	68
N — Muitos vivas →	133	116	151	57	35	103	65	19
O — Apreciem; tenham afeto, estima →	88	47	20	132	78	109	137	■
P — Adicionemos →	31	64	83	50	141	95	130	■
Q — Tenham predileção, preferência →	98	134	118	37	140	124	54	107
R — Casado; desposado →	36	136	149	87	15	127	7	108
S — Esticado; tornado têso, rijo →	39	67	113	81	146	21	56	74
T — Torno moderno →	5	121	77	117	34	100	143	152

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o titulo de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

■	■	■	C 1	E 2	■	K 3	A 4	T 5	G 6	R 7	B 8	D 9	■
M 10	C 11	A 12	F 13	H 14	R 15	■	G 16	D 17	■	H 18	N 19	O 20	S 21
J 22	E 23	■	L 24	C 25	F 26	■	I 27	K 28	G 29	■	H 30	P 31	■
D 32	F 33	T 34	■	N 35	R 36	Q 37	J 38	S 39	B 40	E 41	D 42	:	C 43
A 44	K 45	■	L 46	O 47	■	F 48	D 49	P 50	■	L 51	C 52	B 53	Q 54
H 55	■	S 56	N 57	■	M 58	A 59	J 60	F 61	K 62	I 63	P 64	■	N 65
B 66	■	S 67	M 68	D 69	J 70	E 71	L 72	K 73	S 74	F 75	Y	I 76	T 77
O 78	■	I 79	D 80	S 81	■	I 82	■	P 83	K 84	■	J 85	M 86	,
R 87	■	O 88	H 89	M 90	B 91	F 92	G 93	E 94	P 95	■	L 96	K 97	■
Q 98	J 99	T 100	A 101	J 102	N 103	F 104	M 105	L 106	Q 107	R 108	■	O 109	■
H 110	■	L 111	M 112	S 113	I 114	C 115	N 116	T 117	Q 118	G 119	■	M 120	T 121
E 122	I 123	Q 124	J 125	C 126	R 127	A 128	■	B 129	P 130	■	B 131	O 132	N 133
O 134	I 135	R 136	■	O 137	G 138	B 139	Q 140	P 141	G 142	T 143	L 144	A 145	S 146
■	H 147	C 148	■	R 149	E 150	N 151	T 152	■	■	■	Otaner-Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 45 — MARCO AURÉLIO. PENSAMENTOS. "E' preciso regular tôdas as tuas ações; e tanto quanto está ao teu alcance, se cada uma delas atinge a finalidade visada, contenta-te; ninguém te pode impedir que ela seja cabalmente executada".

UM MÁRTIR

(Cont. da pág. 14)

sópro que lhe saiu metade pela ferida, metade pelos lábios, qualquer coisa como isto:

— Não devem fazer isso! Eu lhes disse!...

E' foi tudo. Branche recaiu numa calma angustiosa, e nesse momento comprendi bem que êle morreria sem dizer mais nada.

Decorreram ainda alguns dias. O ataque preparava-se, de fato, e enuncia-va-se poderoso. Tinham-nos dado indicações e ordens: todos os dias esperávamos o rude trabalho que nos devia cair em cima. Uma dezena de balões cativos tinham sido instalados nas florestas, em volta de nós, e povoavam o céu com a solicitude de sua desconfiança.

Branche, na sombra da barraca II, dir-se-ia que o adivinhava. Um pouco não podia aperceber-se do tumulto; mas de agitação geral chegava até ao seu catre; a sua angústia aumentara. Tôdas as vêzes que chegava de fora e me punha a andar de um lado para outro na nossa cabina cheirando a desinfetante e a bolor, sentia o olhar de Branche obstinado em cima de mim. Eu andava dum lado para outro, e por fim aproximava-me de Branche e dizia-lhe, mesmo sem que êle me tivesse chamado:

— Hoje não há nada de novo.

Duma vez que eu tratava uma das suas feridas e Branche gemia baixinho, vi-o pegar, de súbito, no lápis, e, como não encontrasse papel, escreveu mesmo no gêsso que envolvia a sua coxa partida: «Ainda se não foram?»

Olhei para Branche com apreensão, julgando que era o princípio do delírio. No entanto, para não o contrariar, respondi serenamente:

— Ninguém pode partir, pela simples razão de que não há ninguém.

Branche ficou com ar abatido. Fêz ainda alguns movimentos para escrever, mas abanou a cabeça, atirou o lápis e deixou-se cair sôbre o travesseiro.

Fazia uma tarde clara, cheia de nuvens agitadas, cheia de clarões e de borrascas. Nesse momento, a porta da barraca abriu-se e vi entrar um homem que franzia os olhos para ver no escuro. Era um soldado de infantaria, de capacete; um homem atarracado, com ar de artífice de aldeia.

Descobriu-se e perguntou:

— E' aqui que está Branche Armand?

Branche virou um pouco a cabeça: percebi que reconhecia o visitante.

— E' aqui — disse eu. — Aproxime-se, mas não se demore muito, porque Branche está muito fatigado.

O soldado aproximou-se da cama. Inclinou-se, olhou atentamente o rosto de Branche, que devia ter mudado em poucos dias, e disse com voz lenta e embaraçada:

— Como vai isso?

Tinha-me afastado um pouco e observava a cena. Branche sacudiu os ombros e pôs-se a tossir. Olhava fixamente para seu camarada com lucidez, como alguém que quisesse conhecer certos pormenores e não ousasse perguntar.

— Sim — continuou o outro — vejo que não podes falar. Mas isso não quer dizer nada: não precisas dizer nada.

Fêz-se um grande silêncio. Os dois homens olharam um para o outro. Reparei então que, apesar do seu aspecto rústico, o recém-chegado tinha um rosto curioso, desenhado a traços largos, barbeado como os bretões ou os bascos.

De cabeça descoberta, deixava-se ficar ao lado da cama, com uma gravidade piedosa e plácida. De vez em quando, encolhia os ombros e dava uma pancadinha fraternal na mão do moribundo. Depois, abriu a bôca e murmurou, hesitando:

— Êles dizem lá que tu és maluco, por causa daquela história mas eu...

Inclinou-se um pouco e continuou com uma doçura afetuosa:

— Eu, eu sei que tu não és maluco, mas que és um homem, sim, um homem como não há muitos!

Branche olhava para êle com o olhar umedecido, julgo eu, por uma lágrima, a primeira que lhe vi derramar. Então o visitante inclinou-se e disse baixinho, ao ouvido do ferido, algumas palavras que produziram o efeito extraordinário. Branche tornou-se vermelho, teve um grande ataque de tosse e julguei que êle ia morrer. Pouco a pouco serenou, e ficou absorvido num silêncio que parecia com a beatitude.

O soldado, que olhava para êle, disse em voz alta:

— Vou-me embora. Tenho que voltar para as linhas.

Inclinou-se, e de maneira mais natural, beijou Branche nas duas faces. Depois saiu, esforçando-se por andar nos bicos dos pés.

Chegara a hora em que eu habitualmente era rendido por um camarada. Segui o visitante, que alcancei a alguns passos da barraca.

— Importa-se que o acompanhe durante uns minutos? Queria falar-lhe de Branche.

— E' você que trata de Branche Armand?

— Sim — respondi — sou eu.

Andamos um bocado, e como o homenzinho não dizia palavra decidi-me bruscamente a perguntar:

— O que é que êle tem, o seu amigo Branche? O que é que tem êsse homem? Não é natural o seu estado.

— Não, com certeza — respondeu — não é natural... Porque êsse homem, imagine... dizem que é maluco; mas eu digo que não. E', talvez, um santo. Quem sabe! Dá-me a impressão que é um santo; é o que lhe digo.

Seguíamos pela linha do antigo caminho de ferro de Rove, onde nunca mais passara um comboio. O meu companheiro olhou para mim, como para se assegurar de quem eu era. O seu olhar simples e claro entrou profundamentemente na alma.

Depois, como se ficasse informado a meu respeito, continuou a caminhar e começou:

— «Eu quero contar-lhe a história de Branche, apesar de ser uma história pouco fácil de contar. Enfim, isso não importa, visto que é você que o trata: mais vale contar-lhe o que sei.

«Branche não estava conosco há muito tempo. Veio do depósito da Divisão, há menos de um mês. Tinha vindo da província quase diretamente. Alistou-se, e creio que teve dificuldade em o fazer porque, como você sabe, não é muito forte. Alistou-se, e tenho na idéia que foi especialmente para fazer o que fêz.

«Branche chegou ao batalhão com um pequeno refôrço. Era no tempo em que nós abríamos o caminho para o reconhecimento e para a evacuação dos feridos e executávamos tôda a espécie de trabalhos penosos, sobretudo para um homem que não seja vigoroso, como Branche, que é um enfezado.

(Cont. no próximo número)

O NÁUFRAGO VOLUNTÁRIO

(Cont. da pág. 33)

de captar pelo rádio, a pobre senhora exclamou numa explosão de alegria: "E' o final do meu tormento, da minha angústia! Tôdas as manhãs eu acendia uma vela à Virgem de Bolonha, que é a padroeira dos marinheiros e dos náufragos, para que ela protegesse meu marido. Graças a Deus!"

Logo depois ela recebia o telegrama já citado. E o mais interessante é que, com sua volta ao lar, eram as crianças quem mais "amolavam" o grande "náufrago espontâneo", para que êle contasse a aventura em suas minúcias. E o dr. Alain, com aquêle bom-humor de sábio, ia dizendo tudo à meninada, que o ouvia em silêncio, com muito respeito e... inveja. No final êle só se enganou numa coisa: em lugar do máximo de sessenta dias, para atingir terras da América, nas Antilhas, gastou mais dois. A distância total foi a de 4.500 quilômetros, mas das Canárias até Barbados. As primeiras etapas êle não contou: Marsema às Baleares; dali Tanger; de Tanger a Casablanca e dêsse pôrto às Canárias. Daqui em diante é que considerou "naufrágio", para sua estupenda experiência, fato inédito e sensacional na História do mundo. Perdeu vinte quilos na travessia; mas ganhou fama universal, não esportiva, mas cientifica em benefício da humanidade.

A GALINHA DOS...

(Cont. da pág. 25)

abandonados de orientação por parte das nossas autoridades e entidades a cujo cargo fica essa fonte de ouro que escorre para outros paises, por falta de quem saiba canalizá-la.

PREÇO DAS PASSAGENS

Duzentos mil cruzeiros foi o preço cobrado "per capita" aos turistas de fevereiro. Só essa cifra estimularia o nosso Lóide a enfeitar um dos seus melhores navios e dar uma volta pelo hemisfério norte com cartazes bonitos mostrando o que é o Brasil em côres e servindo o nosso café que êles tanto gostam ou levando nossas frutas tropicais ao natural, em geléia, em refrescos, em sorvete. Nesse sentido de propaganda bem feita todo o movimento é pouco.

CONTRAPARTES

(Cont. do número anterior)

Sentia-se suficientemente forte para arrasar o escritório com u'a só mão. Sentia uma necessidade física de fazer alguma coisa, de expandir sua raiva de qualquer maneira. Tôda a indignidade de sua existência surgia, agora nitidamente diante de si...

Conseguiria, com o caixa, um pequeno adiantamento? Não, com o caixa não conseguiria nada... No entanto, bem sabia onde poderia encontrar os amigos: Leonard, O'Halloran e Nosey Flynn.

Estava tão longe dali que seu nome teve de ser gritado duas vêzes antes que êle ouvisse. Mr. Alleyne e miss Delancour encontravam-se juntos ao balcão; todos os outros funcionários tinham parado de trabalhar, fitando-o, à espera do que ia acontecer. Farrington ergueu-se. Mr. Alleyne começou a berrar, dizendo que faltavam duas cartas. Farrington respondeu que não sabia de nada, que êle fizera o serviço direitinho. Mr. Alleyne, porém, tornou-se mais violento ainda. Farrington mal podia controlar-se. Sentia ímpetos de atirar-se sôbre o manequim que gesticulava na sua frente.

— Nada sei a respeito dessas duas cartas!

— Você nada sabe a respeito dessas duas cartas! E' claro que o senhor não sabe de nada! Escute aqui — continuou mr. Alleyne passeando os olhos pelos circunstantes como se estivesse pedindo aprovação — você acha que eu sou algum idiota? Está me achando com cara de idiota?

Farrington olhou para miss Delancour e desta para mr. Alleyne. E mesmo antes de se dar conta do que dizia, respondeu:

— Creio, meu caro senhor, que isso é uma coisa evidente.

Todos os circunstantes suspenderam a respiração. Todos estavam atônitos, inclusive Farrington. Miss Delancour, porém, passado o primeiro momento de surprêsa, começou a rir, o que aumentou ainda mais a fúria de mr. Alleyne, que ficou rubro. Como um possesso, apontou para Farrington com o dedo indicador, agitando-o no ar como se fôsse impulsionado por um motor elétrico:

— Seu canalha insolente! Seu canalha insolente! Vou lhe mostrar quem sou! Espere e verá! Peça-me desculpas agora mesmo! Vamos ver! Peça desculpas ou irá agora mesmo para a rua. Vou lhe mostrar quem sou! Vou lhe mostrar quem sou!

Estava encostado a uma porta oposta à do escritório, esperando a saída do caixa. Não perdera a esperança de conseguir um adiantamento. Os funcionários foram saindo um a um e por fim apareceu o caixa; vinha, porém, em companhia do chefe da seção. Nada adiantaria dirigir-se a êle em presença do outro. Farrington sentia que sua posição na firma já estava bem comprometida. Fôra obrigado a pedir desculpas a mr. Alleyne na frente de todos...

Voltava a sentir uma imperiosa necessidade do confôrto da taverna. A' garoa o deixara gelado e êle imaginava de que maneira poderia conseguir crédito no botequim do O'Neil. Quando muito conseguiria um trago e que lhe adiantaria um trago? Precisava de dinheiro de qualquer maneira. Repentinamente, enquanto brincava com a corrente do relógio, lembrou-se da casa de penhores do Terry Kelly, na rua Fleet. Como é que não se lembrara antes?

Encaminhou-se ràpidamente pela travessa de Temple Bar, dizendo a si próprio que todo mundo poderia ir para o inferno, pois êle iria passar uma noite regalada.

O caixeiro disse-lhe «uma coroa», mas na realidade só recebeu seis xelins. Saiu da casa de penhores com a alma leve, assobiando, fazendo com as moedas um cilindro minúsculo estendido na palma da mão. Na rua Westmoreland, as calçadas estavam apinhadas de homens e mulheres que voltavam do serviço; garotos pulavam aqui e ali anunciando as manchetes dos jornais da noite. Farrington meteu-se na multidão, apreciando o espetáculo com verdadeira alegria e satisfação. Sua cabeça vibrava com o ruído dos bondes e dos carros, e suas narinas já se dilatavam de prazer, antegozando o perfume reconfortante do ponche. Enquanto caminhava ia meditando nos têrmos em que narraria o incidente à altura: — «Aí, eu o medi de alto a baixo e depois fiz o mesmo com ela. Voltei a medi-la — com tôda a minha calma — e disse: Creio, meu caro senhor, que isso é uma coisa evidente!»

Nosey Flyn estava instalado no seu canto favorito, no bar de Davy Byrnes, e depois de ouvir a história fêz questão de lhe pagar um ponche, afirmando que era a melhor coisa que ouvira em tôda a sua vida. Farrington, por sua vez, pagou uma rodada. Pouco depois, O'Halloran e Poddy Leonard chegaram, e a história foi repetida. O'Halloran pagou outra rodada e por sua vez contou o caso da briga com o chefe quando trabalhava na firma Callan. Mas como era um justo, reconheceu que não fôra tão ladino e pérfido como Farrington. Êste, lisonjeado, insistiu com o pessoal para que apurassem os copos e tomassem outra dose.

Imaginem quem entrou neste momento! Higgins, o velho, o formidável Higgins! E' claro que êle devia vir fazer companhia à roda. Todos pediram a Farrington para repetir ao cerém-chegado a história de sua façanha, o que êle fêz com grande vivacidade, pois as cinco doses de uísque quente já começavam a fazer efeito. Ninguém pôde conter o riso quando Farrington reproduziu o gesto de mr. Alleyne, ameaçando-o com o dedinho rosado e gorducho.

Finalmente, sobreveio uma pausa. O'Halloran tinha dinheiro, mas os outros pareciam estar a nenhum, de maneira que o grupo acabou por deixar a taverna friamente. Na esquina da rua Duke, Higgins e Nosey tomaram a esquerda, enquanto os outros três dirigiram-se para o centro da cidade. A chuva tornava lustrosa as ruas desertas. Quando chegaram ao Edifício Ballast, Farrington sugeriu irem tomar alguma coisa no Bar Escocês.

O café estava cheio, com o ar carregado de fumaça dos cigarros. Os três encostaram-se ao balcão e puseram-se a conversar. Leonard apresentou-os a um rapaz chamado Weathers que trabalhava como acróbata no Tivoli. Farrington ofereceu-se para pagar uma rodada. Weathers acedeu em tomar um «irish com apolinaris» pequeno. Farrington, que conhecia essa mistura, propôs ao resto do grupo tomarem todos o mesmo. A conversa tornou-se teatral. O'Halloran pagou mais uma rodada, no que foi sucedido por Farrington, apesar dos protestos de Weathers, que acabou por declarar que estava encantado com a hospitalidade dos irlandeses. Prometeu-lhes arranjar-lhes entrada para o teatro e apresentá-los a umas coristas camaradas. O'Halloran **aceitou, dizendo que êle e o Leonard iriam, mas que Farrington não, pois**

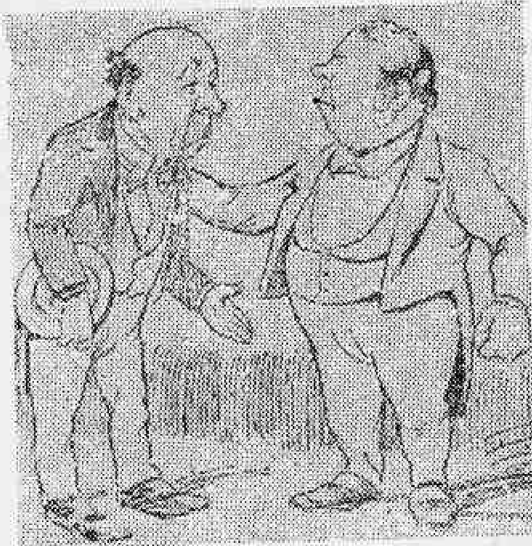
(Cont. na pág. 62)

A REVISTA há 50 anos

(22-3-903)

CHRONICA — Se o riso castigasse os costumes, não haveria nesta terra um engrossador desde o terceiro quadro do Quo Vadis?, o celebre quadro do triclinio e da orgia no Palatino. Com effeito, o torpe concerto de bajulações que caracterisa a côrte neroniana era todas as noites commentado pelo publico com gargalhadas de desprezo pela immunda camarilha do succulento facinora e sublinhado pela bôa fé dos espectadores com justificada indignação. Melhor seria porém que cada qual puzesse o caso em si e delle extrahisse a philosophia reparadora que o mesmo reclama. Sem triclinio nem palatino, porque os tempos são outros e modernisando o Nero e a sua camarilha, quem duvidará do singular parallelo entre o meio social da epoca e muitos aspectos da nossa sociedade de hoje?

● O engrossamento, chrisma popular da hypocrisia, da doblez, da incapacidade mental e do desvio do senso moral, é um dos grandes, senão o maior de todos os males que nos affligem. Resulta principalmente da invasão de todas as espheras de actividade superior pelo incapaz, o inepto, o parasitae, o indolente. E', portanto, uma concorrente deslealissima, agindo por uma serie de pequeninas infamias e usando e abusando de todas as pequeninas torpezas que uma altiva repelle por indignas da sua pureza. Ostensivamente, as suas manifestações são a negação da independencia, de tudo quanto constitue um caracter, mas tudo isso se dissolveria no riso e na troca se a essa acção ostensiva, mais boçal que revoltante, não correspondesse, na treva, o urdir lento e methodico de uma teia emaranhada de vilanias, incapaz de ser destrinçada por quem tambem não tenha dado annos ao officio. E assim o desastre é duplo, pois além de escorraçar irremediavelmente o homem de talento e caracter estabelece uma selecção á rebours entre creaturas taradas fazendo vir á tona dagua a nata dos mariolas e consagrando o triumpho solemne dos não valores.



— O que?... Retira-se já? Minha mulher vae cantar agora!...

— Pois é por isso mesmo!...

● Enquanto o engrossamento se manteve nas regiões da politica, dos profissionaes da politica, a sua acção era nefasta mas não tanto quanto a sua infiltração lenta na sociedade e na familia.

Hoje, as suas formas são multiplas e variadissimas, operando singulares aberrações do senso moral. Vale porém apenas que consagremos algumas linhas à sua descoberta mais decente.

De tal arte essa vaidade doentia, esse prurido teratologico da vaidade se insinuou no amago da nossa sociedade que, ultimamente, algumas das suas victimas, na impotencia raivosa de entrarem no record, passaram a auto-engrossar-se nas pessoas da sua prole.

E assim acontece que o aniversario do menino A., o exame do menino B. e as precoces aptidões choreographicas do menino C., são postas em lettra de forma e indigestamente adjectivadas pelos respectivos papás, como reflexo das virtudes, dos meritos e dos talentos de tão venerandos procreadores.

E' o cumulo... mas, como symptoma, nada conheço mais lastimavel. — **JACQUES BONHOMME**

★

Uma criança sentou-se no chão a chorar; pouco depois calou-se e poz-se a pensar. De repente pergunta:

— Mamã, porque estou eu a chorar?

— Porque não te deixei ir á cidade.

— Oh! e começou novamente a chorar.

●

Vae passando um cavalheiro:

— Aquelle, diz uma velha indicando-o a uma sua amiga, deve ser um missionario leigo.

— Deveras?

— Acabo ainda agora de o ouvir fallar com outro acerca da necessidade da "conversão" dos titulos bancarios.

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Av. Rio Branco, 117 — Sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

RESPOSTAS DAS PÁGINAS 20 E 21

QUEM DISSE ISTO?

1 João Anastácio Rosa, crítico português ao ver João Caetano representar em Lisboa.

2 Afonso Celso, Visconde de Ouro Prêto, protestando contra violências policiais.

3 Lao-Tse.

4 Zoroastro (Zaratrusta).

5 Capistrano de Abreu a uma filha de João Ribeiro e se referindo à filha dêle, Capistrano, que era freira.

PUXE PELO CÉREBRO

1—Seis
2—Apofonia
3—Veneza (século XV)
4—Das batatas
5—1534 (Afonso Rodrigues com Madalena Álvares)
6—1307
7—"Guapiaçu" (em 1842)
8—Trinta e sete minutos (Zanzibar com a Inglaterra, 1896, agôsto)
9—Metro
10—Da Pérsia (significa rosa)
11—Por ter construído o Mausoléu (em homenagem a Mausolo, seu espôso)
12—A fortaleza de S. José do Rio Negro (segunda metade do século XVII)
13—Norte-americana (nasceu em Boston)
14—O nascimento de Santos Dumont (perto de Palmira, Minas)
15—As colunas de Hércules.

A SAÚDE DO BEBÊ

QUESTÕES PRÁTICAS DA ALACTAÇÃO

Dr. SABÓIA RIBEIRO

NO começo do sétimo mês de gestação a mulher deve preparar-se para a lactação do futuro bebê. E' um cuidado de que poucos cogitam, mas sem dúvida necessário. O preparo para a lactação importa sobretudo com relação a um regime alimentar completo e variado, particularmente rico em vitaminas (frutas e legumes na alimentação, e leite), e cuidados com as mamilas, sujeitas em muitas ocasiões a defeitos de conformação, que irão dificultar mais tarde a criação do bebê ao seio.

Trataremos sòmente dos últimos, e assuntos correlatos, no presente artigo. Os defeitos das mamilas são causa, muita vez, de um desajuste da criança, que não consegue pegar bem o seio ou cansa-se depressa no ato de mamar, largando o seio. Torna-se um subnutrido, o seio se esvazia mal, e com pouco, falta o leite materno.

Os defeitos de conformação das mamilas são vários.

Nuns casos a mamila se acha completamente ausente (atelia), ou chata, ou ainda afundada. Essas formas constituem impedimentos absolutos à amamentação. Mas, muitas vêzes, o que existe é apenas um mal pronunciado bico que torna difícil a pegada pelo bebê mais tarde.

● E' nesses casos que a mulher deve, no começo do sétimo mês, proceder a uma ligeira tração, a fim de conformá-lo melhor para o bebê. E' aconselhável, também, por aquela mesma época, fazer a mulher uma ablução diária dos seios, com uma mistura de água fria e álcool, com o fim de proporcionar à pele do órgão maior resistência e, portanto, certa refractariedade às rachaduras dos seios, tão freqüentes no alactamento natural. As rachaduras dos seios são acidente muito comum, principalmente nas que amamentam pela primeira vez, e que se instalam logo nos primeiros dias do alactamento.

Entre os fatôres que concorrem para elas — e o principal é, sem dúvida, a própria ação traumática da sucção do bebê no ato de mamar — avulta, de um lado, o próprio desasseio local das mamilas (que por isso devem ser sempre lavadas, com água e algodão hidrófilo, antes e depois das mamaduras) e os defeitos de conformação das mamilas (que, como é óbvio, devem ser cuidadas pela prática das trações nos últimos meses da gravidez).

Completando as referências à causa das rachaduras, diremos ainda que outro fator que se vem juntar aos precedentes, consiste no mau hábito de deixar a criança prolongadamente no seio, ensejando a maceração da epiderme das mamilas ao contato demorado com a saliva da criança. Convém de tôdas as formas prevenir as rachaduras dos seios.

Acompanhando-se de fortes dores durante as mamadas, não raro levam as mães a desistir do alactamento. A simples suspensão temporária do alactamento ao seio, às mais das vêzes, traz o secamento das mamas, interrompendo-se em definitivo o alimento natural ainda numa fase em que a criança mais precisa do leite materno.

● **Na hipótese de rachadura dos seios, deve o pediatra ser ouvido. Às vêzes a proteção do bico do peito por um bico de seio artificial, ou uso de uma bomba, merecerá a preferência, resolvendo a situação, até que as lesões curem.**

Localmente as rachaduras devem ser tratadas, evitando-se quanto possa os pensos úmidos. Lavado o bico dos seios, enxugá-lo cuidadosamente, bastando para isso água fervida ou uma mistura, partes iguais, de água fervida e água oxigenada. Nas lesões simples, o uso de tintura de benjoim, em pincelagens, costuma dar bons resultados.

Outras fórmulas:

Borato de sódio, 5 gramas — Glicerina, 15 — Tintura de benjoim, 10 — Água de rosas, 45.

Essa pomada impede a formação de crostas, que constitui um fator de atraso da cura.

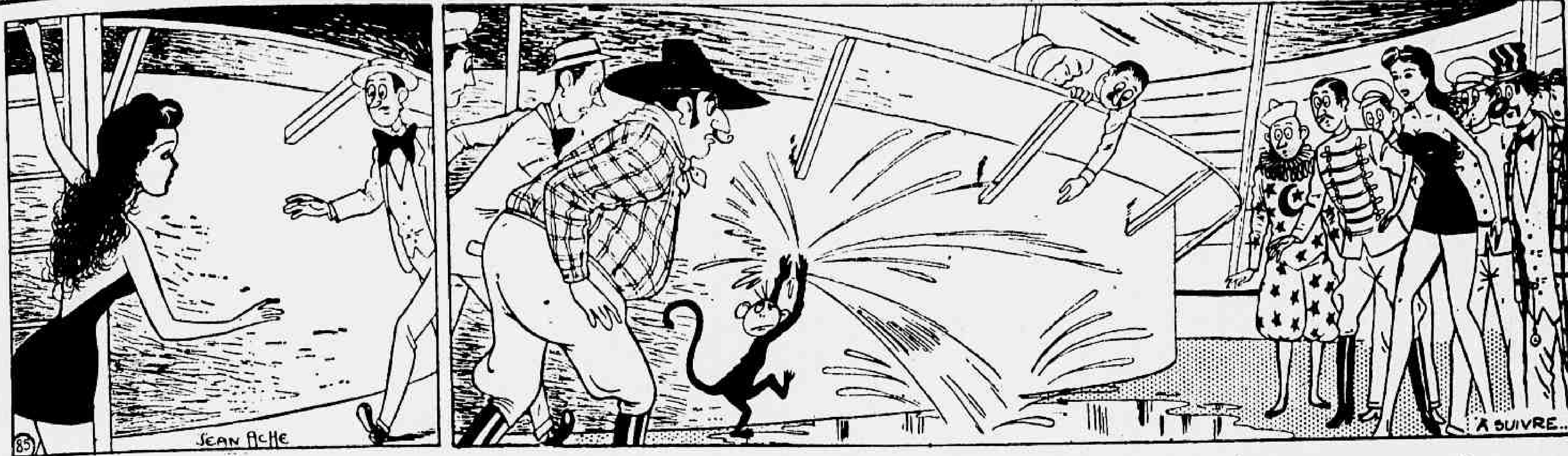
Ou:

Nitrato de prata, 0,10 gr — Bálsamo do Peru, 0,30 gr — Anestesina, 0,50 gr — Lanolina, 3,00 — Vaselina pura 20 gr.

(esta pomada deve ser retirada com óleo de vaselina ou azeite)

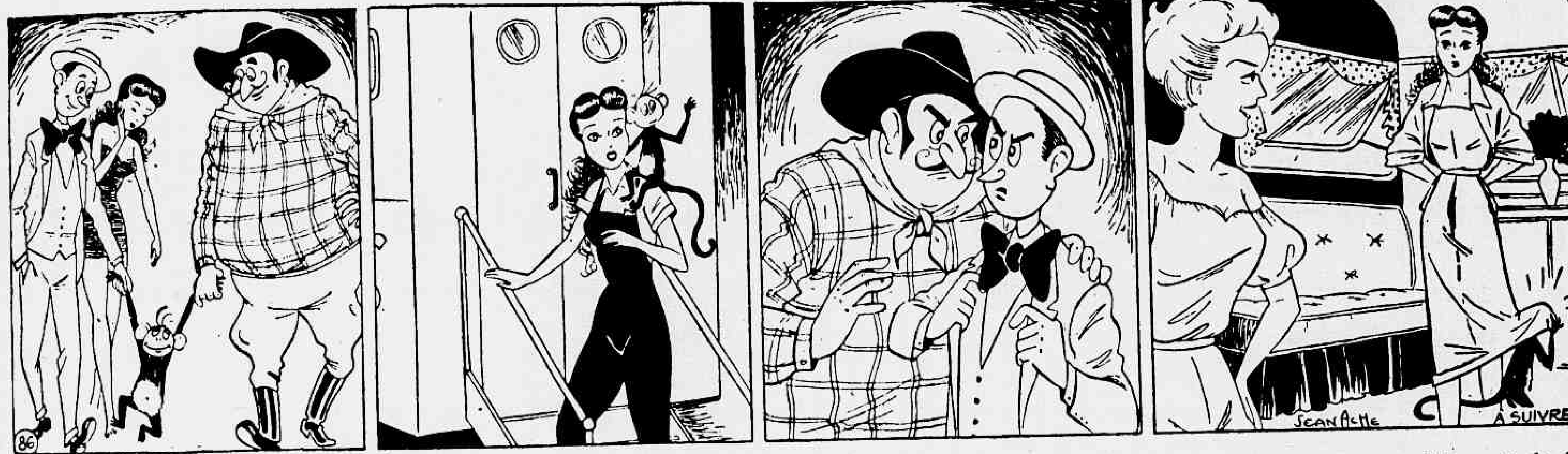
As rachaduras dos seios levam, às vêzes, até às infecções do seio e às intervenções. Os cuidados com os seios, no pré-parto, e na amamentação, visam assim uma proteção que tanto interessa à criança como à própria mãe.

ARABELLE a última sereia



«Flor-Azul», alertado pelos gritos do macaquinho, correu para ver o que era, enquanto Arabelle descia ràpidamente do trampolim, bem assustada.

Logo que chegaram até ao macaco, viram que «Kouki» se esforçava para vedar um buraco do grande tanque, por onde se escoava a água. Já àquele momento, não somente o dono do circo, como muitos artistas e funcionários estavam ali. Todos estão consternados e desconfiam de sabotagem. Há quem suspeite de alguém; mas não tentam desvendar o mistério. O número está prejudicado; mas o diretor não se dá por vencido.

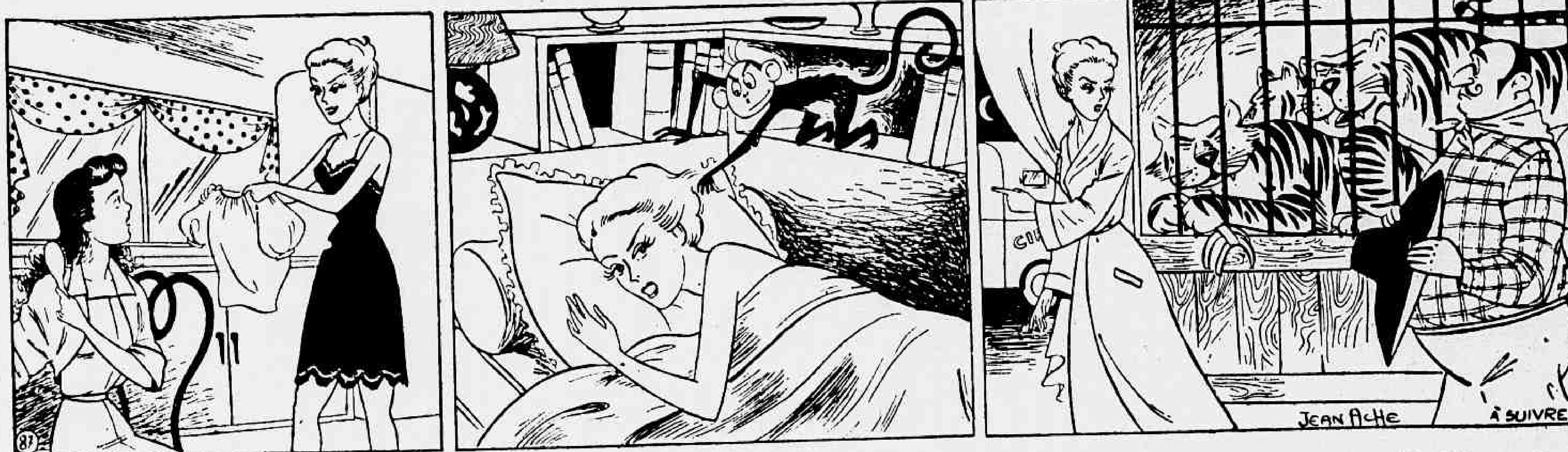


O macaquinho é o herói do dia e o conduzem ao alojamento de Arabelle, onde irá receber um excelente prêmio em deliciosas guloseimas.

Fortemente abalada pelo acidente, Arabelle pede permissão para recolher-se ao seu camarim e descansar até ao dia seguinte, o da estréia.

Nesse ínterim, o diretor do «Circo Atômico» chama «Flor Azul» à parte e lhe recomenda que esteja vigilante junto à piscina aquela noite.

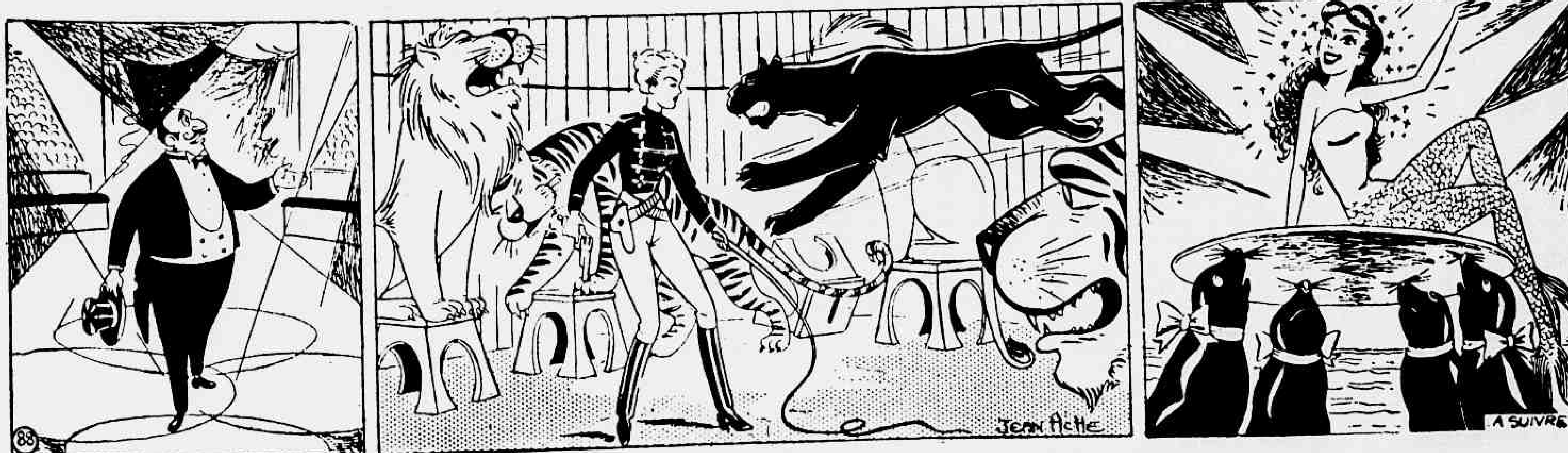
Conchita entra no alojamento de Arabelle e, com ar de zombaria lhe pergunta se o treino correu bem e se a temperatura da água estava boa...



Arabelle fica admirada com essa atitude de Conchita e, com muita simplicidade passa a lhe narrar o fato, elogiando a ajuda de seu macaquinho «Kouki».

Arabelle não percebeu o sorriso traiçoeiro de sua colega de trabalho e ambas foram dormir com um «boa-noite»; mas o macaquinho não deixou de apoquentar Conchita, puxando-lhe os cabelos...

Não conseguindo conciliar o sono, Conchita resolveu sair e visitar as jaulas de suas feras. Ao chegar à concentração dos tigres, encontra o patrão, que faz a uma ronda, e lhe diz que «Arabelle era a desgraça do circo».



Chega o dia da estréia. Grande multidão que deseja ver «Arabelle, a última sereia, em carne e osso», como diziam cartazes e anúncios do Circo.

Palhaços entram em cena, há exibição de cavalos amestrados, chegando depois o sensacional número de «Conchita, a domadora». Mas as feras estão irritadas e ela, apesar dos esforços, não consegue seus habituais sucessos. Percebe o perigo e encerra o numero com poucos aplausos.

Conchita, que está indignada, vê crescer sua irritação, diante dos estrepitosos aplausos de Arabelle no seu número com as focas. Grande êxito.

História de VANIA LAUREZ **Desenhos de JEAN ACHE**

SEGREDOS DA ALMA

À LUZ DA PSICANÁLISE

Dr. LUIZ FRAGA

A alegria desenfreada do carnaval, com os seus excessos, vista à luz da psicanálise, mostra quase sempre, as explosões de complexos e tendências dos carnavalescos que, em períodos normais, recalcam os seus sentimentos. Atitudes e gestos que a muitas pessoas parecem simples manifestações de foliões, aos olhos do psicanalista revelam perturbações de natureza vária. Os bailes e as fantasias constituem um campo muito vasto, à semelhança dum caldo de cultura, onde as bactérias dansam ignorando a focalização das lentes microscópicas. Isto quanto ao objetivismo do analista. Números outros vêem à nós, logo se fecha a cortina que separa o mundo do aparentemente normal dêsse outro mundo de máscaras. São as manifestações subjetivistas dos desencantados, dos desiludidos, dos que formam as filas incontáveis das vítimas.

● M.V. é uma delas. Conta 25 primaveras e pertence a uma família do interior, tendo vindo ao Rio para assistir ao carnaval e estudar a possibilidade de transferir-se para a metrópole.

— «Cheguei ao Rio uma semana antes do carnaval. Fiz alguns amigos, dentre êles um distinto cavalheiro, diretor duma repartição, que logo se interessou pela minha situação. Passamos a encontrar-nos diàriamente e êle me animou bastante, dizendo-me que resolveria minha situação. Está claro que fizemos o carnaval juntos, na base da mais íntima confiança... Hoje por uma amiga, soube que não desejava mais ver-me. Confesso que, a despeito de minha grande decepção, nutro por êle uma intensa paixão...»

— Ignis, quo clarior fulsit, citius exstinguitur... Quanto mais intensamente arde a fogueira, tanto mais ràpidamente se extingue..., dizia o filósofo. Não se recorda você, minha jovem, da lenda «O gavião e as pombas?» Algumas pombas desamparadas, receiosas de serem devoradas, procuraram a proteção do gavião, por ser êle o mais forte. O diretor da repartição, isto é, o protetor, levou um dia a primeira de suas protegidas e devorou-a; fêz o mesmo com a segunda, e mais outra, como nos versos do poeta, até que a penúltima, desconsolada, falou à última: «— quem nos mandou escolher tal protetor?»

● Ignis... esta paixão de que você se vê possuída, pelo calor com que se manifesta, cedo, muito cedo extinguir-se-á. Todos os nossos primeiros impulsos são bons, generosos e heróicos; à reflexão atenua-os, e mata-os; o primeiro fala à alma, e a sua linguagem é do amor e da virtude; depois, raciocina a inteligência e o seu raciocínio é sempre mais favorável à matéria, do que ao espírito.

Não se assombre se os progressos da inteligência são tantas vêzes inúteis à virtude: nada mais simples: a virtude tem outra fonte.

Nas regiões da inteligência, tudo é individual; nas regiões da alma tudo é simpático; é por isto que não vemos sair da inteligência isolada, senão frio egoísmo, ou a triste personalidade, enquanto que a alma cobre o coração com as asas, e se sente só viver no amor de DEUS e da humanidade. A glória: examina as almas, quais os seus temores, os seus anseios. Como as areias que se amontoaram, ocultam sempre as precedentes, do mesmo modo na vida, as formações que vêm, num relance, apagam as que existiam.

A arte de viver, mais se assemelha à luta que à dansa; é preciso estar sempre em guarda e a prumo contra os golpes imprevistos.

SOFRIMENTO DE UM LOUCO

(Cont. da pág. 11)

no serviço aparentando tanta calma, raciocínio e mesmo conhecimento que, dificilmente, se poderia acreditar fôsse êle anormal. E, em meio àqueles parafusos e demais peças sôltas, agia êle, com rapidez, deixando minha vizinha a pensar se, depois daquilo tudo, seria ou não necessário adquirir nova máquina, tal o estado de nervos em que já se encontrava.

Em pouco tempo, tôdas as peças e parafusos foram colocados em seus respectivos lugares, acompanhados do par de olhos da dona da máquina, que não podia acreditar estivesse esta em condições. A pedido do Lili, experimentou-a. Costurava perfeitamente. Porém, estava incrédula, ainda. Tornou a experimentar mais uma vez e outra mais. "Sim, sua máquina estava novamente perfeita, graças ao Lili. Veja só!", pensava, quando êste lhe interrompeu os pensamentos:

— Estou ouvindo um barulho estranho no pedal. Creio que outro defeito...

D. Rosa ficou pálida quando viu o Lili virar a sua máquina colocando o pedal para cima. Aflitíssima desejava que o louco deixasse tudo como estava, dizendo-lhe:

— Talvez seja falta de óleo...

— Não, não, minha senhora, insistia êle. E' um pequeno defeito. Verá como em pouco tempo eu o consertarei. E' coisa de momento. Preciso apenas de um alicate. Poderá a senhora arranjar-me?

Ante as suas palavras, d. Rosa sentiu-se mais tranqüila. Ela não possuía a ferramenta solicitada. Isso faria que o Lili desistisse do consêrto. Mas, êste, em face da resposta negativa de d. Rosa, prontificou-se a solicitar um emprestado. E lá se foi êle. Porém, foi infeliz. Ninguém satisfez o seu pedido. Uns, com receio de ficar sem o objeto; outros por não possuí-lo.

Até hoje não consegui esquecer as palavras do Lili, ao voltar da sua infrutífera procura, externando dolorosamente os seus sentimentos: "Não quiseram emprestar-me. Ninguém confia em mim!"

O Lili estava transtornado. O seu rosto apresentava estranho aspecto. Seus olhos ficaram úmidos quando se referiu à pouca confiança que inspirava. Minha vizinha e eu ficamos comovidas ante aquêle sofrimento.

— Mas, disse êle, pouco tempo depois, com um pedacinho de tábua, martelo e pregos, improvisarei um.

Todos notavam a sua piora. Começou a andar sujo, tomar banho na lama, enterrar cobertores e outras roupas que ganhava e rezar defronte de um cruzeiro. Não brincava mais com as crianças distraindo-as com suas mágicas, danças e canções. Tornou-se agressivo, mal educado. A esta altura, reuniram-se algumas pessoas do lugar e ficou resolvido, então, que se comunicaria o fato às autoridades competentes a fim de ser o Lili encaminhado a um manicômio. Desde que o levaram não se soube mais notícias suas. Guardei, no entanto, a impressão que me ficou de seu sofrimento. Êste a ninguém poupa, nem mesmo a um louco...

CONTRAPARTES

(Cont. da pág. 39)

era casado. Farrington, com a cabeça confusa e os olhos pesados, resmungou alguma coisa, como se quisesse dizer que não admitia brincadeiras. Finalmente, Weathers fêz com que aceitassem mais uma rodada às suas expensas, e despediu-se, prometendo encontrá-los depois no botequim de Mulligan, na rua Poolberg.

Ao fechar o Bar Escocês, dirigiram-se para o Mulligan. Instalaram-se na sala dos fundos e O'Halloran encomendou uísques quentes preparados à moda de casa. Todos começavam a se sentir nostálgicos. Farrington estava para encomendar outra rodada quando entrou Weathers. Para alívio do anfitrião, desta vez êle limitou-se a uma dose de *bitter*. Duas moças com enormes chapéus, acompanhadas por um rapaz de traje de rigor, entraram e sentaram-se numa mesa próxima. Os olhos de Farrington pousaram durante alguns instantes numa das mulheres. Havia qualquer coisa de atraente na sua pessoa.

E quando momentos depois, ela correspondeu aos seus olhares, pôde admirar à vontade seus imensos e profundos olhos castanhos. O brilho e a expressão dêles o fascinavam. Ela voltou a fitá-lo uma ou duas vêzes e quando, por fim, o grupo abandonou o salão, ela esbarrou de leve na sua cadeira e disse: "Oh! pardon", com acento londrino. Acompanhou-a com os olhos na esperança de que ela se voltasse, mas teve uma decepção.

A voz de Paddy Leonard fê-lo voltar à realidade. Estavam discutindo de músculos e de fôrça. Estava exibindo seus bíceps com tanta arrogância que os outros recorreram a Farrington para salvar a honra nacional. Êste ergueu as mangas e, por sua vez, expôs seus bíceps. Os dois braços foram minuciosamente comparados e, por fim, decidiram que se impunha uma exibição de fôrça. Limparam a mesa e no meio da roda que se formou, os dois homens apoiaram o cotovelo sôbre a lisa superfície, preparando-se para o "braço de ferro". Quando Paddy Leonard, que se improvisara juiz, gritou: Agora! cada um procurou fazer com que a mão do adversário baixasse sôbre a mesa. Farrington estava sério e resoluto.

A luta começou. Após cêrca de trinta segundos, Weathers, milímetro a milímetro, conseguiu abaixar a mão de Farrington, o qual ficou rubro de raiva e humilhação por ter sido derrotado por um frango daqueles.

— Não vale se apoiar na mesa! — disse êle. — Faça jôgo limpo!

— Quem é que não está jogando limpo?

— Vamos, vamos. Agora é a melhor das três, está feito?

A luta recomeçou. As veias da fronte de Farrington pareciam arrebentar, enquanto a habitual palidez de Weathers fôra substituída pela côr da peônia. Suas mãos e braços vibravam sob o calor do esfôrço. Após longo e silencioso combate, Weathers conseguiu levar, novamente, a mão do oponente à mesa. Exclamações de aplausos partiram dos espectadores. O homem do bar, que seguia empolgado a cena, balançou sua cabeça vermelha em direção do vencedor dizendo:

— Isso sim que é braço de ferro!

— Que é que você sabe a respeito disso? — berrou Farrington. — Quem é que o chamou aqui?

— Calma, calma! — disse O'Halloran observando a violenta expressão do rosto de Farrington. — Sosseguem, rapazes. Vamos tomar mais um trago e, depois, todos para casa!

Um homem de rosto realmente transtornado era o que se encontrava na esquina da Pasagem O'Connell, esperando o bonde. Sentia-se possuído pela cólera e por desejos de vingança. Profundo sentimento de humilhação e de amargura o avassalava; e nem, ao menos, se sentia embriagado. Agora tudo lhe era odioso: arruinara sua vida no escritório, empenhara seu relógio, gastara todo o dinheiro e nem conseguira se embebedar! Começava a sentir, novamente uma terrível sêde e um imperioso desejo de voltar ao bar. Perdera sua reputação de homem forte, fôra derrotado duas vêzes como se fôsse um pixote. Sentia o coração estourar de fúria, e quando voltou a pensar na mulher do chapéu grande, que esbarrara nêle e dissera "Pardon!", a fúria cresceu.

O bonde deixou-o na Alaméda Shelbourne. Colocou-se à sombra da parede e dirigiu-se para sua casa. A idéia de voltar para casa enchia-o de desgôsto.

Entrou pela porta dos fundos; a cozinha estava deserta e o fogo quase apagado. Gritou para cima:

— Ada! Ada!

Sua espôsa era uma mulher de expressão perspicaz que atormentava o marido quando estava sóbrio, e era por êle atormentada quando bêbedo. Tinham cinco filhos.

Um menino assomou no alto da escada:

— Quem é que está aí? — disse Farrington através da escuridão.

—Sou eu, pai.

— Eu quem? Charlie?

— Não, pai, Tom.

— Onde está tua mãe?

— Está na igreja.

— Está bem... Ela deixou jantar para mim?

— Deixou, pai. Eu...

— Acenda a luz. Por que é que está tudo no escuro? Os pequenos estão deitados?

Ao se acender a lâmpada, dirigiu-se à mesa, perguntando:

— Onde está a comida?

— Eu... vou fazer a comida para o senhor, pai — respondeu medrosamente o menino.

O homem ergueu-se furiosamente, apontando para o fogão:

— Nesse fogo!? Você deixou o fogo apagar! Por Deus, vou te ensinar a deixar o fogo apagar-se!

Encaminhou-se para a porta e agarrou a bengala que estava encostada junto da soleira.

—Vou te ensinar a deixar o fogo apagar-se! — continuou puxando a manga do paletó para cima.

O menino gemeu: "Oh! pai", e refugiou-se atrás da mesa, mas o homem seguiu-o e agarrou-o pela blusa. O menino fitou-o desvairado, mas, não vendo meio de fugir, caiu de joelhos.

— Isto é para aprenderes a deixar o fogo apagar-se! — berrou Farrington, espancando-o com a bengala. — Toma, toma, demônio maldito!

A criança soltou um urro de dor e ergueu as mãos, unidas, implorando:

— Oh! pai! Não me bata! Não me bata! Eu rezarei uma Ave-Maria por você... Eu rezarei uma Ave-Maria por você se você não me bater!... Eu rezarei uma Ave-Maria...

O que tôdas as mulheres devem saber

Famosos e acatados genicologistas afirmam que grande parte das moléstias que afligem a mulher têm como causa principal o mau funcionamento de seus órgãos genitais. Muitas vêzes a mulher parece sofrer do fígado, estômago, intestinos, coração, rins, etc., mas o mal está no útero e nos ovários. Observe a mulher as suas regras: — elas são o espelho de sua saúde. As regras são muitas? São poucas?

Regularize-as usando Regulador Xavier — O Nº 1 ou o Nº 2. O Nº 1 só se aplica nos casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas conseqüências. O Nº 2 só se aplica nos casos de falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas conseqüências. O Regulador tem em cada número a sua aplicação diferente, distinta. Não é um regulador só que pretende tratar tôdas as moléstias da mulher ao mesmo tempo, não! São dois reguladores em duas fórmulas separadas, diferentes e científicas.

Clínica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência específica, da velhice precôce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA

Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903 Tel.: 32-6230.

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas.

As mais bem vestidas



AS mulheres italianas, hoje em dia, ostentam os louros de serem consideradas as mais bem vestidas do Ocidente. A feminilidade desabrocha na Itália como em nenhuma parte do mundo, até a própria França está sendo deixada para trás. As mulheres italianas empregam grande parte de seu tempo e o dinheiro de que podem dispor para se tornarem atraentes. O resultado é um conjunto de elegantes como não se vê em lugar nenhum.

● A italiana gosta de ser admirada e aplaudida onde quer que vá. Gosta de mostrar a todos a obra de arte que criou em si mesma combinando vestido e accessórios. Além disso, há uma infinidade de locais onde pode exibir-se, principalmente agora quando está em plena efervescência a temporada elegante. Ao contrário do que se poderia pensar, no entanto, por seu quente sangue latino, as italianas não sobressaem por tualetes exóticas ou fantásticas. Usam sòmente aquilo que lhes assenta, dentro do bom-gôsto tradicional. Nesse ponto são de um bom-senso admirável.

● Geralmente, um modêlo italiano, quer seja dos grandes costureiros de Roma ou Milão ou confeccionado por uma costureirinha sôbre a orientação da freguesa, conserva o mais possível a forma simples em moda, as linhas definidas sem exageros. Onde, porém, se tornam inconfundíveis é nos bordados e ornamentos de uma riqueza e harmonia sem par. Muitos se inspiram em adornos antigos da época do Renascimento, aproveitam os graciosos arabescos de um traje do século em que Veneza e Florença dominavam e reproduzem-no num vestido de baile ou numa tualete para a tarde.

● São poucas aquelas que se vestem nas grandes casas de moda: Fontana, Simonetta Visconti, Schubert, Veneziani ou Carosa. A maior parte escolhe elas próprias seus modelos estudando os figurinos e adaptando as últimas novidades à sua própria personalidade. Conseguem, assim, uma tualete pela metade do preço, com alta dose de individualidade e que lhes assenta muito bem. (L.J.)

Vestido de noite em veludo vermelho, bordado a ouro, característico da moda italiana





Margie Webb denominou êste juvenil modêlo: «Abril em Paris». Em tecido mescla de algodão, com sombrinha aplicada na saia.

Em lonita branca com flores aplicadas, em fêltro verde e vermelho púrpura. Modêlo de Juli Lynne Charlot, sugestivo e, sem dúvida alguma, gracioso.

juvenis e graciosos



Em tafetá de algodão, estampado com florões vistosos, aplicações de flores contornando o decote Elegante e original. Criação de Marjorie Michel.



Notável modêlo sem alças, em popeline de algodão vermelho, com rosas vermelhas adornando o decote sem alças. Modêlo para festas apresentado por Blair Edwards.

WEEK-END NA COZINHA



MACARRÃO DE FORNO COM PEIXE

● *INGREDIENTES*

2 colheres das de chá de sal.

2 litros de água.

120 gramas de macarrão (tamanho médio).

300 gramas de palmitos cozidos (ou cogumelos em lata, se preferir).

2/3 de xícara d'água.

1/2 colher das de chá de môlho inglês.

120 gramas de queijo de Minas, em fatias finas ou pedacinhos.

2 ovos duros, cozidos, em fatias.

8 azeitonas pretas ou recheadas — cortadas.

1 lata de atum ou outro peixe semelhante (210 gramas) raminhos de salsa.

● MANEIRA DE FAZER

1. Junte sal aos 2 litros d'água e ponha para ferver. Adicione o macarrão e cozinhe cêrca de 20 minutos ou até que o macarrão esteja no ponto de seu agrado. Escorra a água e lave-o em água fria.

2. Esquente o palmito (ou os cogumelos) juntando 2/3 de xícara d'água. Mexa enquanto es quenta. Adicione o môlho inglês e o queijo. Continue a cozinhar até que o queijo derreta.

3. Reserve algumas fatias de ôvo para enfeitar o prato. Junte o restante dos ovos, as azeitonas e o peixe, ao macarrão; ponha num prato de pyrex. Misture tudo cuidadosamente. Espalhe por cima o creme de palmitos (ou cogumelos).

4. Asse em forno moderado, cêrca de 30 minutos. Enfeite com os ovos cozidos e raminhos de salsa. (Receita para 6 pessoas).

SOUFLÉ DE CHOCOLATE

● *INGREDIENTES*

3 colheres das de sopa de manteiga ou margarina.

60 gramas de chocolate

3 colheres das de sopa de farinha de trigo

1 xícara de leite

2/3 de xícara de açúcar

3 ovos

1 pitada de sal

1 colher das de chá de essência de baunilha.

● MANEIRA DE FAZER

1. Derreta a manteiga e o chocolate em fogo lento. Junte a farinha. Misture tudo bem e ponha para cozinhar, até fazer bolhas.

2. Ponha o leite de uma só vez e 1/3 do açúcar. Cozinhe, mexendo sem parar até engrossar. Adicione os ovos (só as gemas) uma de cada vez, misturando bem depois de cada adição.

3. Ponha o sal nas claras e bata em ponto de neve. Junte a essência de baunilha e o açúcar restante, as colheradas, até a mistura se tornar bem espêssa.

4. Jogue a mistura de gemas, gradualmente, nas claras batidas tendo o cuidado de bater depois de cada ação.

5. Asse numa fôrma de vidro que possa ir ao forno, bem untada, de 1 hora a 1 hora e meia. Sirva bem quente com creme de baunilha.

Conselhos úteis

★ POR QUE não experimenta o espinafre cru para variar os seus pratos de salada? E' gostoso e saudável. Pode servi-lo com rodelas de cebola, ovos cozidos e môlho de maionese.

★ QUANDO a gema de ôvo permanece inteira ao cair na frigideira o ôvo está bom. Quando se espalha o ôvo já não é tão fresco.

★ OS PEIXES devem ser cozidos depressa. Quando se deixa muito tempo na água endurecem e, às vêzes, ficam escuros.

★ DEVE-SE limpar imediatamente as manchas de café, diluindo-as com água fria ou morna. Depois de sêcas será muito mais difícil removê-las. Mesmo assim ,saem com tetracloreto de carbono. (APLA)

FALANDO de ETIQUÊTA

MUITA coisa já foi dita sôbre quem é que deve convidar o outro a visitá-lo primeiro. Senhoras de mais idade ou de maior importância é que se supõe tendo essa prerrogativa. Também aquêles que estão no lugar a mais tempo têm o privilégio de iniciar as amizades visitando ou convidando os recém-chegados.

Isso não quer dizer que essas normas nunca devem ser quebradas. Se alguma tem um quadro ou um objeto que possa interessar, à Senhora Mais Importante ou à Senhora Mais Idosa, pode convidá-la para uma visitinha ou talvez um chá, para ver o tal objeto de interêsse.

As mulheres mais jovens podem oferecer-se como voluntárias para trabalhar na obra de caridade favorita da senhora mais idosa ou para ingressar em comitês de qualquer movimento cívico controlado pelas mais velhas. Podem também visitar a senhora mais idosa ou a senhora mais antiga do lugar para pedir-lhe ajuda para alguma obra iniciada pelo grupo mais jovem ou pelo grupo mais novo da cidade ou do bairro. Geralmente, porém, é a senhora mais velha quem convida a mais jovem para visitá-la, caso simpatize com a mesma. Pode também chamar a senhora ou senhorita mais jovem para tomar parte em alguma festa pública ou particular, onde encontrará pessoas da mesma idade. Em resumo, na maior parte das vêzes, os membros mais jovens ou mais novos de uma comunidade devem conquistar o seu reconhecimento, merecendo-o de um modo ou de outro. Prestar serviços aos outros é o melhor meio de merecê-lo.

★

ALGUMAS de nós ensinam as crianças a dizer «obrigado» sem nem ao menos perceber que elas próprias não agradecem às crianças. Êsse ensinamento unilateral está destinado ao fracasso. E' preciso agradecer à criança por ser pontual, por comer direito, por ser cortês para com os outros em público ou em casa.

Algumas de nós pedem a uma criança para apanhar uma coisa ou fazer algo, sem dizer «por favor» — e depois que a criança se desincumbe da tarefa esquece-se do «obrigado» considerando como um direito dos adultos dar ordens e ser servido. Não será, pois, uma surprêsa se as crianças se tornam relutantes em obedecer e não se importam com as conveniências dos adultos.

O dia em que se sentir como um mebro benquisto da sociedade ao invés de ser apenas uma pessoa pequena que deve obedecer alguém maior do que ela, terá orgulho em se comportar direito. Será de grande importância para o futuro da criança se aprender a escrever cartas em tenra idade. Êsse é um hábito que torna a vida mais suave e mais produtiva. Se a criança fôr muito pequena para escrever dite-lhe bilhetes para os parentes e amigos. Aos poucos se familiarizará, e escrever uma carta não lhe será uma dificuldade como para muita gente que nunca a isso se habituou.

★

É decididamente incorreto convidar uma pessoa para uma festa ou um jantar na presença de uma terceira pessoa que não está incluída no convite. Essa norma muitas vêzes não é seguida pelos jovens que falam antes de pensar. Sòmente a sua mocidade pode desculpá-los.

Essa «gaffe» numa pessoa mais velha é tão horrível que mesmo o convidado não se sentirá bem por ter um amigo tão rude e sem tacto. Se achar que não terá outra oportunidade de fazer o convite mais tarde, pode lhe dizer: — Antes de ir embora venha falar comigo. Tenho um recado para você.

★

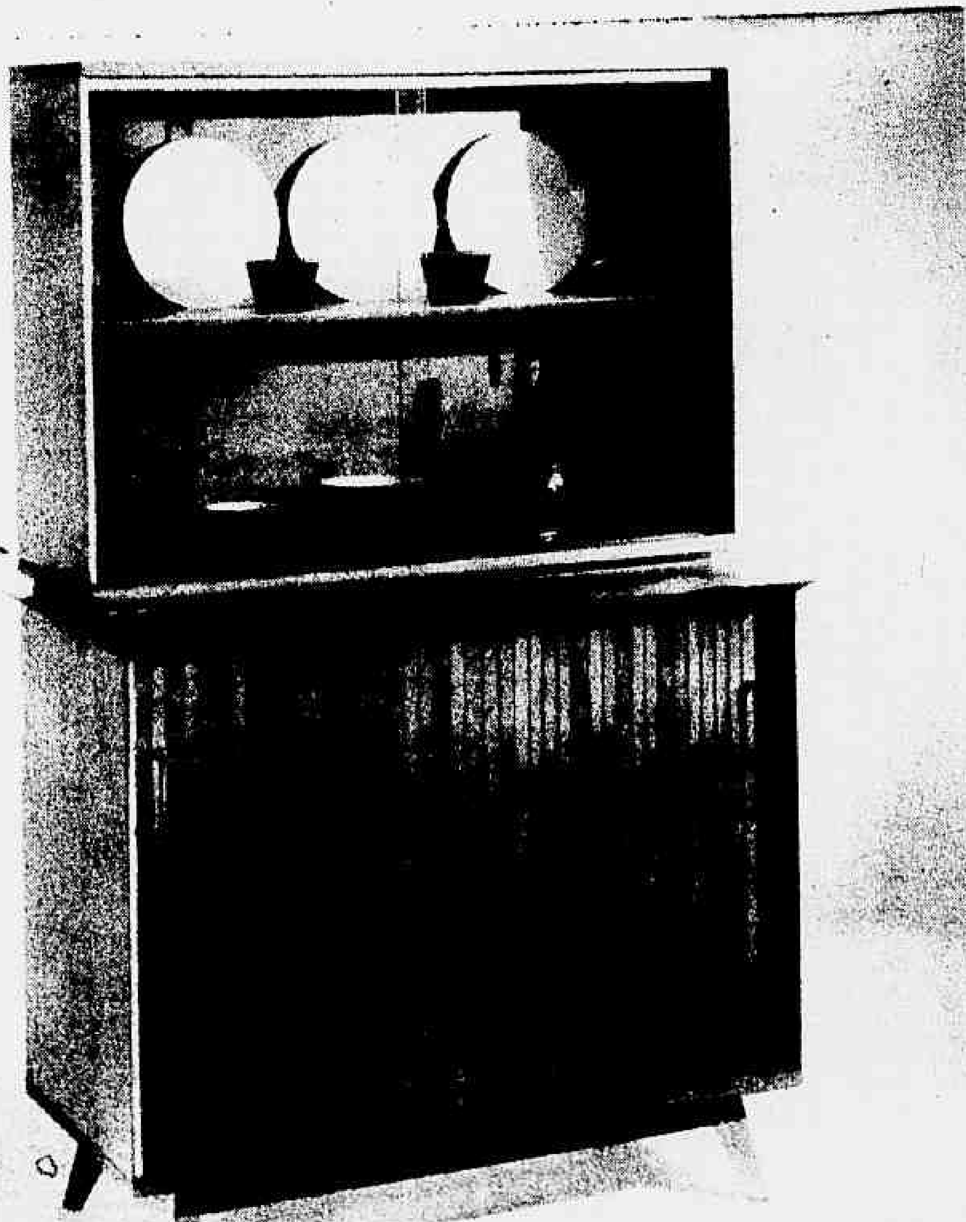
DE outro lado, também é falta de educação ficar ressentido porque não foi convidado para a festa de um amigo. Poderá êle ter tido muitas razões para tal. O jantar teria alguma «finalidade», como reunir pessoas entendidas num assunto determinado que não era absolutamente de seu interêsse.

E' de boa educação, e uma feliz maneira de viver, deixar que nossos amigos vivam sua própria vida e tenham lá seus planos, sem depender sempre de nossa inclusão nos mesmos. A mulher e o homem de boa educação não se ressentem por isso nem reclamam. Uma atitude correta é uma parte importante do sucesso social — o do sucesso em qualquer outro campo.

Também não se deve discutir assuntos referentes à etiqueta em conversa. As maneiras no falar são muitas vêzes mais chocantes do que no agir. As pessoas de boas maneiras não falam nos teatros, óperas, concertos, funerais, casamentos ou cinema. Os comentários, principalmente se forem desfavoráveis não devem ser feitos.

Você nunca verá uma pessoa realmente culta condenar ou criticar um indivíduo por sua raça ou por seu credo. Todos nós seremos melhor conceituados se aprendermos a não expressar a torto e a direito nossos gostos pessoais. Em geral comentários dêsse gênero são inteiramente gratuitos e muitas vêzes quase ofensivos e mais cedo ou mais tarde quem os diz pagará de uma forma ou de outra. Um pouco de tolerância é necessária para a vida em sociedade e a harmonia geral. Cria atmosfera propícia para discussão de assuntos sérios, intelectuais e para um contato cada vez mais intenso com o próximo. (APLA).

Sugestões para o lar



As linhas simples e a beleza da madeira clara distinguem êste aparador em duas partes separadas, apresentado na exposição de Baumritter. — (Foto Transworld).

UM APARTAMENTO MODERNO deve ser mobilado com peças simples e fáceis de serem conservadas. Já se foi o tempo em que nossas avós dispunham de um exército de criadas que perdiam horas e dias passando escovinhas nas reentrâncias dos complicados móveis de jacarandá esculpidos e entalhados.

● Hoje a dona de casa, em quase tôdas as posições sociais, tem ela própria, que cuidar de seu lar, por isso escolhe peças que não lhe dêem muito trabalho, quase sempre de linhas definidas, graciosas sim, porém sem adornos e entalhes desnecessários que apenas serviriam para acumular poeira.

● Há um outro aspecto também: os móveis modernos devem ser pequenos, para não atravancar os aposentos que se tornam cada dia menores e em menor quantidade. Quando são grandes prestam-se a diversas finalidades como as bibliotecas com bar-eletrola e escrivaninha numa só peça; os aparadores com prateleiras e gavetas para a roupa de cama e mesa: e até o armário com sofá que se transforma em sofá cama com um simples movimento!

● Escolha, pois, a mobília de sua casa dentro dêsse critério de simplicidade e confôrto, se não quer perder horas preciosas limpando e esfregando peças complicadas. Afinal a vida cada dia passa mais depressa e menos são as horas que podemos desperdiçar inùtilmente!

Sempre melhorando...

a **BANDEIRANTES** anuncia:



RÁDIO BANDEIRANTES

– a mais popular emissora paulista



VIVE OS SEUS ÚLTIMOS DIAS EM PERNAMBUCO, O VENCEDOR DO 1.º GRANDE PRÊMIO «BRASIL» ★ «SMALL-CHANGE», A AMOROSA DO HARÉM DO CRAQUE ★ A DESCENDÊNCIA

Reportagem de EDMAR MOREL
Fotos de ADIR VIEIRA

MOSSORÓ, o craque nacional que, em 1933 ganhou o 1º Grande Premio Brasil, agoniza nos arredores de Recife. O animal que venceu nos hipódromos do Brasil e da Inglaterra está com os dias contados. Ainda não foi sacrificado, ùnicamente, porque é «Mossoró», o filho de «Kitchner» e «Galatéa», nascido em 24 de agósto de 1929 no «haras» Maranguape, na cidade de Paulista, em Pernambuco. Seus avós são «Novelty», «Ma Choutte», «En Course» e, finalmente, o célebre «Péricles», o animal que a Inglaterra chorou quando viu partir para o Brasil, etc., etc.

Os dois etcêteras evitarão maiores detalhes biográficos e possíveis discussões com os doutôres em assuntos cavalares...

O fato é que «Mossoró», depois da espetacular vitória em 1933, levando de vencida animais de fama internacional, numa corrida em que não era o favorito, passou à galeria dos heróis. O seu nome aparece, agora, como marcas de cigarro, cachaça, salão de barbearia, tecidos, embarcações, canção popular, etc.

Ei-lo, ao nosso lado, com 24 anos de idade, mal podendo andar, com as patas dianteiras deformadas em conseqüência de um processo de calcificação, sinal de velhice...

Quase não sai da baia, cujo chão é um cobertor de serragem. Um hábito dos áureos tempos, não perdeu: gosta de morder.

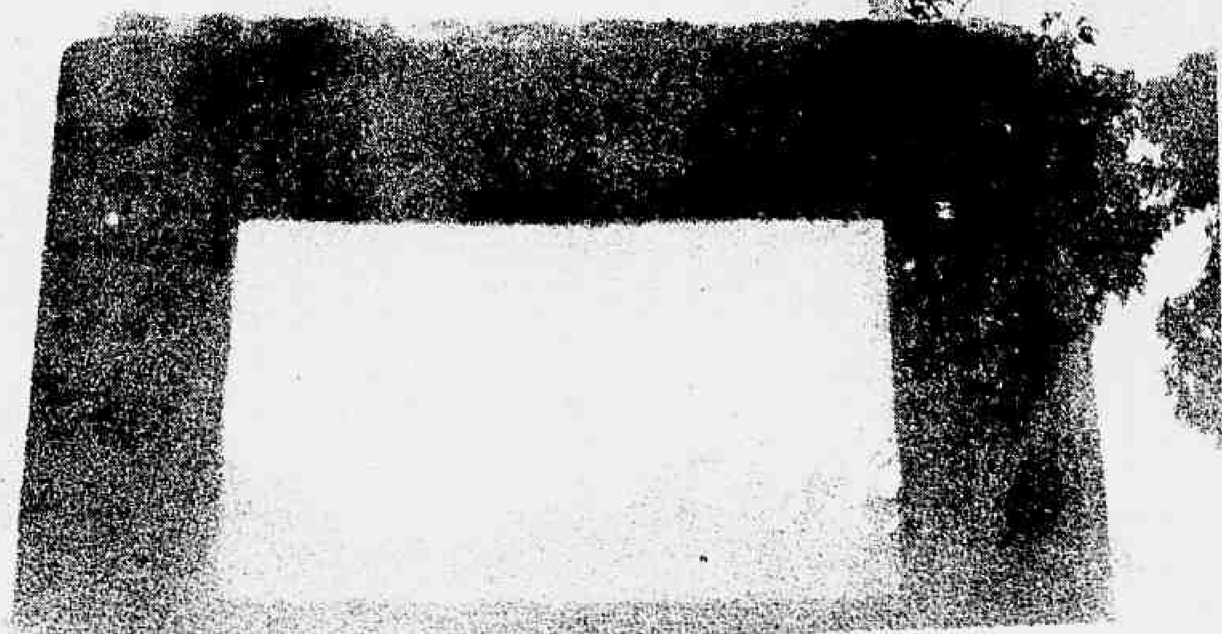
UM HARÉM...

— Ali, debaixo daquela palmeira plantada pelo Cel. Frederico Lundgren, nasceu «Mossoró» — disse-me Tito, o seu parteiro. — E ali êle será enterrado.»



O velho «Mossoró» num «close-up» especial para a REVISTA DA SEMANA, parece sorrir amàvelmente. Na outra fotografia, sua estátua, localizada no Parque da Exposição, no Recife,

O CREPÚSCULO DE MOSSORÓ



«Mossoró» foi o primeiro cavalo brasileiro que atuou nas pistas inglêsas. Considerado ali animal estrangeiro, e precedido de grande fama, foi sempre o «top-weight» em tôdas as provas em que tomou parte carregando por vêzes mais de 60 quilos. Ao par das elevadas sobrecargas teve atuação brilhantíssima nas pistas inglêsas. Venceu em 1935 importante carreira, no hipódromo de Bath, sôbre a longa distância de 2 513 metros. Vitória fácil, dirigida pelo famoso Gordon Richards, deixando à sua retaguarda 18 reputados concorrentes. Disputou o «Cesarewitch Stakes» do mesmo ano, prova de maior fôlego da Inglaterra, com 61 quilos, em 3 600 metros, entrando em quinto lugar, e na frente de 27 competidores, pois dela participaram 32 concorrentes. Colocou-se nos importantes clássicos inglêses «Cambridgeshire Stakes», «Manchester November Handicap», «The Spring Warwick Handicap», prova que perdeu por meia cabeça.

O CREPÚSCULO

Quando o fotógrafo se aproximou de sua «cabine», «Mossoró» fitou as orelhas e lhe lançou um olhar duro, com o qual parecia querer fazer a pergunta: — «Que é que há, hein?»



«Mossoró» e o filho que, em breve, virá ao Rio de Janeiro. Ainda não foi batizado

«Mossoró» teve um horém. Hoje, como consôlo, tem apenas, o carinho de «Small Change», sua preferida, com quem teve um filho, um potro que em breve virá para o Rio e São Paulo.

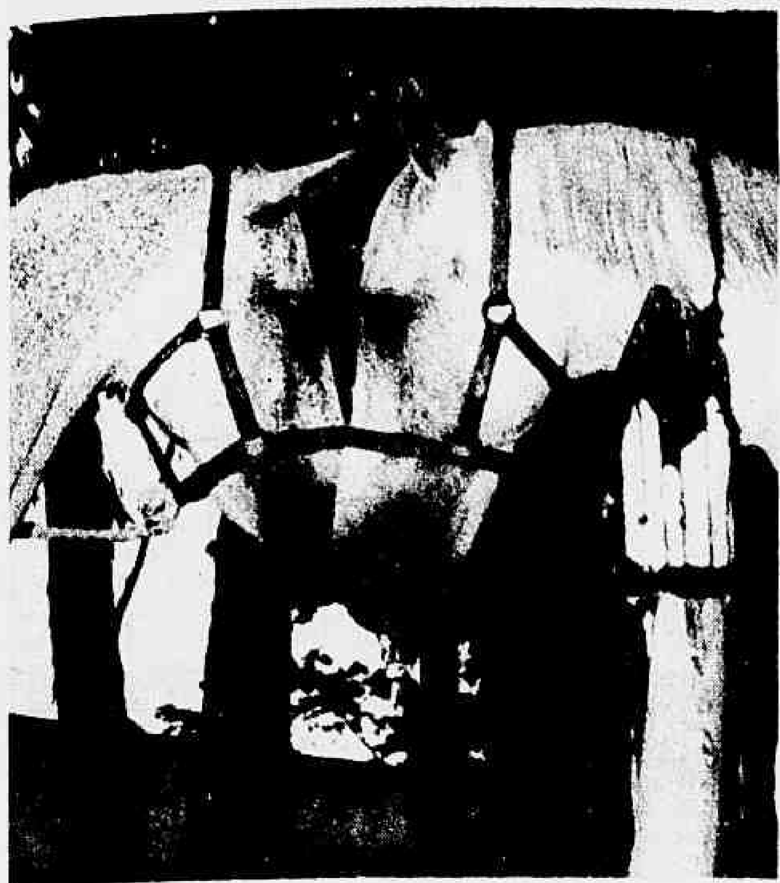
Um colóquio no Leblon, mesmo às escuras, nunca terá o romantismo da visita de «Small Change» ao campeão vencido pela idade. E o namôro é assistido pelo filhote do casal. «Mossoró» teve outros filhos e outras companheiras. Nenhuma, porém, como «Small Change», agora esperando cria de «Rio Tinto», o substituto do campeão. «Sucesso», outro filho de «Mossoró» com «Coary», está nas pegadas do pai, já que «Dulipé», «Mossorroina», «Teddy», não honraram as tradições do velho. Ao todo são 28 filhos espalhados pelo Brasil inteiro, em particular, no Rio, São Paulo, Pernambuco, Paraná, Minas Gerais. Os filhos que conseguiram fama são «Mocotolombo», «Adail», «Gorgona». Os outros são: «Matapiruma», «Severo», «Norma», «Valkiria», «Pirajá», «Mariposa», «Jandaia», «Edunio», «Marcílio Dias», «Belfegor», «Milico», etc.



«Uiapi», o rufião a quem «Mossoró» não dá bola. E quando a coisa realmente vem a esquentar, o hoje valetudinário «Mossoró» parece querer dizer: — «Dá o fora, menino!»



As patas dianteiras do famoso cavalo, herói do ano de 1933, visivelmente deformadas.



«Small Change», à esquerda, um dos mais fiéis amôres de Mossoró na sua ilha de Santa Helena.

AS COMPANHEIRAS

Muitas foram as companheiras de «Mossoró», hoje um borocochô. No seu tempo teve um verdadeiro «harém». A sua última proeza de reprodutor foi com «Galter Princess», a inglêsa que dará ao turfe nacional o último filho de «Mossoró».

«Tito», que viu nascer o campeão, é o seu melhor amigo. Levantou a pata dianteira esquerda para mostrar a deformação óssea e disse:

— Que saúde de ferro! Nunca bebeu uma gôta d'água como remédio.

E o antigo tratador dos animais de puro sangue dos Lundgrens, numa evocação ao passado, lembra que o tempo de «Mossoró» no 1º Grande Prêmio Brasil foi de 187 segundos, em 3 000 metros, cousa que ainda faz inveja. Fala da estátua do seu pupilo no Recife.

— Coitado! E' uma questão de dias, um mês...

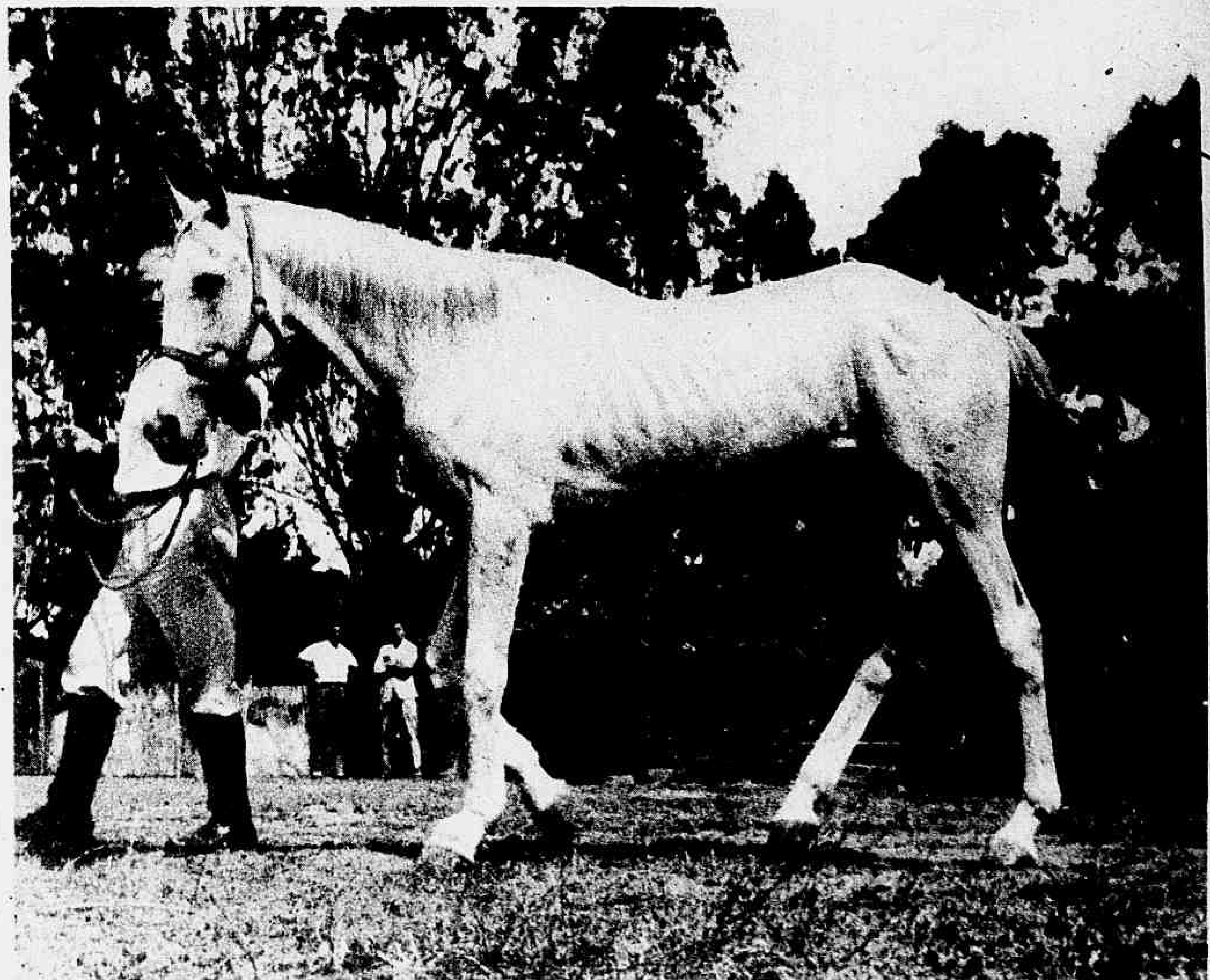
Uma irmã do herói, «Gala Nora», 100% nacional,



«Mossoró» — apesar de envelhecido — não deixa de manter seus antigos hábitos de boa higiene. Aqui o vemos no momento em que realizava o seu melancólico passeio matinal.



As patas traseiras, no entretanto, se mantêm ainda naquele velho «aplomb» de elegância.



«A cavalo dado não se olha os dentes» — diz o velho e conhecido adágio popular; e não era isso o que realmente acontecia. Apenas o tratador de «Mossoró» lhe fazia um exame.

O CREPÚSCULO DE «MOSSORÓ»



E quando «Small Change» foi-se embora, «Mossoró» chorou de tristeza, como o enamorado que vê partir, para nunca mais voltar, a sua amada.

mãe do animal «Ademir», tem vários traços do irmão.

Pelo antigo harém de «Mossoró», entre outras, passaram «Rio Paluma», inglêsa, mãe de «Cordilheira», **«Paraíba», britânica, mãe de «Seléia», «Paulista», etc.** A lista é grande e a divulgação de todos os nomes pode dar complicações no mundo cavalar. Nunca é demais falar nos nomes das éguas «Imira», «Marajó», **«Tutóia», «Seléia», «Soldadera», «Tapacura»,** «Arypunan», «Aruapiry», «Uytucara», «Geniparana», «Majority-Colling», «Itaquaty», «Vencedora», «Solidária». Puxa!

O FIM

Quando «Small Change», em companhia do seu filho, deixou a casa de «Mossoró», cercada por milhares de pés de eucaliptos, «Uiapi», o rufião do haras, relinchou desesperadamente. «Mossoró», com a cabeça sôbre a cêrca, viu a preferida desaparecer e olhou com desprêzo para «Uiapi», como quem diz:

— Você só faz barulho...

Eram 10 horas. «Mossoró» deu um ligeiro passeio pelo cercado e procurou refúgio na cocheira. Abriu a bôca e mostrou a dentadura cheia de falhas.

Sempre mancando e os olhos rasos de lágrimas, o campeão aproxima-se do fim, sem perder, todavia, o seu porte altaneiro.



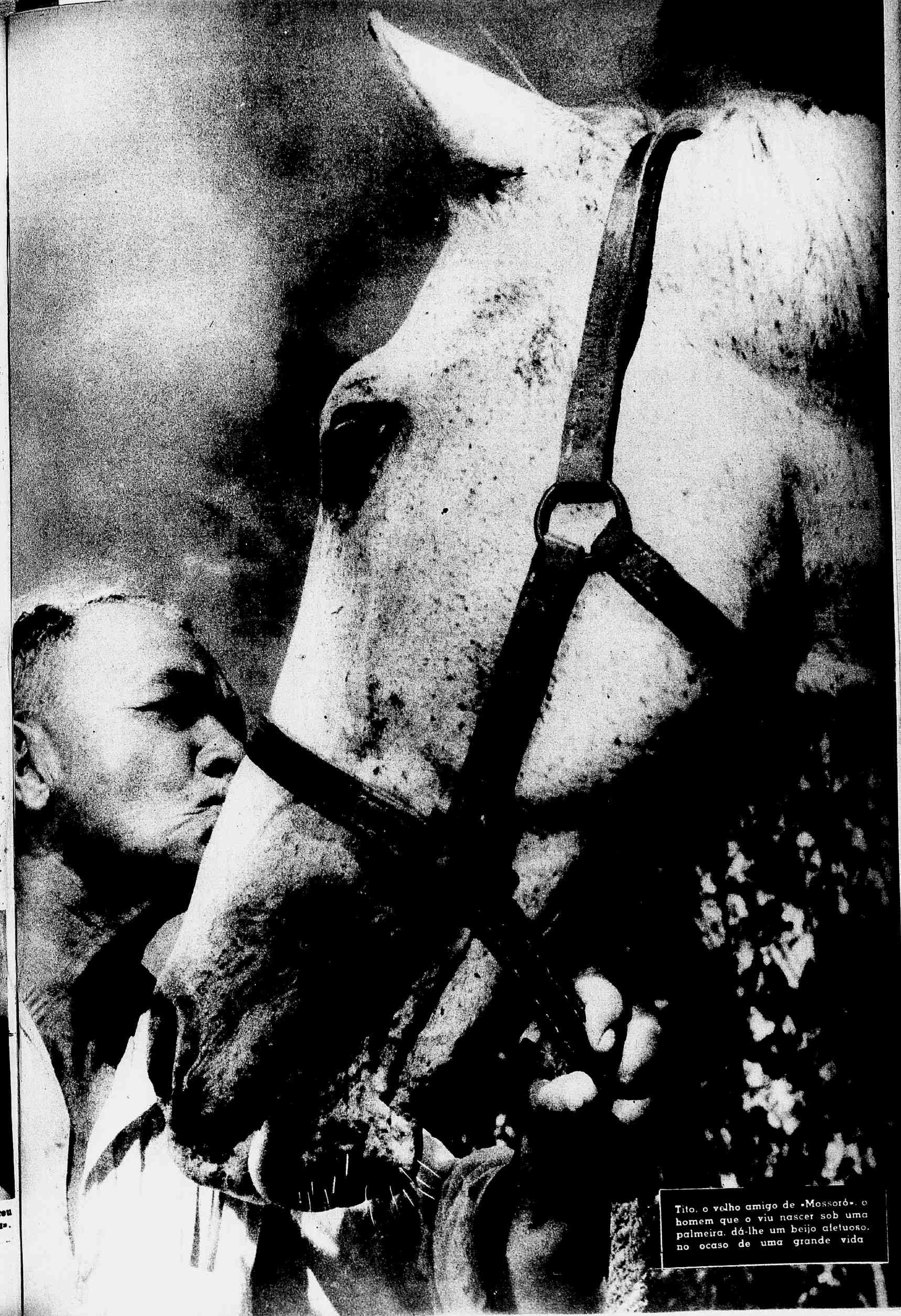
«Paulista», que foi outra beldade do harém do inesquecível e fiel cavalo «Mossoró».



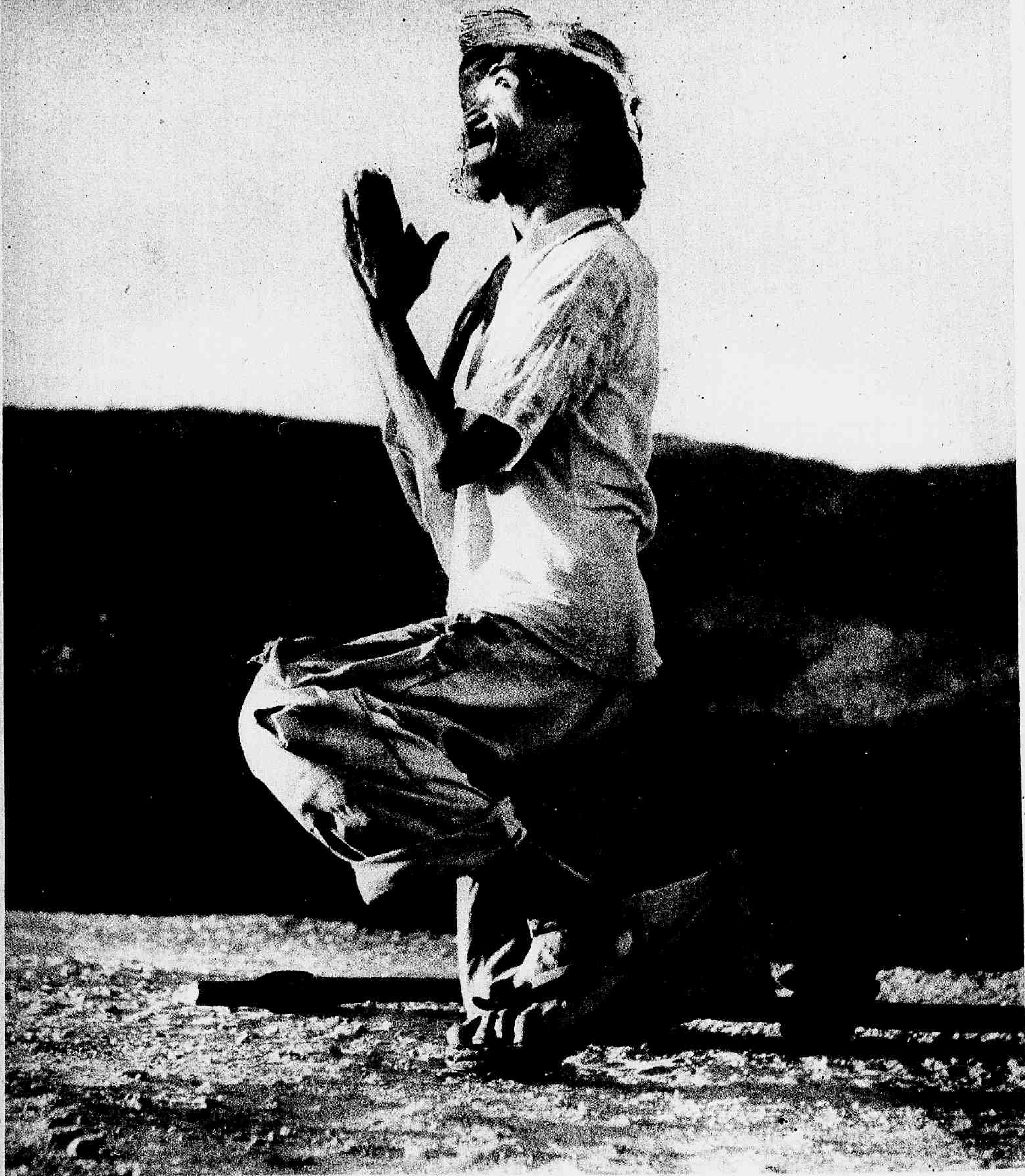
Êste é «Sucesso», fogoso e belo filho do grande craque de nossas pistas «Mossoró».



«Paraíba», inglêsa, mais uma que pertenceu ao harém de «Mossoró», mãe de «Seléia».



Tito, o velho amigo de «Mossoró», o homem que o viu nascer sob uma palmeira, dá-lhe um beijo aletuoso, no ocaso de uma grande vida



ÚLTIMO FLASH

A CAMPANHA desencadeada no Rio pela «Tribuna da Imprensa» e pela «Rádio Mayrink Veiga» sob o título «Ajuda teu irmão», em favor das vítimas da sêca do Nordeste, vem obtendo o mais completo êxito. Em uma dessas noites, Olegário Mariano leu, ao microfone daquela emissora, um lindo poema, sôbre o sofrimento do nordestino no qual o poeta de Pernambuco simboliza a figura do sertanejo sofredor na pessoa de «Mané Paciência». E esta fotografia, que acabamos de receber dos nossos enviados especiais, colhida no âmago da região comburida, mostra um velho sertanejo que, diante do repórter, não teve cerimônia de ajoelhar-se, em plena estrada poeirenta, para pedir chuva a Deus. E' um «Mané Paciência», heróico e anônimo, humilde e altivo. Porque, como diria o verso branco de Macedo, «só ante Deus um homem se ajoelha».

MÓVEIS — TAPÊTES — CORTINAS



projeto da CASA NUNES para
CURITIBA — Estado do Paraná



Tapêtes e passadeiras

de forração em côres lisas e com flores

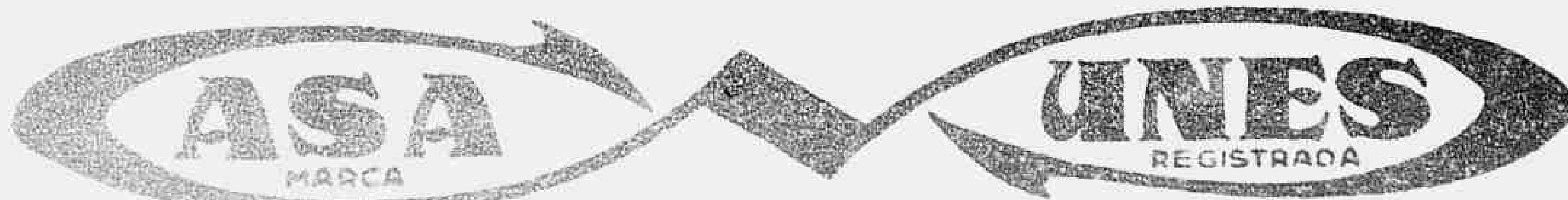
Grupos estofados

especialidade de nossas oficinas

Tapêtes feitos à mão

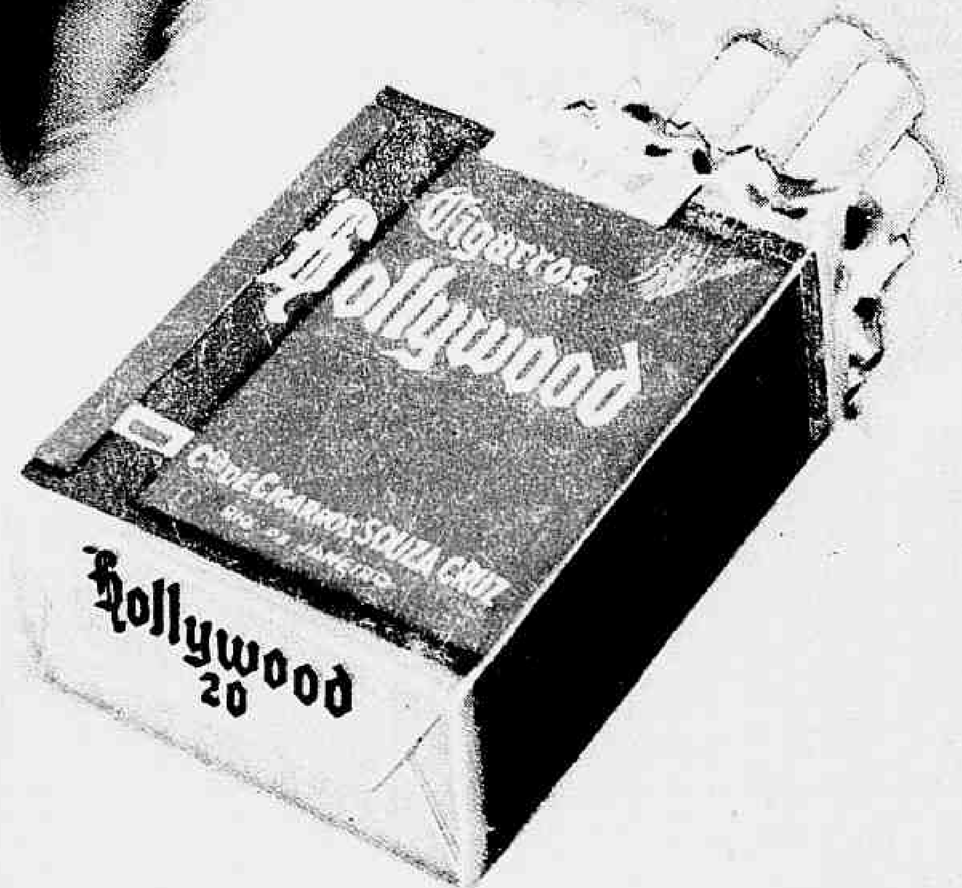
de grande beleza e originalidade

Agora
PREÇOS QUE ANIMAM A COMPRAR



65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

Uma tradição de bom gôsto



CIGARROS

hollywood

UM PRODUTO SOUZA CRUZ